

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

SABINE ZINK BOLONHINI

**Pedagogia do Esporte e a iniciação ao
Tênis de Campo:**
um estudo nos principais clubes de São
Paulo

Campinas
2009

SABINE ZINK BOLONHINI

**Pedagogia do Esporte e a iniciação ao
Tênis de Campo:**
um estudo nos principais clubes de São
Paulo

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Roberto Rodrigues Paes

Campinas
2009

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

B638p Bolonhini, Sabine Zink
Pedagogia do esporte e a iniciação ao tênis de campo: um estudo nos principais clubes de São Paulo / Sabine Zink Bolonhini. - Campinas, SP: [s.n.], 2009.

Orientador: Roberto Rodrigues Paes
Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Esportes - Pedagogia. 2. Iniciação esportiva. 3. Tênis (jogo). 4. TGFU. I. Paes, Roberto Rodrigues. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

(asm/fef)

Título em inglês: Sport pedagogy and the initiation to tennis: a study in the main sport clubs in São Paulo.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Sport pedagogy. Sport initiation. Tennis. TGFU

Área de Concentração: Ciências do Desporto.

Titulação: Mestrado em Educação Física.

Banca Examinadora: Roberto Rodrigues Paes. Sergio Stucchi. Maria Thereza Krahenbuhl Leitão.

Data da defesa: 09/12/2009.

SABINE ZINK BOLONHINI

**Pedagogia do Esporte e a iniciação ao Tênis de
Campo:**
Um estudo nos principais clubes de São Paulo

Este exemplar corresponde à redação final da
Dissertação de Mestrado defendida por Sabine
Zink Bolonhini e aprovada pela Comissão
juladora em: 09/12/2009



Roberto Rodrigues Paes
Orientador

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes
Orientador



Profa. Dra. Maria Thereza Krähenbühl Leitão



Prof. Dr. Sérgio Stucchi

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha família.

Agradecimentos

Este trabalho não teria sido realizado sem a contribuição de muitas pessoas. Agradeço, de todo coração, à minha família. Meus pais, Carmen e Nelson, e minha irmã, Larissa. Vocês estiveram ao meu lado no caminho de construção desta dissertação, vocês foram a minha companhia, minha alegria e minha força. A história que construímos juntos, todos os dias, possibilitou a realização deste estudo. Vocês também são autores desta dissertação. Amo muito vocês, muito obrigada por tudo...

Agradeço ao Udo, e à Té, meus tios do coração! Um está perto, a outra está longe, mas os dois moram no meu coração e sou muito feliz por tê-los comigo.

Omama e Opapa... não tenho palavras para agradece-los e para dizer o quanto vocês são importantes para mim. Vocês me guiam, confortam e me iluminam. Muito obrigada pelas viagens (P.O.V. 's), pelos almoços e pela companhia no dia a dia.

Agradeço também ao meu amor, que esteve presente nas alegrias, sofrimentos e irritações que a realização deste trabalho gerou. Sempre soube o que falar e como agir para me confortar. Você é uma pessoa maravilhosa, muito, muito especial. Amo muito você e espero estar ao seu lado em muitas outras jornadas nas nossas vidas.

Agradeço ao Robertão pelas orientações, suportes e incentivos.

Agradeço aos colegas de trabalho, companheiros do dia-a-dia que compartilham minha visão apaixonada pelo Tênis. Ao Gil, por todas as portas que ele abriu. Graças a você a pesquisa pôde ser realizada...

Aos profissionais que participaram da pesquisa. Muito obrigada pela receptividade, atenção e interesse. Aprendi muito com vocês...

Aos amigos, agradeço pelas risadas, alegrias e bons momentos que vivemos juntos...

Bolonhini, Sabine. **Pedagogia do Esporte e a iniciação ao Tênis de Campo**: um estudo nos principais clubes de São Paulo. 2009. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

RESUMO

Esse estudo promove, no primeiro momento, uma discussão teórica acerca da Pedagogia do Esporte e da iniciação esportiva ao Tênis de Campo. As reflexões basearam-se a partir dos autores que defendem a proposta pedagógica do Teaching Games For Understanding (TGFU). No decorrer das discussões teóricas, foi realizado um diálogo entre as propostas desses autores e as reflexões de autores brasileiros que abordam o tema da Pedagogia do Esporte. É importante ressaltar que, a partir do encontro e da comparação das propostas de dois grupos de autores, é possível contribuir de maneira significativa para avanços da produção teórica no tema da Pedagogia do Esporte e Iniciação Esportiva. Além de contribuir com a construção de um referencial teórico, este estudo teve como objetivo verificar quais as características da Iniciação Esportiva nos 4 principais clubes do Estado de São Paulo. Para isso, foi realizada uma pesquisa de campo dividida em dois momentos: realização de entrevistas semi-estruturadas com os professores envolvidos com as aulas de iniciação esportiva nos clubes e a realização de observações não-participantes das aulas ministradas por esses professores. O objetivo das entrevistas foi o de verificar o perfil do profissional que trabalha com a iniciação esportiva à modalidade: sua formação escolar, sua experiência com a modalidade e, principalmente o de constatar quais os principais conteúdos que eles consideram que devem ser trabalhados em aulas de iniciação esportiva ao Tênis de Campo. O objetivo da observação das aulas foi o de constatar quais os conteúdos trabalhados nas aulas e quais os procedimentos pedagógicos utilizados pelo professores. A partir da pesquisa de campo, constatou-se que a maioria dos professores entrevistados não possui formação acadêmica em Educação Física, todos eles possuíam vivência na modalidade antes de se tornarem professores, e acreditavam que o ensino dos elementos técnicos da modalidade corresponde ao principal conteúdo a ser ensinado nas aulas de iniciação esportiva. Em relação aos conteúdos trabalhados durante as aulas, foi possível constatar que a preocupação central da maioria das aulas ainda é a de ensinar as habilidades técnicas da modalidade. Nesse sentido, verificamos uma disparidade entre as propostas pedagógicas de ensino do Tênis de Campo e o contexto da iniciação esportiva à modalidade constatado a partir da pesquisa de campo.

Palavras-Chaves: Pedagogia do Esporte; iniciação esportiva; Tênis de Campo; TGFU

Bolonhini, Sabine. **Sport Pedagogy and the initiation to Tennis:** a study in the main sport clubs in São Paulo. 2009. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

ABSTRACT

This study promotes, initially, a theoretical discussion about Sport Pedagogy and sport initiation to Tennis. The reflections were based upon the Teaching Games For Understanding (TGFU) proposal. During the theoretical discussions, we proposed an dialogue between the TGFU ideas and the reflections of Brazilian authors that discuss Sport Pedagogy. It is important to point out that through these comparisons of two different proposals it is possible to contribute to the development of the theoretical productions of Sport Pedagogy. Besides these theoretical contributions, this study aims to verify the characteristics of sport initiation to Tennis in the 4 biggest sport clubs in the state of São Paulo. In order to do that, a field research took place in these clubs. This research was divided in two moments: first we interviewed the teachers responsible for the Tennis classes and, afterwards, we observed the classes. The purpose of the interviews was to get to know the profile of this professional involved in the process of sport initiation: the scholar level, the professional experience and, most importantly, verify what are the aspects of sport initiation classes that they consider to be more relevant in the classes. The purpose of the observation was to verify what activities are proposed during the classes. The field research showed that most of the teachers do not have a graduation degree in Physical Education, and all of them had some experience in Tennis before becoming teachers, also most of them believed that teaching the techniques should be the main purpose of the classes. Through the classes observation, it is possible to establish that most of the classes are based upon the goal of teaching technique skills. Thus, it is possible to see a disparity between the pedagogical proposals researched in the literature and the characteristics verified through the field research.

Keywords: Sport Pedagogy; sport initiation; Tennis; TGFU

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Modelo proposto por Bunker e Thorpe (1986).....	26
Figura 2 -	Quadro de Princípios táticos sugerida por Hopper (1998).....	36
Figura 3 -	Modelo dos 4 R's	50

SUMÁRIO

Introdução	19
1 A Proposta do TGFU.....	23
1.1 Categoria dos Jogos.....	34
2 Tênis de Campo	39
2.1 Introdução do Tênis de Campo no Brasil.....	40
2.2 Características da Modalidade	40
2.3 O Ensino do Tênis de Campo no início do século XX até a década de 80	44
2.4 O Ensino do Tênis de Campo na atualidade	45
2.5 Tênis de Campo e o TGFU	47
3 Métodos.....	57
3.1 Critérios da Pesquisa	61
3.2 Aspectos Éticos da Pesquisa	61
4 Apresentação dos Dados	63
4.1 Sociedade Hípica de Campinas	63
4.1.1 Caracterização dos Entrevistados	63
4.1.2 Descrição Analítica das Entrevistas	64
4.1.3 Análise Inferencial das Entrevistas	64
4.1.4 Diário de Campo	66
4.2 Clube Atlético Paulistano.....	70
4.2.1 Caracterização dos Sujeitos	70
4.2.2 Descrição Analítica das Entrevistas	71
4.2.3 Análise Inferencial das Entrevistas	72
4.2.4 Diário de Campo	74
4.3 Clube Paineiras do Morumby	78
4.3.1 Caracterização dos Sujeitos	78
4.3.2 Descrição Analítica das Entrevistas	78
4.3.3 Análise Inferencial das Entrevistas	79
4.3.4 Diário de Campo.....	80

4.4 Esporte Clube Pinheiros	83
4.4.1 Caracterização dos Sujeitos	83
4.4.2 Descrição Analítica das Entrevistas	84
4.4.3 Análise Inferencial das Entrevistas	85
4.4.4 Diário de Campo	86
5 Considerações Finais	91
Referências Bibliográficas	97
Apêndices	100

Introdução

As discussões acerca do processo de ensino, vivência e aprendizagem esportiva ocupam um papel cada vez mais significativo nas discussões das Ciências do Esporte. Existem diversas possibilidades de abordagem deste processo, como: discutir as diferentes fases de maturação e desenvolvimento da criança, e quais métodos de ensino são mais adequados para cada fase; discutir modelos de atividades que promovam uma aprendizagem de elementos técnicos e táticos de determinada modalidade esportiva.

Com a perspectiva de contribuir para uma ampliação e diversificação das discussões sobre o processo de ensino vivência e aprendizagem esportiva, este estudo terá suporte teórico em autores que abordam esse tema a partir da proposta de ensino chamada de Teaching Games for Understanding (TGFU). Esta linha teórica possui relevância no cenário internacional das discussões sobre propostas pedagógicas do esporte. Segundo Pope (2005), o TGFU corresponde a uma ferramenta para a possibilidade de reflexão sobre o ensino do esporte a partir de novas dimensões. Nesse sentido, acreditamos que é relevante uma revisão teórica sobre essa proposta pedagógica, associando-a ao contexto deste estudo, ao processo de ensino e aprendizagem do Tênis de Campo.

Um dos temas presentes neste estudo é a iniciação esportiva, que será abordada como um fenômeno complexo, composto por diversas unidades coexistentes que se inter-relacionam e constituem a vivência esportiva. Corroboramos com as propostas de Santana (2007) no sentido de questionar o pensamento simplista que permeia alguns estudos sobre a Pedagogia do Esporte. O autor questiona as linhas teóricas que estabelecem fases lineares a serem cumpridas durante o processo de iniciação esportiva que tem como ponto final o esporte profissional, questiona a especialização esportiva precoce e os profissionais que orientam sua prática visando a seleção esportiva, a busca por um talento esportivo.

O autor apresenta como contraponto a esses exemplos a complexidade que envolve a Pedagogia do Esporte e a iniciação esportiva. Evidencia que esse ambiente é composto por diversos personagens: criança, pais, professores, dirigentes de clubes, árbitros, entre outros. E esses personagens têm suas próprias histórias de vida, suas próprias vivências com o esporte, seus princípios e valores, enfim, cada personagem traz consigo a sua própria complexidade.

Diante disso, Santana (2007) sinaliza a importância de que os professores envolvidos no processo de iniciação esportiva reconheçam este cenário complexo e saibam lidar com ele. Para o autor, o pressuposto teórico que norteia a prática pedagógica na iniciação esportiva deve considerar o caráter essencialmente educacional desse fenômeno. Neste sentido, as aulas de iniciação esportiva devem contribuir de maneira significativa para a educação da criança, para a sua formação integral.

Para que a iniciação esportiva possa contribuir com essa formação integral é de fundamental importância que a prática pedagógica esteja centrada na criança. Paes (2001) discute este aspecto e afirma que o importante não é o jogo, mas sim quem joga. A criança assume o papel central na iniciação esportiva, e, assim, as propostas pedagógicas devem estar de acordo com as necessidades do universo infantil. Nesse sentido, é importante que as atividades propostas em aula estejam adequadas às características das crianças. As aulas devem conter elementos lúdicos, que atraem o interesse dos alunos. Por isso, é importante que as aulas sejam baseadas principalmente em jogos e brincadeiras, com regras adequadas ao nível de aptidão motora, à capacidade da criança em entender as regras e a lógica do jogo.

Com isso, são questionáveis as aulas de iniciação esportiva que seguem as mesmas estruturas de treinos de adultos. A criança tem um universo específico, que deve ser respeitado pelo professor no planejamento das aulas. Nesse sentido, Paes (2001) sugere o jogo possível como elemento importante, que deve estar presente nas aulas de iniciação esportiva. Segundo o autor, o jogo possível permite adaptações relativas ao espaço físico, ao material, às regras e faz com que os alunos compreendam a lógica tática e técnica do jogo formal. Além disso, o jogo possível busca um equilíbrio entre cooperação e competição, promove uma diversificação nos movimentos dos alunos e acentua o caráter lúdico das aulas.

A proposta pedagógica do Teaching Games For Understanding (TGFU) também coloca o jogo como elemento central nas aulas de iniciação esportiva, apresentando uma forma de ensino contextualizada, e sugerindo que as aulas de iniciação esportiva se baseiem em jogos reduzidos que se aproximem da estrutura do jogo formal. A compreensão tática, a tomada de decisão e a resolução de problemas são aspectos centrais dessa proposta de ensino. Dessa forma, o aluno compreende a lógica do jogo, sendo capaz de responder de maneira inteligente às situações que aparecem.

A partir das reflexões iniciais, fica clara a complexidade que envolve o cenário da Pedagogia do Esporte e da iniciação esportiva. O interesse em relacionar esses dois temas à modalidade de Tênis de Campo teve início durante o curso de graduação, durante o qual foi realizada uma Iniciação Científica com o objetivo de identificar o contexto da iniciação ao Tênis de Campo nos dois principais clubes do município de Campinas. Durante a Iniciação Científica, foram identificados diversos fatores que sinalizaram a importância da realização de um estudo mais aprofundado sobre a iniciação esportiva ao Tênis de Campo. Um desses fatores foi a escassez de trabalhos científicos no Brasil que discutam esse tema, sendo que a maioria dos que existem abordam a questão do ensino dos gestos técnicos, aspecto que não corresponde ao interesse desse estudo. Outro fator corresponde à disparidade entre as reflexões e propostas realizadas pelos autores estudiosos da iniciação esportiva encontradas na literatura e a realidade dos conteúdos e atividades trabalhados em aula.

Esses dois fatores indicaram a importância da realização de estudos que busquem construir uma compreensão mais ampla do processo de iniciação esportiva. É nesse sentido que o presente estudo foi estruturado. Inicialmente, foram realizadas discussões teóricas sobre a Iniciação Esportiva ao Tênis de Campo, de forma a contribuir com a construção de uma teoria que possa nortear a prática dos professores envolvidos com a modalidade. A seguir, foi realizada uma pesquisa de campo nos quatro principais clubes do estado de São Paulo com o objetivo de investigar o contexto das aulas de iniciação esportiva ao Tênis de Campo.

A pesquisa de campo foi realizada em dois momentos. Inicialmente foram feitas observações de aulas de iniciação esportiva nos clubes. Nessas observações, buscamos identificar quais os conteúdos pedagógicos e quais são as atividades propostas nas aulas. A seguir, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os professores responsáveis por ministrar as aulas de iniciação esportiva ao Tênis de Campo. O objetivo dessas entrevistas foi o de conhecer o perfil do profissional envolvido com esse processo, além de verificar qual o discurso desse professor sobre a iniciação esportiva. Enfim, verificar qual a base teórica que sustenta sua prática.

Podemos resumir os objetivos desse estudo da seguinte maneira:

Objetivo Geral

- Conhecer a realidade atual da iniciação ao Tênis de Campo em 4 instituições não-formais de ensino (clubes) no estado de São Paulo.

Objetivos específicos

- Realizar uma revisão bibliográfica sobre a teoria do TGFU, aproximando-a do processo de iniciação ao Tênis de Campo.

- Verificar qual é o perfil do profissional envolvido com a iniciação esportiva ao Tênis de Campo.

- Identificar os conteúdos e procedimentos pedagógicos desenvolvidos durante aulas de iniciação esportiva na modalidade Tênis de Campo nos ambientes previamente identificados.

A fim de atender esses objetivos, esse estudo foi dividido em 4 capítulos. O primeiro capítulo corresponde à Revisão Bibliográfica, que envolve discussões sobre a proposta pedagógica do TGFU. No segundo capítulo, será apresentada a modalidade do Tênis de Campo, com uma breve descrição das habilidades técnicas que compõem o jogo e das regras oficiais da modalidade. O terceiro capítulo expõe as questões metodológicas do estudo, que envolvem a caracterização da pesquisa, os métodos de coleta e de análise dos dados.

O quarto capítulo corresponde à apresentação e análise dos dados. Nesse momento foram realizadas discussões sobre os conteúdos das aulas e sobre o discurso do professor acerca do fenômeno da iniciação esportiva. As discussões foram norteadas pelo marco teórico construído na revisão bibliográfica.

1 A proposta do TGFU

O Esporte Contemporâneo corresponde a um fenômeno histórico, social e cultural, que envolve diferentes dimensões e, com isso, diversas possibilidades de análise e discussões. É um fenômeno social que pode ser estudado a partir de diferentes perspectivas, seja histórica, econômica, política, fisiológica, psicológica, entre diversas outras. Neste estudo, voltaremos o olhar para o aspecto que envolve as propostas pedagógicas do Esporte, com isso, procuraremos aprofundar as discussões sobre o ensino vivência e aprendizagem e a complexidade envolvida no processo de iniciação esportiva.

Bunker e Thorpe (1986) introduziram a discussão da proposta de ensino pautada no TGFU. Os autores, nesse artigo, realizam uma discussão teórica que fundamenta o modelo proposto, além de estabelecer um guia para o planejamento de aulas pautadas nessa linha.

O principal ponto criticado pelos autores é a linha pedagógica na qual as aulas de iniciação esportiva estavam tradicionalmente pautadas. Nestas aulas, cujo principal objetivo é o ensino de técnicas e habilidades, ocorria a execução repetida, em atividades fechadas, fora do contexto do jogo, dos gestos técnicos que compõe o jogo. A partir desse modelo, almeja-se a formação de jogadores habilidosos. O pressuposto teórico que sustenta o modelo tecnicista é o de que, uma vez aprendidas as técnicas, o aluno está apto para jogar o jogo formal. O jogo é dividido em gestos técnicos que são ensinados isoladamente. A partir disso, a expectativa é que o aluno saiba aplicar esses elementos no jogo de maneira eficiente.

Bunker e Thorpe (1986) ressaltam que este modelo tecnicista tem consequências negativas para o processo de formação de jogadores. Apontam para o fato de que os alunos tornam-se jogadores que dominam as habilidades técnicas, mas que não são capazes de ajustá-las ao contexto do jogo, e têm dificuldade no processo de tomada rápida de decisão. Ademais, ressaltam o fato de que esses alunos ficam dependentes dos professores para tomar as decisões de quais ações serão realizadas durante o jogo. Ou seja, o fato das aulas trabalharem o desenvolvimento de técnicas de maneira isolada não garante uma transferência destas técnicas de maneira eficiente no contexto do jogo.

Balbino e Paes (2005) também discutem a limitação das aulas de iniciação esportiva pautadas somente no modelo tecnicista. Entretanto, a proposta não é de que se

desconsidere esse modelo, assim como não desconsideramos a importância do domínio de certas habilidades técnicas. A crítica é realizada às aulas que se pautam majoritariamente no modelo tecnicista, em atividades analíticas com preocupações centradas apenas no ensino das técnicas. O ensino das técnicas de maneira isolada limita as situações de imprevisibilidade que uma aula baseada em jogos proporcionaria à criança. A complexidade que as diversas situações do jogo ocasionam é fator importante no desenvolvimento das inteligências e da criatividade da criança, na sua capacidade de lidar com os companheiros e adversários, buscando a melhor maneira de solucionar as adversidades. É possível verificar que o contexto do jogo é potencialmente educativo e, por isso deve ser utilizado em aulas de iniciação esportiva.

Balbino e Paes (2005) ressaltam que as produções teóricas no campo da Pedagogia do Esporte marcam a evolução nesse campo do conhecimento e, nesse sentido, sinalizam para a importância de novas formas de se pensar a pedagogia do esporte. Os autores levantam quatro pontos fundamentais que devem sustentar as propostas pedagógicas no ambiente da iniciação esportiva: a inclusão, a diversidade, a cooperação e a autonomia.

Além disso, aspectos que envolvem as inteligências e a criatividade, a capacidade de encontrar soluções eficientes para situações de imprevisibilidade, a integração com outros jogadores, a reflexão sobre a prática, entre diversos outros fatores, ficam limitados quando o aluno é submetido apenas à repetição de movimentos em exercícios analíticos. Nesse sentido, é no processo de ensino, vivência e aprendizagem que se realizam as possibilidades educacionais do esporte. É a partir dessa perspectiva que esse texto se desenvolve, a de que as aulas de iniciação esportiva podem contribuir de maneira significativa no processo de educação integral da criança.

Os autores que seguem a abordagem do TGFU ressaltam que é comum que jogadores não consigam aplicar as técnicas aprendidas durante os exercícios das aulas no contexto do jogo. Dominam a técnica, no entanto, não sabem decidir quando, porque, nem como utilizá-las na situação de jogo. Bunker e Thorpe (1986) sugerem um deslocamento no olhar para o jogo: ele não deve ser interpretado como um momento de aplicação de técnicas, mas sim como um contexto de resolução de problemas.

A partir disso, os autores defendem uma proposta de ensino esportivo baseada em jogos reduzidos, que correspondem a jogos com adaptações que estejam adequadas ao nível de compreensão e à capacidade de intervenção do aluno durante o jogo. Segundo Graça e Mesquita

(2007), as adaptações destes jogos podem estar relacionadas a quatro princípios pedagógicos: a seleção do tipo de jogo; as alterações do jogo por representação (formas de jogo reduzidas, representativas do jogo formal); a modificação por exagero (modificar as regras do jogo, espaço, tempo, a fim de garantir a atenção dos alunos para determinado problema tático), a adaptação da complexidade tática (os problemas táticos do jogo devem estar adequados ao nível dos alunos, para que eles possam evoluir na sua capacidade de compreensão e ação no jogo). Estes jogos modificados são o centro das aulas de iniciação esportiva, são a base sobre a qual se dá o processo de construção de conhecimentos do jogo.

É possível verificar que a teoria do TGFU propõe um deslocamento do olhar sobre as preocupações dos professores no ensino esportivo. Bunker e Thorpe (1986) sugerem que as reflexões sobre as propostas pedagógicas das aulas de iniciação esportiva estejam pautadas em questões como “o que fazer?”, “quando fazer?” e “por que fazer?”, ao invés do tradicional “como fazer?”. Existe uma preocupação em fazer com que o aluno perceba o contexto do jogo e os desafios que ele envolve. É a partir da vivência do jogo que os alunos devem perceber a necessidade de desenvolver determinada técnica: parte-se da análise da tática do jogo para se chegar à técnica, e não o contrário. É importante ressaltar que o TGFU não nega a importância da técnica, mas defende que ela seja trabalhada após a apreciação do jogo. Durante as vivências do jogo, o aluno percebe a necessidade de aprender determinada habilidade que o ajude na solução das situações problema. Dessa forma, a técnica está sempre contextualizada, inserida em uma situação de jogo.

Além dessas questões, é importante acrescentar outro ponto discutido por Paes (2001). O autor ressalta que “o importante não é o jogo, e sim quem joga”. Nesse sentido, os elementos que constituem o jogo devem ser pensados a partir dos benefícios que podem proporcionar à criança. Verificar em que medida o Jogo pode se tornar um facilitador pedagógico que contribua de maneira significativa no processo educacional da criança. É a partir dessa perspectiva que os professores deveriam estruturar suas aulas de iniciação esportiva. Dessa maneira, as contribuições não se limitam ao contexto da aula, mas se estendem para toda a vida da criança.

De acordo com Bunker e Thorpe (1986), as preocupações dos professores durante as aulas devem estar voltadas para os aspectos relacionados ao contexto dos jogos. Aspectos como a apreciação dos elementos do jogo, a percepção dos princípios táticos, a tomada

de decisão, a integração de elementos técnicos e táticos. Diante disso, devem seguir o modelo apresentado a seguir:

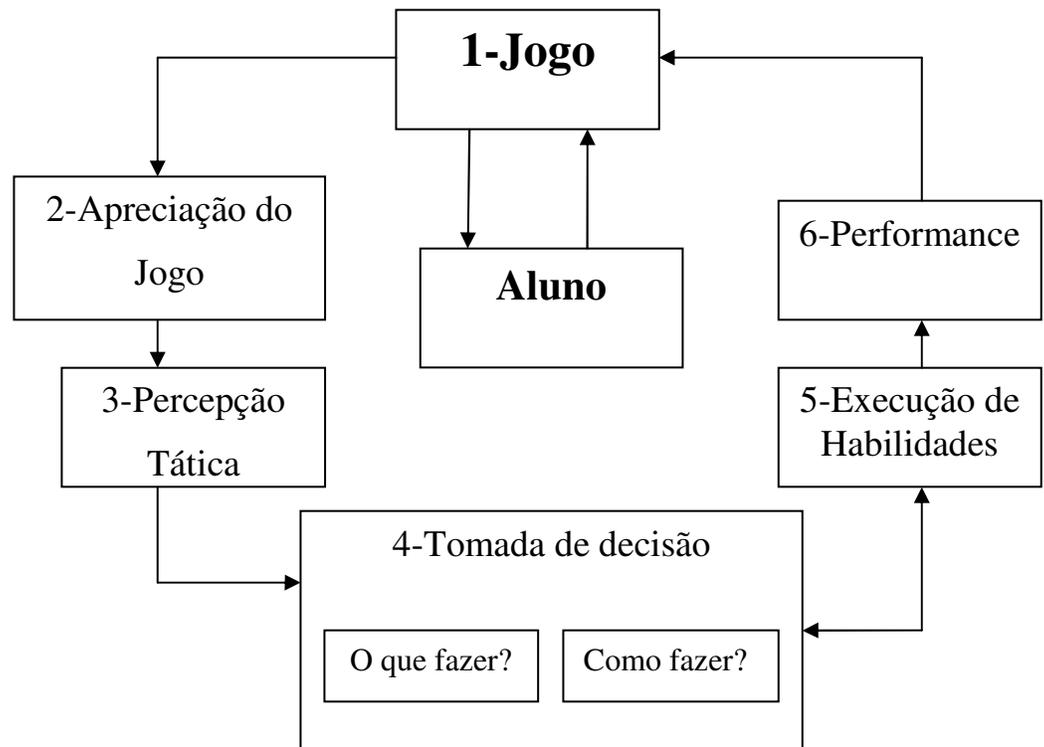


Figura 1- Modelo proposto por Bunker e Thorpe (1986), p. 6

Alguns conceitos chave desse modelo devem ser discutidos a fim de que se compreenda qual o referencial teórico que os autores utilizam dentro da proposta pedagógica do TGFU.

O Jogo corresponde a um momento que proporciona situações variadas e imprevisíveis. É composto por uma rede de elementos que se relacionam ocasionando experiências ricas e significativas que podem se estender para toda a vida da criança. Segundo Paes (2001), é importante que o Jogo seja utilizado com um facilitador pedagógico no processo de iniciação esportiva. Segundo o autor, o jogo oferece a possibilidade de acentuar o aspecto lúdico de uma prática esportiva, envolve aspectos sociais, culturais, psicológicos, cognitivos,

emocionais. Ao jogar, a criança aprende a lidar com os companheiros, com os adversários, aprende a reconhecer as suas próprias limitações, a lidar com situações de adversidade que requerem inteligência e criatividade para serem solucionadas, aprende a importância das regras, a necessidade de conviver com as diferentes emoções que o jogo ocasiona. Enfim, o jogo envolve um contexto complexo, que contribui de maneira significativa para o desenvolvimento integral da criança.

Outro aspecto que deve ser discutido em relação ao Jogo é ressaltado por Galatti, Ferreira, Silva e Paes (2008). Segundo os autores, o jogo proporciona aos praticantes inúmeras possibilidades de vivências sócio-afetivas individuais e coletivas que podem ser levadas como lições para a vida da criança, não se restringindo ao contexto da aula. Dessa forma, pode ser um facilitador pedagógico no processo de ensino, vivência e aprendizagem do esporte.

Segundo a proposta pedagógica do TGFU, a prática do jogo formal é o objetivo de longo prazo. Na fase de iniciação esportiva, é importante que o aluno tenha contato com jogos variados, que estejam adequados à sua faixa etária e nível experiência com a modalidade. O professor deve estar atento para fatores como a área de jogo, o número de jogadores e os equipamentos utilizados. É importante que as situações problema, o contexto do jogo estejam adequados ao aluno, proporcionando uma compreensão da lógica do jogo e exigindo tomadas rápidas de decisão.

É possível aproximar essa reflexão à discussão sobre Jogo Possível apresentada por Paes (2001). Segundo o autor, esse Jogo permite adaptações no espaço físico, material, regras, número de jogadores, é uma prática que leva o aluno a construir uma compreensão sobre a lógica do jogo. Além disso, o Jogo Possível possui um caráter lúdico e possibilita um resgate da cultura infantil. Nesse sentido, deve ser utilizado como ferramenta pedagógica nas aulas de iniciação esportiva.

Outro aspecto importante da proposta pedagógica do TGFU é a questão da Apreciação do Jogo. Segundo Bunker e Thorpe (1986), é fundamental que a criança compreenda as regras do jogo que está jogando, por mais simples que ele seja. Ela deve perceber que são as regras que determinam a estrutura do jogo e as técnicas e habilidades que ele exige. A partir dessa proposta, a criança não assume um papel passivo diante do jogo, ou seja, sua postura não deve restringir-se à aceitação e respeito às regras. Mas deve assumir uma postura crítica, capaz de

reconhecer a importância de se obedecer às regras para que o jogo ocorra e, quando necessário, ser capaz de sugerir alterações em regras que estejam prejudicando o bom andamento do jogo.

Associado à compreensão das regras, está outro elemento apresentado por Bunker e Thorpe (1986): a Percepção Tática. Uma vez compreendidas as regras do jogo, é fundamental a percepção das diferentes táticas que podem ser utilizadas no jogo, como por exemplo, formas de posicionar-se ofensivamente e defensivamente. Nesse momento, é importante que o professor estabeleça relações entre as diferentes modalidades esportivas, a fim de mostrar que alguns aspectos táticos são comuns a diferentes modalidades, e que é possível realizar uma transferência entre eles.

Esse aspecto é ressaltado por Balbino e Paes (2005), que colocam a diversidade como um dos aspectos centrais da iniciação esportiva. Essa posição contrapõe a questão da especialização esportiva precoce. Segundo os autores, a iniciação esportiva deve estar marcada por uma diversificação de movimentos e pluralidade de situações problema. Dessa forma, contribui-se de maneira significativa para a aquisição de habilidades motoras, para o desenvolvimento das múltiplas inteligências e da criatividade da criança, para a percepção das situações problema e a busca de respostas para as mesmas.

Essas diferentes situações problema presentes no jogo estimulam na criança a necessidade de tomar decisões no sentido de superar as adversidades. Ao abordarem o conceito de Tomada de Decisão, Bunker e Thorpe (1986) estabelecem uma discussão acerca de dois questionamentos possíveis no momento da tomada de decisão: “o que fazer?” e “como fazer?”. Na primeira questão fica clara a importância da percepção da dimensão tática do jogo. Ela envolve a capacidade de percepção do aluno em relação aos diversos elementos do jogo, em prever as possíveis jogadas do adversário e, a partir desses elementos, tomar decisões durante o jogo.

A segunda questão envolve o processo de selecionar qual seria a melhor forma de se executar determinada decisão e está associada a outro elemento apresentado pelos autores, a Execução de Habilidades. Bunker e Thorpe (1986) apontam para aspectos qualitativos do movimento em relação a seu aspecto mecânico e em relação à sua adequação à situação do jogo. Nesse sentido, é importante que o professor perceba que a execução do gesto técnico não deve ser analisada isoladamente, mas deve estar sempre associada ao contexto do jogo e às características do aluno.

Pope (2005) ressalta a importância de expandir as reflexões sobre o processo de tomada de decisão. O autor sugere que, além do aspecto cognitivo, este processo é permeado pelo aspecto da afetividade. As emoções interferem na percepção do jogo, o que interfere no processo de tomada de decisão. Diante disso, o autor ressalta que a tomada de decisão se dá a partir do encontro entre elementos cognitivos e afetivos e é importante que o professor perceba essa interrelação.

O último ponto apresentado pelos autores, a Performance, envolve o resultado observado, fruto da relação dos processos analisados anteriormente, comparado a critérios que independem do aluno. É a partir da performance que se classifica a criança como boa jogadora ou não, que se situa uma equipe em nível estadual ou nacional. A proposta pedagógica do TGFU dá espaço para a execução de gestos técnicos. Mas isso só ocorre quando o aluno, a partir do contexto do jogo, percebe a necessidade de dominar determinada habilidade técnica.

Segundo Georgakis e Light (2006), aulas de iniciação esportiva que se baseiam no ensino de habilidades técnicas, estruturadas a partir da repetição de gestos geram pouco interesse nos alunos. Para os autores, esse modelo tradicional de ensino reduz as possibilidades educacionais e a complexidade do contexto que a iniciação esportiva envolve. Aprender a jogar qualquer jogo envolve aspectos como a percepção, a resolução de problemas, tomadas de decisão, resposta às informações do ambiente.

A proposta pedagógica TGFU, conforme sugerem Light e Fawns (2003), considera o jogo como um contexto que oferece a possibilidade de aprendizagem a partir da integração de elementos sociais, culturais, físicos e emocionais. Esta perspectiva fundamenta a idéia central do TGFU, segundo a qual a aprendizagem de modalidades esportivas deve ocorrer dentro e a partir do contexto do jogo. Nesta perspectiva, a compreensão do jogo e o desenvolvimento de habilidades técnicas estão inter-relacionados, e se desenvolvem à medida que os jogos praticados durante as aulas se tornam mais complexos. Habilidades, percepções e conceitos ganham forma a partir do encontro entre os jogos vivenciados durante a aula e as experiências anteriores de cada aluno. Para os autores, o conhecimento é construído nas relações que o aluno estabelece dentro da situação do jogo, que está relacionada ao ambiente físico, social e cultural.

Light e Fawns (2003) defendem que as aulas devem estar baseadas em jogos reduzidos, seguidos de uma reflexão coletiva sobre a prática e elaboração de estratégias,

conceitos e conhecimentos que serão aplicados nos próximos jogos. Verifica-se, portanto, que a verbalização é um aspecto importante no ensino a partir da proposta pedagógica do TGFU, já que é a partir da conversa e análise sobre os jogos que o conhecimento se constrói. É no processo de diálogo e reflexão sobre o jogo que os alunos analisam seu desempenho e elaboram estratégias para os próximos jogos. É no processo de ação–reflexão-diálogo-ação que se dá a construção de conhecimentos, percepções e habilidades sobre o jogo.

O papel do professor é fundamental para promover esses diálogos e reflexões. É importante que ele perceba as situações de jogo sobre as quais os alunos devem discutir, e interromper o jogo a fim de promover diálogo. Isto deve ser feito a partir de perguntas, questionamentos que levem o aluno a uma reflexão sobre sua prática. A reflexão e as questões que o professor coloca são aspectos importantes dentro da abordagem do TGFU. As perguntas devem levar o aluno a analisar criticamente sua atuação durante o jogo, promovendo uma compreensão e um conhecimento mais abrangente acerca da lógica do jogo.

Para Pearson e Webb (2008), embora o ensino a partir de jogos esteja presente em outras correntes teóricas, o diferencial do TGFU é a técnica de questionamentos utilizados pelos professores durante as aulas. As questões formuladas pelos professores devem ser elaboradas a partir de situações decorrentes do contexto dos jogos. O professor deve questionar os alunos, levando-os a refletir sobre as suas ações individuais e coletivas. A complexidade das perguntas deve estar adequada à idade e experiência dos alunos.

Diante dessas reflexões, verificamos que a vivência esportiva não se limita ao aspecto físico da prática, aos movimentos que o aluno realiza durante a aula. Ela tem sentido quando encarada como uma prática que envolve o aluno na sua pluralidade, nos seus aspectos históricos, culturais, físicos e sociais. Uma vez inserida nessa multiplicidade e complexidade a vivência esportiva torna-se uma prática educacional, e é esse o pressuposto que deve nortear as aulas de iniciação esportiva. Corroboramos com a ideia apresentada por Santana (2005), de que a iniciação esportiva é um fenômeno complexo, composto por diversas unidades que se inter-relacionam de forma dinâmica e imprevisível, é um fenômeno carregado de sensibilidade, com implicações que interferem no processo de desenvolvimento humano da criança. Segundo o autor, é de fundamental importância que a iniciação esportiva seja compreendida dentro dessa complexidade, e não apenas como uma etapa, uma fase de treinamento que visa a formação de um atleta profissional.

Outro aspecto interessante apontado por Light e Fawns (2003) é que os movimentos realizados pelos alunos durante o jogo são encarados como uma forma de linguagem não verbal, que também deve ser discutida após o jogo. Nesse sentido, o professor deve tentar aproximar a reflexão dos alunos à relação de seus movimentos com a dinâmica espacial e temporal do jogo.

A partir dessa abordagem do jogo como uma forma de linguagem, a proposta do TGFU pode ser encarada como um modelo de ensino holístico, que aborda os movimentos como os elementos que compõem essa linguagem.

Segundo a proposta pedagógica do TGFU, as habilidades do aluno são construídas a partir do contexto do jogo. É dessa forma que a aprendizagem faz sentido, e não quando o aluno aprende mecanicamente a execução de um gesto técnico, a partir da sua repetição, de forma isolada do contexto do jogo. Um movimento não tem um fim em si mesmo, mas deve sempre estar associado à percepção do jogo, à capacidade de criação do aluno, à sua capacidade de tomar decisões.

A percepção do jogo é de fundamental importância dentro da perspectiva do TGFU. Ela é encarada como um processo ativo de interpretação das informações do ambiente. Está associada ao conhecimento, vivências e valores construídos ao longo da vida de cada sujeito. É a forma como o sujeito interpreta o mundo, está relacionada com a sua formação social e histórica, e interfere em todos os seus processos cognitivos.

A partir dessa reflexão fica clara a deficiência de aulas de iniciação esportiva que se pautam em modelos tecnicistas, nas quais o aluno está submetido à repetição e mecanização de movimentos. É necessário que os professores compreendam a complexidade que o jogo oferece, suas múltiplas possibilidades de reflexões que abrangem não só o momento do jogo, mas que podem se estender para toda a vida do aluno. É a partir desses pressupostos que a vivência esportiva pode ser abordada como uma prática educacional com múltiplas possibilidades que contribuem com a formação integral do aluno.

Outro aspecto salientado por Light e Fawns (2003) é o de que pensamento e ação estão em constante relação de interdependência, não existe uma relação de causalidade entre eles, a ação não é fruto do pensamento, ambos estão correlacionados. Nesse sentido, as ações realizadas durante o jogo não são consideradas como produtos da atividade cognitiva, mas sim

como eventos que manifestam a interação entre aspectos cognitivos, afetivos, físicos e sociais do sujeito.

Corroboramos com a análise de Pope (2005) que ressalta que o TGFU não deve ser reduzido a um conjunto de reflexões que reduz o jogo a seus elementos táticos e cognitivos. Para o autor, o TGFU considera a complexidade de elementos envolvidos no processo de construção de conhecimentos sobre o jogo, desde os elementos cognitivos, até os afetivos, uma vez que as emoções permeiam o processo de aprendizagem. O conhecimento do jogo surge a partir de sua prática, do exercício de lidar com as diversas e complexas situações que o jogo promove, e discutir e refletir sobre essa prática.

Portanto, a proposta pedagógica baseada no TGFU, se dá no encontro entre pensamento, emoção, linguagem e ação. O professor deve propor atividades que promovam um processo de aprendizagem ativa, em que o aluno é levado a refletir sobre sua prática, refletir sobre o jogo. Pode-se verificar que o papel atribuído ao aluno nesse modelo de ensino não se limita a um reproduzir mecânico das atividades. Ele assume uma postura crítica em relação à aula e à sua atuação na mesma, é considerado na sua materialidade, na relação com os outros alunos e com a sociedade.

A partir da análise dos elementos que envolvem a prática de ensino pautada no modelo do TGFU, Kirk, Brooker e Braiuka (2000) levantam alguns pressupostos teóricos que devem nortear a prática pedagógica dos professores que se baseiam nesse modelo de ensino. O primeiro aspecto apontado pelos autores é o de que o aprendizado é um processo ativo, no qual o aluno se apropria de elementos presentes no meio ambiente (por exemplo: atividades durante a aula), interpreta essas informações e, a partir desse processo, produz conhecimento.

Além desse aspecto, os autores ressaltam que a interação social durante a aula é de fundamental importância no processo de aprendizagem. Diante disso, as interações que se estabelecem entre os alunos, ou entre o professor-aluno assumem um papel central na qualidade do ensino. Nesse sentido, fica claro que a abordagem do TGFU reconhece a complexidade do contexto de jogo. Dessa forma, é importante que o professor reconheça essa característica no momento de avaliar suas aulas, ou seja, não basta que se avalie o desempenho de um aluno na aula. É necessário verificar como se estabeleceram as relações entre os sujeitos durante a aula, e como essas relações contribuíram para a construção do conhecimento.

Esse é um aspecto importante da proposta do TGFU, nesse modelo o professor não deve apresentar situações ou avaliações prontas. A relação entre professor-aluno deve ser norteada por questionamentos constantes. Quando o professor verifica que determinada atividade que ele havia proposto não está se desenvolvendo da maneira esperada, ele não deve simplesmente modificar a atividade. Cabe a ele questionar os alunos, fazendo com que eles percebam os motivos que levaram a atividade a não dar certo e quais alterações poderiam ser feitas de forma a garantir o sucesso na atividade.

Nesse sentido, o papel do aluno não é o de apenas executar as propostas apresentadas pelo professor. Mas sim o de participar criticamente na elaboração das atividades, avaliando o seu próprio desempenho, o de seus colegas e, inclusive o do professor. Dessa maneira, estabelecem-se ricas e complexas redes de relações no contexto da aula, e não uma relação unidirecional em que o professor propõe e o aluno executa. Acreditamos que esse aspecto é de fundamental importância no processo de iniciação esportiva, e corroboramos com a proposta de Paes (2002) segundo a qual esse processo de co-educação contribui de maneira significativa no desenvolvimento da personalidade da criança.

Outro aspecto interessante apontado por Kirk, Brooker e Braiuka (2000) é que o aluno não chega à aula como uma “página em branco”. É comum que a criança tenha algum tipo de contato com o esporte fora do contexto da aula, seja pela televisão, ou pela própria prática em outro contexto. Para os autores, é fundamental que o professor reconheça esse aspecto durante as aulas, considere a vivência que a criança teve com o esporte. Segundo Kirk, Brooker e Braiuka (2000), isso interfere na maneira pela qual ela interpreta o jogo e as diferentes relações que estabelece com ele.

As novas atividades que o professor pretende propor durante a aula serão interpretadas pela criança a partir dessas vivências anteriores que ela teve com o esporte e fora dele. Nesse sentido, cada aluno estabelece um significado para a prática esportiva, cada aluno terá sua percepção e compreensão do jogo. Dessa forma, o conhecimento em sala de aula se constrói a partir do encontro entre o que o professor propõe e os significados que o aluno já carregava.

A fim de contribuir com a aplicação da proposta pedagógica do TGFU na prática, os autores elaboraram um modelo teórico dividido em dois momentos para auxiliar o professor na elaboração da estrutura de suas aulas. A primeira fase desse modelo corresponde à compreensão elementar do jogo. Nesse momento, os alunos devem analisar o jogo na tentativa de

perceber as táticas, estratégias, as regras, as técnicas e habilidades tanto físicas quanto psicológicas e comunicativas necessárias durante o jogo. A partir dessa compreensão, o aluno é capaz de perceber nos jogos reduzidos a semelhança com a situação de jogo formal. Isso auxilia na compreensão sobre a lógica dos elementos do jogo. Cabe ao professor, durante as aulas, formular questões que levem o aluno a verbalizar respostas que contribuam nesse processo de compreensão. É nesse processo de jogo, reflexão e verbalização que se dá a construção da aprendizagem.

É importante que exista uma progressão gradual na dificuldade dos jogos reduzidos, e que esses se aproximem cada vez mais à estrutura do jogo formal. Os jogos reduzidos podem ser planejados a partir de diferentes referenciais, podem se aproximar do jogo formal em relação à tática ou estratégia, ou em relação às técnicas e habilidades.

A segunda fase sugerida por Kirk, Brooker e Braiuka (2000) é a da compreensão do jogo a partir das relações entre seus elementos. Nesse momento, o aluno deve ser levado a estabelecer relações entre os diferentes elementos (táticos, estratégicos e técnicos) de diferentes jogos. Ele deve perceber que jogos reduzidos que envolvem situações de passe e recepção estão associados a elementos como o de noção espacial e temporal, comunicação, que estão presentes em diversos esportes coletivos. É papel do professor promover reflexões em seus alunos a fim de que eles percebam quais os elementos dos jogos reduzidos auxiliam na compreensão do jogo formal.

1.1 Categoria dos Jogos

Segundo a proposta do TGFU, é possível realizar uma classificação dos jogos em função de suas semelhanças estruturais. Existem quatro categorias de jogos, são elas: Jogos de Invasão, Jogos de rede/ parede, Jogos de arremesso/rebatida, Jogos com alvos.

Hopper (1998) afirma que os jogos de uma categoria apresentam princípios táticos comuns, que definem a estrutura e a lógica dos jogos. Segundo o autor, o professor deve planejar as aulas a partir destes princípios, deve elaborar jogos reduzidos que tenham elementos táticos semelhantes aos do jogo formal. Com a prática destes jogos, os alunos desenvolverão uma

compreensão sobre a lógica do jogo, sendo capazes de adaptar-se ao contexto do jogo e perceber toda a sua complexidade.

Dentro de cada categoria de jogos, existem as regras secundárias (tamanho da quadra, número de jogadores, formas de pontuação, infrações e punições, entre outras) que conferem a identidade de cada modalidade.

Segundo Graça e Mesquita (1997) essa categorização permitiu um mapeamento coerente dos diversos tipos de jogos, a partir dos princípios táticos das modalidades. Isto facilitou o processo de transferência dos conteúdos aprendidos em um jogo para outro da mesma categoria.

-Jogos de Invasão

Nesses jogos, o objetivo é invadir o território do adversário, visando obter uma pontuação maior. Existe uma variedade de jogos que seguem essa proposta, por exemplo, existem esportes em que a bola deve ser carregada até cruzar uma linha, como o rúgbi ou o futebol americano. No caso do basquete, ou handebol, a bola deve ser arremessada em direção a um alvo.

Hopper (1998) afirma que nos jogos de território ou invasão, os princípios táticos comuns são: 1- o time que tem a posse da bola pontuam ao coloca-la no alvo, 2- os jogadores sem a posse da bola impedem que o time adversário pontue ao realizarem uma marcação sem contatos ilegais

-Jogos de Rede/parede

Esses jogos envolvem uma rede ou uma parede. Os jogadores devem fazer com que a bola passe para a quadra adversária de forma que ela não retorne para sua própria quadra. Tênis e vôlei são exemplos de esporte com rede e squash é um exemplo de esporte com parede.

-Jogos de arremesso e rebatida

Envolvem um confronto entre o time que arremessa e o time que rebate, como por exemplo, críquete e basebol. O objetivo é o de pontuar mais do que o adversário. Nos jogos de arremesso e rebatida, Hopper (1998) aponta 2 princípios de jogo que definem a estrutura tática dos jogos: 1- os rebatedores criam oportunidades de pontuar ao rebater a bola fora da área de jogo, 2- os rebatedores pontuam ao correr entre as áreas seguras sem que a bola seja pega pelo time adversário, ou antes da bola chegar a essas áreas de segurança.

-Jogos com alvo

O objetivo desses jogos é o de posicionar um objeto mais próximo possível ou dentro do alvo, como, por exemplo, o golfe. Eles podem ser divididos em jogos sem oposição, nos quais a precisão do jogador determina se ele foi melhor ou pior sucedido que os seus oponentes. Ou jogos com oposição, nos quais o adversário pode deslocar a bola ou o alvo do outro jogador. Esses jogos com alvo não envolvem muitas opções táticas, nem a necessidade de tomadas rápidas de decisão.

Hopper (1998) elaborou uma tabela para resumir os princípios táticos de cada categoria dos jogos:

JOGOS COM ALVO	JOGOS DE REDE/PAREDE	JOGOS DE ARREMESSO/ REBATIDA	JOGOS DE TERRITÓRIO/ INVASÃO
1- Mirar o alvo	1-Consistentemente retornar o objeto	1- Rebatida: pontuar Arremesso: impedir que o adversário pontue	1- Com bola: pontuar Sem bola: evitar que o adversário pontue
2- Posicionamento em relação ao alvo	2- Posicionamento em relação ao objeto	2- Rebatida: Precisão na rebatida Arremesso: Dificultar a rebatida do adv.	2- Com bola: invadir Sem bola: evitar invasão
3- Efeito ou curvatura	3- Efeito e força gerados no objeto	3- Rebatida: Evitar ser excluído Arremesso: tentar excluir o adversário	3- Com bola: manter a posse da bola Sem bola: recuperar a posse da bola

Figura 2- Quadro de princípios táticos, sugerida por Hopper (1998), p. 5

A partir das reflexões apresentadas neste capítulo, podemos verificar que a proposta pedagógica TGFU não se pauta no ensino de determinada habilidade, mas sim em uma forma de pensar o jogo como um contexto de tomada de decisão e reflexão. O foco das aulas de iniciação esportiva está na atividade do jogo e no processo de aprendizagem ativa do aluno. É de fundamental importância que o aluno construa a compreensão sobre os elementos que estão presentes no jogo. Dessa forma, a criança será capaz de resolver as situações problema com tomadas de decisão inteligentes. Suas ações são encaradas na complexidade que envolve seus elementos sociais, afetivos e emocionais. As técnicas surgem a partir do jogo, no exercício de realizar a habilidade de forma eficiente, no contexto adequado durante o jogo.

2 Tênis de Campo

Segundo Brustolin (1995), o Tênis de Campo é derivado de um jogo francês, o “Jeu de Paume” (Jogo de Palma, assim chamado pois a bola era rebatida com a palma da mão). De acordo com registros históricos, este jogo já era praticado desde o século XII, e suas regras consistiam em bater uma bola contra um muro, usando as próprias mãos. Ao longo do tempo, as regras foram sendo modificadas, o jogo deixou de ser disputado contra um muro e passou a ser jogado em campos retangulares divididos ao meio por uma corda.

No século XIV, os italianos inventaram um utensílio de madeira em forma de pá, conhecido como "battoir", que mais tarde recebeu um cabo e também as cordas trançadas. Era o nascimento da raquete, que fez com que surgisse uma variação do “Jeu de Paume”, esta nova modalidade difundiu-se pela França e Inglaterra. O major inglês, Walter Clopton Wingfield teve um papel importante na difusão do jogo. Ele padronizou as medidas das quadras, desenvolveu e comercializou um kit composto por quatro raquetes, uma rede e um regulamento do jogo. No dia 25 de maio de 1875 houve uma reunião pública em Londres, na qual foi aprovado o regulamento do “Lawn Tennis” (nome dado o jogo, que passou a ser praticado em quadras de grama).

Segundo Hobsbawm (1989), o Tênis passou a ser o esporte ideal para a classe média. O aumento do número de praticantes na Europa foi expressivo no início do século XX, sendo jogado tanto por homens quanto por mulheres, em uma época em que as atividades de lazer marcavam o pertencimento a determinada classe social. Os clubes de Tênis, estruturados a partir de sócios contribuintes, criaram um novo universo de encontro social para a burguesia em ascensão, o que possibilitou um alargamento nos círculos da classe média.

A partir de 1900, foi iniciada a disputa da Davis Cup, equivalente ao campeonato mundial de equipes, repartidas por zonas geográficas (americana, européia e oriental). O esporte foi incluído na programação dos Jogos Olímpicos de 1896 a 1924, e voltou a ser introduzido nas Olimpíadas de Seul, em 1988.

2.1 Introdução do Tênis de Campo no Brasil

Segundo os registros históricos da Confederação Brasileira de Tênis, a introdução da modalidade no Brasil se deu por imigrantes ingleses, que traziam o kit comercializado por Wingfield. Em São Paulo, as primeiras quadras de tênis foram construídas em 1892, no São Paulo Athletic Club, fundado por imigrantes ingleses.

O primeiro torneio oficial foi uma disputa interclubes, que envolveu o São Paulo, o Tennis Club de Santos e o Paulistano, em 1904. Em 1924, os clubes Germânia (Pinheiros), Paulistano, São Paulo Athletic, Tietê e Espéria fundaram a Federação Paulista de Tênis, que, na década de 30 já tinha um número recorde de 23 clubes filiados. Atualmente, a Federação Paulista de Tênis tem mais de 150 instituições filiadas entre clubes e academias.

A Confederação Brasileira de Tênis foi criada por decreto presidencial a 8 de março de 1956, desmembrando-se da então Confederação Brasileira de Desportos. Seu primeiro presidente foi Paulo da Silva Costa

2.2 Características da Modalidade:

É importante apresentar algumas características que conferem identidade ao Tênis de Campo. Esta é uma modalidade individual de habilidades abertas, na qual as ações de um jogador dependem das ações de seu adversário. As situações de jogo são imprevisíveis, nesse sentido, é importante que o jogador tenha uma boa leitura do jogo para decidir de maneira rápida e eficiente qual a melhor ação em cada contexto de jogo.

- Técnicas

Realizaremos uma breve descrição das técnicas que compõem a modalidade:

- Saque

O saque corresponde ao único golpe no Tênis de Campo em que o jogador tem o controle sobre a trajetória da bola antes de rebatê-la. Alguns elementos técnicos são importantes de serem considerados para a execução do saque. O primeiro deles corresponde à base de apoio

dos pés. O jogador deve manter os pés em um afastamento ligeiramente maior que os ombros. Para os jogadores destros, o pé da frente é o esquerdo e deve estar direcionado ao poste direito da rede, ou seja, a 45°. O pé de trás deve posicionar-se paralelamente à linha de base. Outro elemento importante do saque corresponde ao lançamento da bola (*toss*). Ele deve ser realizado na altura em que o jogador irá alcançá-la, um pouco à frente e para a direita (no caso dos destros) do jogador. A próxima fase do movimento de saque corresponde ao contato da raquete com a bola. Neste momento, a aceleração da raquete determina a potência do saque. É importante que exista uma sincronia nos movimentos das articulações para garantir a eficiência de transferência de energia para o saque.

- *Forehand e Backhand*

Quando o Tênis chegou ao Brasil, houve uma adaptação destes nomes ingleses para o golpe de direita (ao invés de *forehand*) e o golpe de esquerda (ao invés de *backhand*), mas existe uma incoerência nesta nomenclatura quando o tenista é canhoto, por isso optamos pela terminologia em inglês. Os golpes de *forehand* e *backhand* serão descritos a partir das propostas de Grabb (2003).

O *forehand* é o golpe realizado do mesmo lado do corpo em que o tenista segura a raquete e o *backhand* é o golpe realizado do lado contrário. Estes são os golpes mais utilizados durante o jogo de tênis e dependem de uma sincronização temporal entre o movimento da raquete e a trajetória da bola.

Durante os últimos anos, as técnicas do *forehand* e do *backhand* sofreram mudanças significativas. Isto ocorreu em função do aumento da velocidade da bola em função do desenvolvimento de raquetes mais leves e a melhor capacidade física dos jogadores. Como o jogo ficou mais rápido, o tenista tem menos tempo para se preparar para a realização dos golpes, o que levou a algumas adaptações técnicas na execução dos golpes.

- *Forehand*

O golpe de *forehand* é descrito por Hofer (2004) da seguinte maneira

Preparação: na fase de preparação do golpe (*backswing*) o tenista concentra o peso do corpo no pé direito (no caso dos destros), flexiona os joelhos e faz a rotação do quadril para trás, posicionando-se de lado para a rede. O braço esquerdo é posicionado à frente do corpo para proporcionar equilíbrio.

A seguir, inicia-se a fase de aceleração (*forward swing*), em que a raquete é levada à frente em direção à bola, em função da rotação do quadril para frente. A próxima fase do movimento corresponde à fase de contato com a bola. Devido à rotação do quadril, nesse momento, o tenista está de frente para a rede.

A fase seguinte do movimento corresponde à finalização, também chamada de *follow through*. Nesse momento, a raquete sofre uma desaceleração e é realizada uma rotação interna do ombro. A raquete termina o movimento do lado oposto em que foi realizado o contato.

A última fase do movimento é chamada de recuperação e marca o início da recuperação do posicionamento do jogador em direção ao centro da quadra.

-*Backhand*

O golpe de *backhand* pode ser realizado de duas maneiras: com uma mão ou com duas mãos segurando o cabo da raquete

Preparação: a raquete é levada para trás, é realizada a rotação do quadril para trás, fazendo com que o jogador fique de lado para a rede.

Aceleração: corresponde à fase em que o jogador conduz a raquete à frente, principalmente a partir da rotação do quadril para frente, acelerando-a em direção à bola. Em ambas as técnicas de *backhand*, o peso do corpo nessa fase concentra-se no pé direito e a cabeça da raquete levada aproximadamente até a linha da cintura.

Contato: No *backhand* com duas mãos rotação do quadril é mais acentuada nessa fase, o jogador está de frente para a rede no contato com a bola. No *backhand* com uma mão, a rotação do quadril é menos acentuada, e o jogador ainda está posicionado lateralmente à rede durante o contato com a bola.

Finalização: essa fase é caracterizada pela desaceleração da raquete. No *backhand* com uma mão, o tenista ainda não está de frente para a rede nesse momento. No *backhand* com duas mãos, essa fase é caracterizada por uma maior rotação do tronco. Em ambas as técnicas, nesta fase do movimento, a raquete está do lado oposto ao que foi realizado o contato com a bola.

Recuperação: nessa fase o peso de apoio do tenista em ambas as técnicas ainda está no pé direito, que serve como apoio para impulsionar o jogador de volta para o centro da quadra.

-Quadra

O Jogo de Tênis pode ser disputado em quatro tipos de superfície de quadras: grama, saibro, carpete ou asfalto. As dimensões da quadra são: 10,97m de largura (incluindo as linhas de duplas), 23,77m de comprimento dividida ao meio por uma rede de 0,914m de altura

-Bolas

Segundo os padrões da ITF- International Tennis Federation, as bolas devem ter uma superfície externa uniforme, devem ter um diâmetro maior do que 6,35 cm e menor que 6,67 cm, e um peso maior que 56,7 g e menor que 58,5 g.

- Raquetes

As raquetes podem ser compostas por diferentes materiais, tais como: grafite, alumínio, titanium, fibra de vidro, aerogel. O peso das raquetes também é variado, tendo na média 300 gramas. A raquete pode ter um peso distribuído equilibradamente, pode estar mais concentrado na cabeça da raquete ou no cabo.

- Contagem

Segundo as regras definidas pela Confederação Brasileira de Tênis, a contagem padrão é chamada sempre com o escore do sacador primeiro:

Sem ponto - “Zero”

Primeiro ponto - “15”

Segundo ponto - “30”

Terceiro ponto - “40”

Quarto ponto - “Game”

Se ambos os jogadores ganharem três pontos, o escore é “Iguais”. Após “Iguais”, o escore é “Vantagem” para o jogador ou time que ganhar o próximo ponto. Se o mesmo jogador ou time ganhar o próximo ponto, então ele ganha o “Game”, se o oponente vier a ganhar este próximo ponto, então o escore é novamente “Iguais”. O jogador/time precisa ganhar dois pontos consecutivos para ganhar o “Game”

- Contagem no Set

Existem diferentes métodos de contagem no set. Os dois principais são o “Advantage Set” e o “Set com Tie-break”. Cada método pode ser usado desde que anunciado antes do começo do evento. Se o método com Tie-break será usado, então ele deve ser anunciado que ao final do set será jogado como “Tie-break”.

a) “ Advantage Set”

O primeiro jogador/time que ganhar seis games ganha o “Set”, desde que tenha uma margem de dois games sobre o seu oponente(s). Se necessário, o “Set” deve continuar até esta margem ser atingida.

b) “Set com Tie-break”

O primeiro jogador/time que ganhar seis games ganha o “Set”, desde que tenha uma margem de dois games sobre seu oponente(s). Se o escore chega a seis games iguais, um Tie-break deve ser jogado.

- Contagem no jogo

O jogo pode ser jogado em melhor de 3 sets (o jogador/time precisa vencer 2 sets para ganhar a partida) ou melhor de 5 sets (o jogador/time precisa vencer 3 sets para ganhar a partida).

É possível verificar que existe uma diversidade de elementos técnicos e de regras que conferem a especificidade da modalidade. Acreditamos que é importante que o professor tenha uma compreensão destes elementos e saiba apresentá-los para as crianças de maneira adequada.

2.3 O Ensino do Tênis de Campo no início do século XX até a década de 80

Crespo (1999) aponta para uma ampliação nas áreas de interesse dos estudiosos do Tênis de Campo. Historicamente, as pesquisas investigavam aspectos da biomecânica dos golpes, e das capacidades físicas envolvidas na modalidade. No entanto, o autor sinaliza um aumento do interesse em investigar questões referentes à teoria de ensino-aprendizagem, e discussões acerca da metodologia e didática do Tênis.

Em relação à metodologia, o autor ilustra um cenário ainda comum da modalidade do Tênis de Campo, em que o professor ensina seus alunos a partir dos mesmos métodos que ele aprendeu. Ressalta o perigo deste círculo vicioso, que dificulta o progresso dos métodos de ensino da modalidade.

Crespo (1999) apresenta uma análise histórica dos métodos de ensino do Tênis de Campo. Segundo o autor, desde o começo do século XX, até a década de 50, a idéia que

norteava as práticas pedagógicas da modalidade era a de que o Tênis é um esporte muito técnico. E, por isso, exige boa coordenação e domínio dos gestos técnicos específicos da modalidade.

Diante disso, os professores centravam suas aulas no ensino dos aspectos técnicos do jogo: empunhaduras, movimentos (trajetória do braço e da raquete), movimentação das pernas. Durante as aulas, o professor demonstrava o gesto técnico correto e propunha atividades analíticas para que o aluno repetisse o gesto até a sua automatização. As aulas individuais eram consideradas mais eficientes pois permitiam que o aluno repetisse mais vezes o gesto técnico, favorecendo a aprendizagem.

Crespo (1999) denomina a fase dos anos 50 aos anos 80 como a etapa analítica. Assim como na faz anterior, a preocupação central dos professores está no ensino das técnicas. No entanto, o método de ensino dos gestos técnicos é distinto nessa fase. O gesto não corresponde mais a um movimento único, mas passa a ser dividido em sequências de execução. O professor deve seguir uma sequência de procedimentos fixos para todos os alunos, já que todos devem seguir a mesma progressão dos movimentos. Diante disso, as aulas passam a ser em grupo, formam-se filas e os alunos devem executar da maneira correta a sequência de fases do golpe.

O autor ressalta que esse método contribui para o processo de correção dos gestos técnicos, por apresentar uma progressão na sequência de aprendizagem dos movimentos. No entanto, este modelo, assim como o anterior, considera a técnica como elemento central do Tênis, e o ensino se dá a partir de atividades analíticas, desvinculadas do contexto do jogo. A relação professor-aluno se dá de maneira autoritária. O papel do primeiro é central nas aulas, é ele quem possui os conhecimentos, demonstra a maneira correta de executar as atividades, e aos alunos cabe apenas o papel de imitação e repetição dos movimentos.

2.4 O Ensino do Tênis de Campo na atualidade

O autor comenta um cenário comum no processo de ensino da modalidade: durante as atividades analíticas os alunos demonstrar dominar o gesto técnico, no entanto, durante

os jogos não sabem como, nem quando utiliza-lo. Segundo Crespo (1999), isto ocorre pois durante as aulas não são ensinados os aspectos táticos do Tênis de Campo.

O autor aponta para uma mudança na conceituação do jogo de Tênis a partir da década de 80. Enquanto no começo do século ele era visto como um esporte de habilidades fechadas, os estudiosos passaram a conceituá-lo como um esporte de habilidades abertas, em que cada golpe executado durante o ponto é diferente. A execução da técnica não pode ser encarada de maneira isolada, uma vez que está associada a elementos como a percepção, tomada de decisão, ação e análise do golpe - a técnica sempre está associada a elementos táticos

Crespo e Unierzyski (2007) apontam que, durante a década de 80, foram realizadas diversas pesquisas acerca do contexto de métodos de ensino da modalidade. Foram investigadas as carreiras de jogadores e técnicos de ponta. Estas pesquisas forneceram informações que fundamentaram o surgimento de uma nova filosofia de ensino do Tênis de Campo. Sobre a orientação da ITF (Federação Internacional de Tênis), diferentes países desenvolveram métodos de ensino que tinham princípios teóricos em comum. Crespo e Unierzyski (2007) realizaram uma análise destes métodos e apontam suas similaridades e quais as características que garantiram o sucesso desta nova proposta de ensino do Tênis de Campo.

Os autores ressaltam que, mesmo que tenham diferentes nomenclaturas em diferentes países, os métodos de ensino têm em comum o fato de que o processo de ensino está baseado em situações de jogo. As aulas baseiam-se em jogos adaptados e os professores preocupam-se com a discussão dos elementos táticos que compõem o jogo. A capacidade de tomar decisões apropriadas diante das diferentes situações de jogo é considerada um elemento fundamental a ser desenvolvido em aulas de iniciação da modalidade. Não se nega a importância dos elementos técnicos, mas sim, acredita-se que o aluno deve aprender a técnica a partir da vivência de situações de jogo. Dessa forma, ele saberá quando e porque utilizar determinada habilidade de maneira eficiente. A performance é vista como uma combinação da compreensão dos elementos táticos e a capacidade de utilizar as técnicas de maneira eficiente dentro do jogo.

Seguindo os princípios táticos, é possível inferir que, no jogo de Tênis, a qualquer momento o jogador estará em uma dessas 5 situações de jogo: sacando, devolvendo, jogar o ponto do fundo da quadra com o adversário também no fundo, jogar o ponto no fundo da quadra com o adversário na rede, jogar o ponto na rede contra o adversário no fundo). Em cada uma destas situações, o jogador tem seus princípios táticos, por exemplo, manter a bola em jogo,

tentar deslocar o adversário, entre outros. Ou seja, o jogador está fazendo duas coisas concomitantemente: está em uma situação de jogo e com uma tática específica para aquela situação.

Segundo os autores, é de fundamental importância que o processo de ensino esteja baseado na reflexão de como lidar em cada uma dessas situações de jogo. A prioridade é que o jogador entenda o jogo e desenvolva uma capacidade de percepção tática que o possibilite a criar respostas eficientes em diferentes contextos de jogo. Os professores que seguem esta linha de ensino preocupam-se primeiramente em desenvolver a compreensão tática e a partir dela desenvolver os elementos técnicos.

Verificamos que o ensino do Tênis de Campo é um processo complexo, uma vez que o jogo contém uma variedade de elementos táticos que devem ser norteadores das aulas de iniciação esportiva. A partir das reflexões acerca do ensino da modalidade, constatamos que as aulas que visam apenas o ensino das técnicas não consideram a variedade de elementos táticos que compõem o jogo. São estes elementos que devem nortear a prática pedagógica, dessa forma, os alunos são levados a construir uma compreensão sobre a lógica do jogo que possibilita ações criativas e eficientes durante o jogo.

2.5 Tênis de Campo e o TGFU

Conforme apresentado, o Tênis de Campo faz parte da categoria de jogos de Rede/Parede segundo a classificação do TGFU. Por isso, esta categoria de jogos será discutida com mais profundidade. A partir dos pressupostos teóricos que sustentam a prática pedagógica do modelo TGFU, Hopper (2003) estabeleceu uma discussão voltada para o ensino de jogos de rede/parede.

O autor ressalta que o pressuposto do ensino baseado em jogos é promover uma melhora na performance do aluno. Isso ocorre a partir da combinação entre uma melhora na percepção tática e da execução de habilidades de forma eficiente no contexto do jogo. A abordagem do TGFU concentra-se na ideia de uma relação de progressão da tática para a técnica, e não em uma relação de exclusão, ou tática ou técnica. Para o autor, é um erro pensar que esta

abordagem propõe que os alunos apenas joguem os jogos com orientação do professor. A técnica está presente na proposta do TGFU, mas ela é desenvolvida a partir do momento em que o aluno percebe as razões táticas de dominar determinada habilidade.

No caso específico dos jogos de rede/parede, o autor sugere que o principal objetivo é direcionar a bola de forma eficiente para o espaço adversário, de forma que ele não consiga, ou tenha dificuldade de colocá-la em jogo. Nesse sentido, é importante que o jogador não se limite a passar a bola para a quadra adversária. Ele deve perceber quais as jogadas que executa que dificultem que seu adversário devolva a bola. Ou seja, o jogador deve ter uma percepção das situações de jogo, sendo capaz de analisar criticamente as suas ações, constatando quais são de sucesso a fim de repeti-las ao longo do jogo.

A partir desses aspectos, o professor deve estruturar jogos reduzidos que levem o aluno a uma compreensão da estrutura tática do jogo, promovendo a habilidade de leitura do jogo. Esta habilidade corresponde à ação de perceber e analisar as situações do jogo, perceber quais as ações de sucesso do jogador a fim de repeti-las ao longo do jogo, quais as ações de sucesso do adversário a fim de tentar neutralizá-las. Nesse sentido, a leitura do jogo corresponde a um processo de percepção crítica do jogador sobre as próprias ações e sobre as ações do adversário. Esta percepção deve gerar informações sobre as ações que estão beneficiando e as ações que estão prejudicando o jogador. A partir destas informações, o jogador é capaz de construir um plano de jogo mais eficiente.

Para estruturar jogos reduzidos que desenvolvam a habilidade de leitura de jogo, o professor pode variar o espaço do jogo, os equipamentos, o número de jogadores e as regras nos jogos reduzidos. É importante que o foco do professor esteja voltado para a forma pela qual o aluno percebe o jogo e as tomadas de decisão realizadas para solucionar as situações problema que o contexto do jogo ocasiona.

Hopper (2003) aprofunda sua discussão sobre a importância da leitura do jogo que o aluno realiza. Afirma que ela é de fundamental importância na compreensão das táticas e no planejamento das ações. Nesse sentido, propõe um modelo de quatro momentos, que ele denominou de Modelo dos 4 R's, que devem compor a prática de leitura do jogo: reconhecimento, reposicionamento, resposta e recuperação. O primeiro momento corresponde ao *reconhecimento da situação* do início do ponto e da jogada, a fim de que o aluno reconheça o melhor local para se posicionar; o segundo momento corresponde ao *reposicionamento* do

jogador em quadra, possibilitando a execução apropriada do gesto técnico no contato com a bola; o terceiro momento corresponde a essa *resposta* técnica, que está sempre associada ao contexto do jogo, e na qual devem ser considerados elementos como a direção, a força e o efeito da bola; o quarto momento corresponde à fase seguinte à execução do gesto técnico, na qual o jogador *recupera* seu posicionamento em quadra para a continuação do ponto.

Esse modelo oferece um referencial para auxiliar o professor no planejamento de jogos que visam proporcionar ao aluno uma maior compreensão tática do jogo. Associado a esse modelo, o autor adapta a proposta de Griffin's et al. (1997) para a lógica dos jogos de rede/parede, dando forma a um quadro mais completo, que envolve todos os elementos do jogo. O autor salienta que esse modelo oferece um norte para a prática pedagógica do professor baseada no modelo do TGFU. Hopper (2003) afirma que os alunos preocupam-se em melhorar suas habilidades quando essa preocupação parte do jogo.

Hopper (2003) sugere que os elementos que determinam a qualidade da performance do jogador durante o jogo são:

1. Base- recuperar o posicionamento na base da quadra ou atacar a quadra adversária
2. Tomada de decisão – antecipação na movimentação: ou recuar para assumir um posicionamento defensivo, ou avançar para atacar a resposta do adversário
3. Posicionar-se – realização de um rápido split-step de preparação no momento em que o adversário rebate a bola
4. Ajuste- reagir apropriadamente à direção e velocidade da bola para preparar-se para rebater a bola
5. Execução da rebatida – eficiência na execução do golpe selecionado para rebater a bola

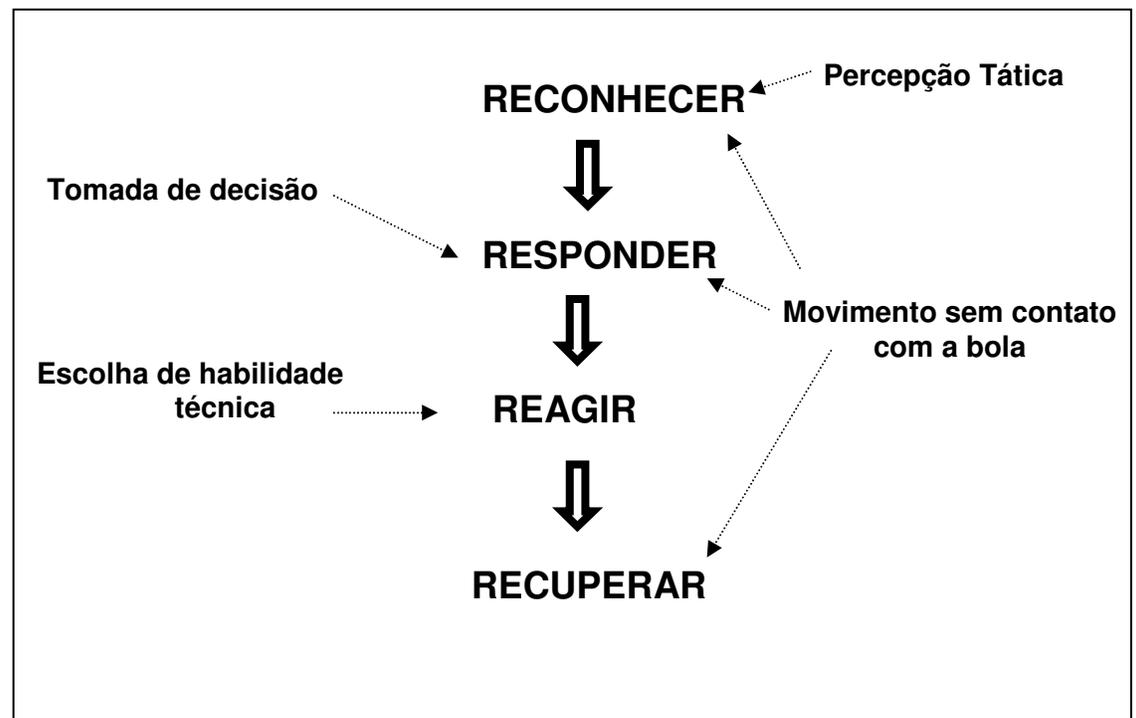


Figura 3- Modelo dos 4 R's, Hopper (2003)

O ensino das modalidades esportivas, a partir da proposta do modelo do TGFU deve basear-se na combinação do ensino da compreensão tática com o desenvolvimento das técnicas. Verifica-se que esta abordagem não exclui os elementos técnicos, mas sugere que o processo de ensino inicie-se com a tática para que, posteriormente, chegue-se à técnica. É a partir da experiência de jogar, e da compreensão da importância de determinados domínios de habilidades específicas da modalidade que deve ocorrer o ensino da técnica. Dessa maneira os alunos conseguem utilizar de maneira eficiente os elementos técnicos durante o jogo.

É importante ressaltar que o Tênis de Campo apresenta um contexto de jogo extremamente complexo. Isso ocorre pois as ações de um jogador dependem das ações de seu adversário, conseqüentemente, os pontos são compostos por situações imprevisíveis, que exigem dos jogadores inteligência, criatividade e tomadas rápidas de decisão.

Esse contexto do jogo dá suporte às propostas pedagógicas que se baseiam em jogos reduzidos nas aulas de iniciação esportiva. Afinal, os jogos reduzidos também envolvem situações imprevisíveis, que exigem do aluno inteligência, e tomada rápida de decisão. Cabe ao professor elaborar jogos que se aproximem taticamente do jogo formal, a estrutura e as regras

desses jogos devem criar desafios e levar o aluno constantemente a tomar decisões que melhorem sua percepção tática e sua criatividade na resolução dos problemas. Dessa forma, contribui-se para que a criança compreenda a lógica do Tênis de Campo.

Segundo ressaltam Hopper e Darren (2002), os teóricos que discutem o modelo do TGFU não abordam a questão como uma proposta de ensino pautada na tática em oposição à proposta de ensino pautada na técnica, mas sim na maneira que ocorre o ensino desses dois elementos que compõem o jogo.

Hopper e Darren (2002) realizam uma discussão acerca de uma estratégia de ensino chamada de “Part Practice”, que corresponde a idéia de dividir elementos do jogo e iniciar a prática a partir desses elementos antes da execução do jogo mais complexo. A segmentação e a simplificação são exemplos dessa estratégia de ensino.

Para os autores, a segmentação envolve a divisão da tarefa em dimensões espaciais e temporais. No Tênis de Campo, isso pode ocorrer tanto em relação a elementos técnicos quanto elementos táticos. Tradicionalmente isso se dá a partir da execução de habilidades técnicas isoladas e sua gradual incorporação a situações de jogo.

A simplificação envolve o ajuste de alguma característica da tarefa formal de forma a facilitá-la. Isso pode ocorrer a partir da utilização de equipamentos modificados, como, por exemplo, bolas de Tênis mais lentas, que acarretam em mais tempo para que o jogador leia a jogada e tome sua decisão.

Segundo os autores, os professores que partem do pressuposto de que é necessário primeiro um domínio da técnica para que depois o jogador esteja apto a jogar, utilizam a segmentação como estratégia de ensino. Com isso, fracionam o jogo em habilidades, separam a técnica da tática e programam suas aulas a partir dessa lógica.

Por outro lado, os professores que seguem uma proposta pedagógica segundo a qual parte-se da tática para se chegar à técnica, utilizam a simplificação como estratégia na elaboração das aulas. Isso se dá a partir da utilização de jogos reduzidos que podem simplificar tanto os elementos táticos quanto os elementos técnicos a partir da redução do espaço, aumento do tempo, utilização de equipamentos modificados. Dessa forma, o aluno está em contato com os princípios táticos do jogo formal e submetido a situações que envolvem regras e tomadas de decisão, o que leva a uma compreensão da lógica do jogo.

Os autores deixam claro que esse segundo modelo prepara melhor os alunos para as situações que eles vão lidar no jogo formal. Isso ocorre porque o modelo que parte da técnica envolve poucas tomadas de decisão, e não apresenta a dinamicidade que o contexto do jogo envolve. Dessa forma, os autores sugerem que o aluno terá uma dificuldade na percepção das situações de jogo e suas escolhas de respostas provavelmente serão mecânicas e pouco criativas.

Hopper e Darren (2002) apontam como exemplo uma situação de jogo do Tênis de Campo, em que a bola vem na direção do jogador para que ele rebata com o golpe de forehand. É provável que o objetivo do jogador seja somente o de rebater a bola por cima da rede e na quadra adversária, ao invés de ter como objetivo direcionar a bola para um local tendo em vista determinada estratégia de jogo, que foi elaborada a partir da leitura tática do jogo.

Na abordagem de ensino defendida pelos autores, o aluno é levado a estabelecer objetivos táticos baseados na complexidade de informações que os jogos reduzidos ocasionam. A partir desses objetivos o aluno planejará ações de jogo que possibilitam a execução de sua estratégia tática. Dessa forma, à medida que o aluno desenvolve objetivos táticos mais complexos, ele também desenvolve novas habilidades e melhoram as habilidades já incorporadas ao seu repertório motor para que o objetivo estabelecido seja alcançado.

Para os autores, tornar-se um jogador habilidoso no Tênis de Campo é um processo gradual que envolve aprender a utilizar os movimentos mais apropriados dentro das diferentes situações que ocorrem durante o jogo. O problema que jogadores novatos enfrentam é multifacetado, eles têm que aprender a selecionar quais informações do contexto são importantes para seu planejamento de ação e sua tomada de decisão. Baseados nessas informações devem selecionar táticas que levem à melhor oportunidade de vencer o ponto, e coordenar os movimentos que vão efetivamente concretizar sua escolha tática.

Os autores ressaltam a importância de que o foco do professor esteja voltado para a elaboração de jogos que tenham uma lógica semelhante a do jogo formal, e que estejam adequados à idade, experiência e objetivos dos alunos. Além disso, apontam para o risco de uma aula que esteja estruturada a partir de jogos reduzidos, mas que não aborde uma discussão sobre os aspectos táticos e as situações de jogo. É a partir dessa prática que o professor irá incitar uma reflexão por parte do aluno acerca de suas ações no jogo, o que leva à construção do conhecimento e à compreensão dos elementos táticos que compõem o jogo.

Nesse sentido, um aspecto central da proposta do TGFU é o engajamento do aluno com o ambiente do jogo. Durante as aulas, o jogo não deve ter um fim em si mesmo, é necessário que o aluno seja levado a refletir sobre sua percepção e suas tomadas de decisão, sobre como ele poderia ter utilizado as habilidades que ele já domina em diferentes situações do jogo, sobre as situações em que ele não soube o que fazer ou em que sentiu falta de alguma habilidade técnica para possibilitar a resolução de um problema.

Em relação ao ensino específico do Tênis de Campo, Hopper (2007) aponta três elementos centrais no jogo. Para o autor, cada um desses elementos oferece princípios a serem seguidos no planejamento das aulas.

1. Retornar consistentemente a bola e reposicionar-se de forma a cobrir o alvo do adversário
2. Direcionamento da bola em relação à quadra adversária, de forma a dificultar a rebatida do oponente.
3. Efeito para controlar a trajetória e força da bola, velocidade e altura da bola dificultando a rebatida do adversário.

Além desses elementos, o autor aponta outro aspecto que deve nortear as aulas de iniciação ao Tênis de Campo: a capacidade de leitura do jogo. Essa leitura, segundo o autor, pode ser entendida de duas maneiras, tanto a leitura tática das jogadas, quanto à leitura no sentido de perceber os sentidos que aquela prática possui, perceber os significados que o jogo produz dentro da complexidade do seu contexto. Nesse sentido, o autor ressalta a importância dos professores focarem o processo de ensino-vivência-aprendizagem para a compreensão do jogo, favorecendo a leitura do jogo e a antecipação, o que facilita a execução das habilidades envolvidas no jogo.

O autor comenta que é comum que os professores de Tênis tentem ensinar um gesto técnico da modalidade e praticá-lo propondo exercícios analíticos, nos quais os alunos repetem o movimento até a sua automatização. No entanto, o autor ressalta que raramente o aluno é capaz de transferir o movimento aprendido para o contexto de jogo.

Para Hopper (2007), as habilidades de pegar uma bola em movimento, arremessar a bola em direção a um alvo e rebatê-la são fundamentais para o jogo de Tênis. O autor sugere que os professores estruturam suas aulas em jogos reduzidos que envolvam essas habilidades a fim de trabalhar os três pontos mencionados acima.

A partir dessas discussões, Hopper (2007) ressalta que os professores devem estar atentos para os movimentos do aluno no momento em que ele está sem contato com a bola (off-the-ball movements). Aspectos como, por exemplo, retornar à posição de base, ler a situação de jogo e a partir daí tomar uma decisão tática, movimentação para ocupar bem os espaços da própria quadra, movimentar-se para realizar a rebatida.

A partir dessas discussões, é possível verificar a diversidade de elementos que envolvem o processo de ensino-vivência-aprendizagem do Tênis de Campo. É importante ressaltar que essa modalidade apresenta um contexto de jogo extremamente complexo. Isso ocorre pois as ações de um jogador dependem das ações de seu adversário, conseqüentemente, os pontos são compostos por situações imprevisíveis, que exigem dos jogadores inteligência, criatividade e tomadas rápidas de decisão.

Essa característica da modalidade dá suporte às propostas pedagógicas que se baseiam em jogos reduzidos nas aulas de iniciação esportiva. Afinal, os jogos reduzidos também envolvem situações imprevisíveis que exigem da criança inteligência, e tomada rápida de decisão. Cabe ao professor elaborar jogos que se aproximem taticamente do jogo formal, é importante que a estrutura e as regras desses jogos criem desafios e levem o aluno constantemente a tomar decisões que melhorem sua percepção tática e sua criatividade na resolução dos problemas. Dessa forma, contribui-se para que a criança compreenda a lógica do Tênis de Campo.

Hopper (2002) sugere exemplos de jogos reduzidos a serem trabalhados em aulas de iniciação de Tênis de Campo. Apresentaremos a descrição de alguns desses jogos de forma a ilustrar as possibilidades de criação de jogos que desenvolvam a compreensão tática dos alunos. É importante ressaltar que existem diversas possibilidades de criação de jogos reduzidos, cabe ao professor partir dos elementos táticos do Tênis de Campo e criar jogos reduzidos adequados ao nível de seus alunos e que promovam uma compreensão tática que pode ser transferida para o jogo formal.

O autor propõe um jogo em que os jogadores podem rebater a bola 2 vezes seguidas. A primeira rebatida é feita para cima, na própria quadra, e tem a função de dominar a bola para que o jogador tenha tempo de posicionar-se melhor e, após o pingo da bola, realizar a segunda rebatida em direção à quadra adversária. O autor ressalta que este jogo promove a leitura

da trajetória da bola, uma vez que o jogador deve reposicionar-se para o local em que a bola vai pingar na segunda vez para poder realizar a segunda rebatida de maneira eficiente.

Outro jogo sugerido pelo autor é o jogo do castelo, em que um cone é colocado entre os dois jogadores (não existe rede nesse jogo). O professor apresenta as seguintes regras a seus alunos: 1- a bola deve quicar uma vez, 2- o jogador deve rebater a bola tentando acertar o cone, mas ela deve ser rebatida com altura suficiente para ultrapassar a sua cabeça, 3- Os jogadores devem rebater a bola alternadamente. Ao propor o jogo, o professor pode fazer perguntas variadas, que levem o aluno a construir uma compreensão tática do jogo de Tênis. Por exemplo, o professor pode perguntar onde o jogador deve posicionar-se quando seu adversário vai rebater a bola. A resposta deve ser na linha do alvo do adversário, do lado contrário do cone. Dessa forma, o aluno aprende a antecipar a jogada do adversário, proporcionando mais tempo para realizar a rebatida.

A partir da análise dessas características da modalidade, é possível questionar as propostas pedagógicas baseadas em atividades analíticas previsíveis e fora do contexto do jogo, que visam o aperfeiçoamento da técnica a partir da repetição e mecanização dos movimentos. Isso ocorre pois, a aprendizagem de gestos técnicos de forma isolada não contribui para a aplicação dessas técnicas no contexto do jogo. As crianças sabem o gesto técnico, mas não sabem como utilizá-lo durante o jogo, não sabem ler as jogadas de maneira eficiente e depois selecionar os gestos técnicos adequados para aquela situação.

Nesse sentido, corroboramos com a proposta do TGFU, segundo a qual os elementos técnicos devem ser desenvolvidos em função da tática do jogo. Ao jogar, a criança percebe a importância do domínio de determinadas técnicas e é a partir dessa necessidade as técnicas devem ser trabalhadas e desenvolvidas. Não se trata de negar a importância do ensino dos gestos técnicos no processo de iniciação esportiva, mas de associar a sua importância à compreensão da lógica tática do jogo. Dessa forma possibilita-se que a criança saiba o momento de utilizar determinada técnica e os motivos táticos pelos quais ela deve ser utilizada.

3 Métodos

Segundo as propostas de Thomas e Nelson (2002), podemos caracterizar o presente estudo como uma pesquisa qualitativa, com amostra pequena, sendo que a análise dos dados ocorrerá a partir da interpretação do pesquisador. Para os autores, o aspecto mais importante da pesquisa qualitativa é o seu conteúdo interpretativo. Esse tipo de pesquisa busca compreender os significados do fenômeno estudado, nesse caso, a iniciação esportiva ao Tênis de Campo. Acreditamos que a pesquisa qualitativa é a mais adequada para atender os objetivos desse estudo, uma vez que possibilita a investigação do problema em toda a sua complexidade, considerando os contextos em que o fenômeno da iniciação esportiva ocorre e permitindo, ainda, compreender as perspectivas dos sujeitos envolvidos nesse processo.

Para a realização da coleta dos dados, recorreremos à documentação direta. Conforme Marconi e Lakatos (2003), a documentação direta corresponde ao levantamento de dados no próprio local em que os fenômenos ocorrem. Uma das formas de se realizar a documentação direta é através da pesquisa de campo, utilizada nesse estudo. Segundo os autores, a pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações acerca do problema a ser investigado, buscando uma resposta, comprovação de hipóteses ou aprofundar os conhecimentos que se tem sobre o fenômeno em questão. Consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente e no registro de aspectos relevantes que serão posteriormente analisados.

A escolha por esse método se deu pelo fato de que o objetivo geral desse estudo é o de verificar a realidade do fenômeno da iniciação esportiva ao Tênis de Campo nos quatro principais clubes do estado de São Paulo. Esse estudo seguiu os passos sugeridos pelos autores para a realização da pesquisa de campo: inicialmente deve ser realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão - a pedagogia do esporte e propostas pedagógicas para o ensino do Tênis de Campo. No segundo momento, devem ser selecionadas as técnicas utilizadas para a realização da coleta de dados, nesse estudo foram selecionadas a observação não participante e a realização de entrevistas semi-estruturadas. O terceiro momento corresponde à determinação das técnicas de registro dos dados e de sua análise posterior - nesse estudo, o uso de

gravadores para registrar as entrevistas, o diário de campo para registrar as observações das aulas e a análise de conteúdo para analisar os dados registrados.

A análise de conteúdo surge a partir das primeiras tentativas do Homem em interpretar os livros sagrados. Contudo, é por volta de 1920 que adquire formas organizadas de um método de investigação. Isso ocorreu a partir dos estudos realizados por Leavell, nos quais foram feitas análises das propagandas utilizadas durante a primeira Guerra Mundial (TRIVINOS, 1987).

Segundo Franco (2003), a análise de conteúdo baseia-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica de Linguagem, entendida como uma construção da sociedade. E corresponde a um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens (BARDIN, 1994). Segundo a autora, qualquer transporte de significações de um emissor para um receptor deveria poder ser decifrado pelas técnicas da análise de conteúdo.

Esse método pode ser utilizado tanto em pesquisas quantitativas, quanto em pesquisas qualitativas. O primeiro caso envolve a busca da cientificidade e da objetividade, o que acarreta em um alcance meramente descritivo das informações. Nesse sentido, o que serve de informação é o cálculo de frequência com que surgem certas características do conteúdo das mensagens.

Em relação às pesquisas qualitativas, universo no qual se insere esse estudo, o objetivo é a interpretação dos dados, a compreensão de características, estruturas e modelos das mensagens analisadas (GODOY, 1995). Conforme sugere Franco (2003), a Análise de Conteúdo permite que o pesquisador realize inferências sobre os elementos presentes no material analisado. Nesse estudo, a partir da interpretação dos dados obtidos nas entrevistas e no diário de campo, buscamos identificar os sentidos atribuídos à iniciação esportiva ao Tênis de Campo, realizar inferências que contribuam de maneira significativa para uma melhor compreensão deste fenômeno.

Na Análise de conteúdo, a primeira fase após a coleta dos dados corresponde à organização/classificação do material coletado. A proposta que acompanha a análise de conteúdo se refere a uma decomposição do discurso e identificação de unidades de análise ou grupos de representações para uma categorização dos fenômenos. A partir disso é possível uma

reconstrução de significados que permitam uma compreensão mais aprofundada da realidade do grupo estudado.

No caso do presente estudo, foi realizada a transcrição das entrevistas e a sua organização em blocos de resposta. Conforme sugerem Silva, Gobbi e Simão (2002), o exercício de leitura das entrevistas possibilita o cruzamento de informações aparentemente desconexas, e a interpretação de informações aponta para elementos em torno dos quais serão realizadas reflexões. Segundo Franco (2003), toda mensagem falada contém uma grande quantidade de informações sobre seu autor, tais como suas filiações teóricas, concepções de mundo, motivações, expectativas entre outras. São essas as informações de interesse obtidas a partir das entrevistas no presente estudo: verificar a filiação teórica do professor envolvido com a iniciação esportiva ao Tênis de Campo, analisar a partir de quais conteúdos e propostas pedagógicas ele estrutura suas aulas.

As autoras ressaltam a necessidade de que esse momento de leitura das entrevistas e das informações presentes no diário de campo esteja amparado pelo referencial teórico que sustenta o estudo. Diante disso, as discussões e os conceitos construídos no referencial teórico nortearam a organização e a análise dos dados coletados durante a pesquisa de campo. Além disso, Franco (2003) ressalta o fato de que as informações obtidas que sejam apenas descritivas contribuem pouco para a compreensão do fenômeno estudado. É de fundamental importância que o pesquisador volte seu olhar para as causas e os efeitos das mensagens analisadas.

Triviños (1987) discute as três etapas básicas que compõem a análise de conteúdo: a pré-análise, a descrição analítica e a interpretação inferencial.

Pré-análise: corresponde à fase de organização do material. Nesse momento, deve-se definir a maneira pela qual serão coletados e organizados os dados para a posterior análise. Segundo Franco (2003), a pré-análise corresponde a um momento de buscas iniciais, de primeiros contatos com os materiais. Ela envolve a escolha de documentos a serem analisados, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentarão a interpretação final.

Descrição analítica: inicia-se com a pré-análise e consiste no estudo de documentos que forem relevantes no estudo. Deve ser norteada pelos objetivos e referencial teórico do trabalho. Outro aspecto relevante da Descrição Analítica é ressaltado por Bardin

(1977), que afirma ter, essa etapa da análise de conteúdo, a função de sistematizar e descrever os conteúdos das mensagens que serão analisadas.

Interpretação inferencial: Nesse momento da pesquisa, deve haver a construção de reflexões baseadas a partir das informações levantadas nas fases anteriores. No presente estudo, a interpretação estará voltada para a análise dos conteúdos presentes nas entrevistas dos professores e nos diários de campo. A partir da análise desses dois momentos, será realizada uma discussão com o objetivo de comparar a filiação teórica que sustenta o discurso do professor com a filiação teórica que sustenta a sua prática pedagógica. Estabelecer comparações, realizar inferências a partir dos dados obtidos é o momento central da pesquisa. Para Franco (2003), é esse momento que confere à análise de conteúdo relevância teórica.

Outro momento de fundamental importância apontado pela autora corresponde à definição das categorias nas quais os dados serão inseridos. A categorização envolve uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, agrupamento de dados a partir de critérios definidos pelo pesquisador. Os critérios de categorização podem ser: semânticos, sintáticos, léxicos ou expressivos. Nesse estudo, foi estabelecido o critério semântico, a partir dos temas presentes nos dados.

Segundo Franco (2003), esse momento da pesquisa exige esforço por parte do pesquisador, uma vez que não existe um caminho certo e um errado para a definição das categorias. Elas devem ser estabelecidas a partir do material de análise e da teoria à qual o estudo está ancorado.

Existem duas opções a serem seguidas para a elaboração das categorias: elas podem ser definidas *a priori*, ou seja, são predeterminadas em função da busca por uma resposta específica; ou podem ser definidas *a posteriori* e, nesse caso, surgem a partir do conteúdo dos dados obtidos e implicam constantes consultas à teoria. Quanto mais claros os conceitos e abordagens teóricas utilizados para a definição das categorias, mais ricas as análises dos dados. Para a autora, um conjunto de categorias é produtivo desde que possibilite a obtenção de resultados que promovam hipóteses novas, dados relevantes para o aprofundamento de teorias.

3.1 Critérios da Pesquisa

A relevância da coleta de dados para a pesquisa sobre o contexto do processo de iniciação esportiva nos principais clubes do estado de São Paulo constitui aspecto central desse estudo. Foram estabelecidos dois critérios para a seleção dos clubes nos quais a pesquisa seria realizada. O primeiro critério foi o de verificar quais eram os clubes com o maior número de tenistas cadastrados na Federação Paulista de Tênis nas categorias entre 10 e 12 anos, masculinas e femininas. O segundo critério utilizado foi o de verificar o Ranking Interclubes da Federação Paulista de Tênis. Este Ranking considera todos os torneios da Federação (tanto os individuais quanto os por equipe), em todas as categorias.

Ao levantarmos os dados seguindo estes dois critérios, verificamos que os 4 primeiros clubes do Ranking Interclubes correspondiam aos 4 clubes com mais tenistas cadastrados na Federação Paulista entre 10 e 12 anos. Diante disso, a pesquisa foi realizada nestes 4 clubes: Sociedade Hípica de Campinas, Clube Paineiras do Morumby, Esporte Clube Pinheiros e Clube Atlético Paulistano.

3.2 Aspectos Éticos da Pesquisa

A coleta de dados ocorreu em dois momentos: inicialmente através de observação das aulas de iniciação esportiva ao Tênis de Campo e, a seguir, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os professores cujas aulas foram observadas. Foi realizada uma pesquisa piloto a fim de verificar a viabilidade dessa proposta de coleta e análise dos dados. É importante ressaltar que o projeto do estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da UNICAMP.

Em relação à observação das aulas dos professores, foi realizado um diário de campo a partir das informações observadas pela pesquisadora. O diário tem caráter descritivo, visando registrar as atividades realizadas durante a aula. O objetivo desse processo era o de

verificar as características das aulas de iniciação esportiva de Tênis de Campo, ou seja, verificar como se dá o processo de ensino e aprendizagem desta modalidade nos clubes estudados.

Em relação às entrevistas, as perguntas foram previamente elaboradas e apresentadas com antecedência para o entrevistado. As respostas foram abertas e as entrevistas foram gravadas. Houve uma preocupação em manter-se a privacidade do entrevistado. As perguntas estavam relacionadas à vivência do professor na modalidade em questão, sua formação escolar e os conteúdos que ele considera serem importantes na iniciação esportiva ao Tênis de Campo. Os sujeitos da pesquisa tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que explicava os aspectos da pesquisa. O texto na íntegra do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido se encontra nos Anexos.

Após o processo de gravação, foi realizada a transcrição das respostas. A partir das informações presentes na transcrição, foi realizada a análise do conteúdo das entrevistas. É importante ressaltar que as perguntas 1 a 8 têm um caráter descritivo, visando obter dados acerca do perfil do profissional envolvido com a iniciação ao Tênis de Campo- sua formação escolar, suas vivências na modalidade, há quanto tempo ele ministra aulas, entre outros aspectos. Por outro lado, as perguntas 9 e 10 envolvem aspectos teóricos da iniciação esportiva. Essas duas questões serão analisadas detalhadamente, a partir das propostas do método de análise de conteúdo. Ou seja, inicialmente será realizada uma análise descritiva das respostas, com o objetivo de salientar os aspectos relevantes da fala do professor. A seguir, será realizada uma análise inferencial, visando relacionar a fala do professor a filiações teóricas, identificando quais teorias sustentam o discurso do professor.

4 Apresentação dos Dados

A apresentação dos dados será realizada da seguinte maneira: inicialmente, apresentaremos uma caracterização dos entrevistados. A seguir, realizaremos uma análise dos dados obtidos a partir das entrevistas: primeiramente uma descrição analítica e, a seguir, uma análise inferencial desses dados.

O mesmo processo será realizado com os dados obtidos a partir das observações das aulas. Primeiramente faremos uma descrição analítica das aulas e, no momento seguinte, uma análise inferencial. É importante ressaltar que a análise inferencial desses dois momentos estará ancorada nos conhecimentos produzidos a partir da revisão da literatura.

4.1 SOCIEDADE HÍPICA DE CAMPINAS

4.1.1 Caracterização dos Entrevistados

Sujeito 1

Possui o Ensino Médio incompleto, nunca teve profissões que não estivessem relacionadas ao Tênis de Campo. Já foi boleiro, atleta e árbitro e atualmente exerce a profissão de professor da modalidade, e preocupa-se com a sua formação continuada, participando de vários cursos e palestras. Trabalha no clube há 31 anos, ministra aulas a crianças de 7 a 16 anos.

Sujeito 2

Possui o Ensino Médio completo, nunca teve profissões que não estivessem relacionadas ao Tênis de Campo. Já foi boleiro e atleta e atualmente exerce a profissão de professor da modalidade. Preocupa-se com a sua formação continuada. Participou de cursos da

ITF e CBT, além de ter realizado estágios em outros clubes e academias. Trabalha no clube há 5 anos, ministra aulas a crianças de 7 a 12 anos

4.1.2 Descrição Analítica das Entrevistas

Sujeito 1

O Sujeito 1 aponta como prioridades nos conteúdos a serem trabalhados em aulas de iniciação ao Tênis de Campo os movimentos, o equilíbrio e posicionamento da criança na quadra. Em relação aos aspectos mais importantes dessas aulas, o professor ressalta que é fundamental que elas sejam atrativas para a criança.

Sujeito 2

O Sujeito 2 aponta o ensino dos fundamentos do jogo como prioridades nos conteúdos a serem trabalhados em aulas de iniciação esportiva ao Tênis de Campo. Ressalta que eles são trabalhados individualmente e, uma vez que o aluno domine a execução dos fundamentos, ele é transferido para o grupo. E afirma que o aspecto mais importante da aula de iniciação é o ensino do jogo de Tênis.

4.1.3 Análise Inferencial das Entrevistas

Sujeito 1

Podemos verificar que a preocupação central do Sujeito 1 está relacionada a aspectos técnicos, ao ensino dos gestos técnicos da modalidade. Além disso, existe a preocupação com outro elemento motor da criança, o equilíbrio.

No entanto, ao mencionar a preocupação com o posicionamento da criança, o professor sinaliza para uma preocupação com um dos principais elementos táticos do jogo de Tênis de Campo. Uma vez que o bom posicionamento está relacionado à compreensão e à leitura da situação de jogo.

É possível inferir também que o professor preocupa-se em tornar as aulas atrativas para as crianças, ou seja, preocupa-se em estruturar a aula de forma a adequá-la aos interesses dos alunos.

Sujeito 2

Podemos verificar que a preocupação central do Sujeito 2 está relacionada ao ensino dos gestos técnicos da modalidade. Além disso, existe uma sequência pedagógica, primeiro o aluno aprende os golpes de base (direita e esquerda do fundo) e, em seguida vai aprender os golpes de voleio e saque. O jogo em si é apontado pelo professor como o último dos conteúdos a ser ensinado para o aluno. Ou seja, o domínio da técnica é condição necessária para que o aluno aprenda o jogo.

Segundo o referencial teórico utilizado nesse estudo, os alunos não precisam aprender para jogar, a relação proposta é inversa, os alunos devem jogar para aprender. Consequentemente, o jogo deve ser utilizado como uma ferramenta pedagógica que contribui de maneira significativa para o processo de aprendizagem da criança. Não deve haver pré-requisitos técnicos para o jogo, mas sim diferentes tipos de jogo que estejam adequados ao nível técnico e tático das crianças. Dessa forma os jogos possibilitam uma maior compreensão tática da criança, e uma aquisição de habilidades técnicas que serão transferidas posteriormente para o jogo formal.

A partir da análise da resposta do Sujeito 2, podemos verificar que ele coloca que o ensino do jogo de Tênis deve ser a prioridade em uma aula de iniciação esportiva à modalidade. Verifica-se que o professor reconhece que as crianças querem ir para a aula para brincar e se divertir, mas não menciona brincadeiras ou jogos como recursos, ferramentas pedagógicas que possam auxiliá-lo no ensino do Tênis de Campo.

Nesse sentido, podemos observar que o objetivo do professor é o de ensinar para a criança o jogo formal. No entanto, o professor não sinaliza a possibilidade de utilizar jogos reduzidos como ferramentas pedagógicas que contribuam para que a criança compreenda a lógica do jogo formal.

4.1.4 Diário de Campo

O diário de campo foi estruturado a partir do registro dos dados coletados através de observações de aulas de iniciação esportiva ao Tênis de Campo. A observação foi não participante, uma vez que o observador não interferiu diretamente no contexto da aula.

A transcrição dos diários de campo encontra-se no Anexo D. Para a análise dos dados registrados, será realizada inicialmente uma descrição analítica com o objetivo de sintetizar e apresentar os dados obtidos.

Aula 1

O professor baseou a aula principalmente em atividades analíticas. Ou seja, as atividades são fechadas, previsíveis e fora do contexto do jogo. As atividades trabalharam os gestos de base, ou seja, o golpe de direita e o de esquerda. Nessas atividades, as crianças apenas executaram os gestos técnicos repetidamente, e o professor faz comentários no sentido de melhorar a execução dos movimentos. Apenas os minutos finais da aula foram dedicados a um Jogo Reduzido.

Análise Inferencial Aula 1

É possível verificar, a partir dos dados registrados no diário de campo, que o professor baseou sua aula principalmente em atividades analíticas. Ele Estruturou as atividades da aula tendo como objetivo trabalhar os gestos técnicos que compõem a modalidade. As atividades foram fechadas, previsíveis e fora do contexto do jogo, visando um aperfeiçoamento dos gestos

técnicos. Todas as intervenções dos professores durante as atividades foram realizadas no sentido de corrigir os movimentos dos alunos.

Conforme apresentado na revisão teórica, os autores que discutem a iniciação esportiva questionam o método analítico como principal recurso pedagógico. Isso ocorre pois essas atividades estão baseadas principalmente na repetição de movimentos, visam o ensino dos gestos técnicos da modalidade e não estão inseridas em um contexto que se aproxima da lógica tática do jogo formal.

Aula 2

O professor estruturou a aula a partir de atividades analíticas. Atividades fechadas, previsíveis e fora do contexto do jogo. As atividades trabalharam os gestos de base, ou seja, o golpe de direita e o de esquerda. O professor também sugeriu uma atividade que tinha como objetivo treinar o saque. Apenas os minutos finais da aula foram dedicados ao jogo formal de duplas.

Análise Inferencial Aula 2

A partir da análise dos dados registrados no diário de campo, é possível verificar que o professor baseou a maior parte de sua aula em atividades analíticas. Estas atividades têm como principal objetivo desenvolver a técnica dos alunos. Diante disso, podemos constatar que o professor parte do pressuposto de que é importante que o processo de iniciação esportiva seja baseado no ensino dos gestos técnicos da modalidade.

No entanto, os autores discutidos na revisão bibliográfica defendem a ideia de que a criança deve primeiramente compreender a tática do jogo e, a partir da tática, desenvolver as habilidades técnicas. Para que isso ocorra, os autores sugerem os jogos reduzidos como a principal ferramenta pedagógica nas aulas de iniciação esportiva. Isso ocorre pois o jogo apresenta elementos táticos, é rico em situações problema que exigem da criança inteligência e criatividade para sua resolução.

Além disso, a proposta teórica do TGFU voltada para o ensino do Tênis de Campo sugere diversos jogos e brincadeiras que apresentam elementos técnicos e táticos com características similares ao jogo formal. A criança, ao vivenciar esses jogos e brincadeiras estará

construindo a sua compreensão do jogo formal, vivenciando situações problema similares às situações que o jogo de Tênis de Campo ocasiona.

Aula 3

As atividades propostas durante a aula foram atividades analíticas, ou seja, atividades fechadas, previsíveis e fora do contexto do jogo. As atividades trabalharam os gestos de base, ou seja, o golpe de direita e o de esquerda, como também os gestos de rede, tanto os voleios quanto o smash. Nessas atividades, as crianças apenas executaram os gestos técnicos repetidamente, e o professor faz comentários no sentido de melhorar a execução dos movimentos. Apenas os minutos finais da aula foram dedicados ao jogo formal de duplas.

Análise Inferencial Aula 3

Ao analisarmos os dados do diário de campo, é possível verificar que a proposta da aula foi a de desenvolver os gestos técnicos dos alunos a partir da prática de atividades analíticas. Segundo as propostas pedagógicas apresentadas neste estudo, é importante que as aulas de iniciação esportiva estejam baseadas em jogos reduzidos. Isso ocorre pois, ao vivenciar estes jogos, a criança constrói um conhecimento acerca da lógica tática do jogo.

As intervenções do professor durante a aula observada foram realizadas no sentido de corrigir os gestos técnicos dos alunos. Os autores estudados defendem que as intervenções dos professores devem ser realizadas no sentido de questionar as ações dos alunos durante o jogo, levando-os a refletir criticamente sobre elas. A partir deste processo de reflexão, os alunos desenvolvem a sua percepção tática do jogo, construindo conhecimentos sobre a lógica do jogo.

Aula 4

O professor baseou a aula em atividades analíticas. As atividades propostas em aula foram fechadas, previsíveis e fora do contexto do jogo, visavam desenvolver os golpes de base, ou seja, o golpe de *forehand*, *backhand*, como também os gestos de rede, tanto os voleios quanto o smash. Nessas atividades, as crianças apenas executaram os gestos técnicos repetidamente, e o professor faz comentários no sentido de melhorar a execução dos movimentos.

Apenas os minutos finais da aula foram dedicados à situação de jogo, na qual os alunos disputaram tie-break.

Análise Inferencial Aula 4

O professor elaborou as atividades da aula tendo como objetivo trabalhar os gestos técnicos que compõem a modalidade. As atividades foram fechadas, previsíveis e fora do contexto do jogo, visando um aperfeiçoamento dos gestos técnicos. Todas as intervenções dos professores durante as atividades foram realizadas no sentido de corrigir os movimentos dos alunos.

Conforme apresentado na revisão teórica, os autores que discutem a iniciação esportiva questionam o método analítico como principal recurso pedagógico. Isso ocorre pois essas atividades estão baseadas principalmente na repetição de movimentos, visam o ensino dos gestos técnicos da modalidade e não estão inseridas em um contexto que se aproxima da lógica tática do jogo formal.

Outro aspecto importante de ser ressaltado é que os materiais utilizados durante as aulas não eram adaptados à faixa etária e ao nível de jogo. Alguns alunos possuíam raquetes menores, no entanto, as bolas, a dimensão da quadra e a altura da rede eram oficiais. Conforme discutido na revisão bibliográfica, os autores sugerem o uso de materiais adaptados e espaços reduzidos nas aulas de iniciação à modalidade. Esses recursos pedagógicos permitem que as atividades da aula aproximem-se da lógica do jogo formal de uma maneira adequada para que a criança possa vivenciá-la. Não é adequado que crianças vivenciem o Tênis de Campo na quadra com dimensões oficiais, com a mesma bola, as mesmas regras que o jogo profissional.

4.2 CLUBE ATLÉTICO PAULISTANO

4.2.1 Caracterização dos Sujeitos

Sujeito 1

Possui Graduação em educação Física, e realizou um curso de pós graduação voltado para a Psicomotricidade. Já foi auxiliar na organização de campeonatos da modalidade. Trabalha com Tênis há 20 anos e é professor há 9 anos. Preocupa-se com a sua formação continuada, participando anualmente de cursos e palestras. Trabalha no clube há 20 anos, ministra aulas em grupo para crianças de 7 a 12 anos.

Sujeito 2

O Sujeito 2 possui graduação em Educação Física. Já foi bofeiro e é professor da modalidade há 19 anos. Preocupa-se com a sua formação continuada. Ministra aulas em grupos para crianças de 7 a 12 anos

Sujeito 3

O Sujeito 3 possui curso superior incompleto, cursou 3 anos de Faculdade de Educação Física nos Estados Unidos mas não terminou o curso. Já foi bofeiro e atleta da modalidade, é professor da modalidade há 29 anos. Preocupa-se com a sua formação continuada. Ministra aulas em grupos para crianças de 9 a 12 anos

Sujeito 4

O Sujeito 4 possui ensino médio incompleto. Iniciou sua vivência na modalidade como bofeiro, aos 7 anos de idade. Aos 20 tornou-se jogador profissional, disputando os principais torneios do circuito mundial. Chegou a ocupar a posição de 70 do mundo. Ministra aulas há 25 anos, trabalha com grupo de 4 crianças entre 9 e 12 anos, preocupa-se com sua formação continuada.

Sujeito 5

O Sujeito possui o Ensino Médio completo, foi jogador profissional de Tênis, aposentou-se em 2001 e em 2002 começou a ministrar aulas. Trabalha com no máximo 6 crianças por aula, com idades entre 7 e 18 anos. Preocupa-se em participar de cursos e palestras relacionados à modalidade.

4.2.2 Descrição Analítica das Entrevistas

Sujeito 1

O Sujeito 1 aponta como prioridades nos conteúdos a serem trabalhados em aulas de iniciação ao Tênis de Campo a coordenação da criança, preocupando-se em garantir um bom repertório motor que possa ser transferido para outras modalidades esportivas. Em relação aos aspectos mais importantes dessas aulas, o professor ressalta que o aspecto motor é fundamental.

Sujeito 2

O Sujeito 2 aponta a sociabilização entre as crianças como prioridade nos conteúdos a serem trabalhados em aulas de iniciação esportiva ao Tênis de Campo. Ressalta que as aulas devem garantir que a criança aprenda a modalidade para que ela possa ser praticada como uma forma de sociabilidade. Sugere que o aspecto técnico deve ser abordado durante as aulas, mas enfatiza a questão da amizade entre as crianças, que deve ser cultivada no ambiente do clube.

Sujeito 3

O Sujeito 3 ressalta a importância da movimentação da criança, do bom trabalho de pernas. Além disso, o professor aponta que o conteúdo central das aulas de iniciação à modalidade deve ser o ensino da mecânica dos golpes. Em relação aos aspectos fundamentais da aula, ele sugere a disciplina e o interesse da criança como elementos fundamentais. Afirma que o elemento lúdico deve estar presente, mas ele é secundário.

Sujeito 4

O professor aponta como prioridade das aulas de iniciação à modalidade, a formação básica do tenista. Isso corresponde à biomecânica dos golpes, ao aprimoramento dos gestos técnicos e ao desenvolvimento das capacidades físicas do aluno.

Sujeito 5

O professor afirma que o trabalho de coordenação, a relação com a bola-raquete e desenvolver as noções básicas dos movimentos específicos da modalidade são os principais conteúdos a serem trabalhados na etapa de iniciação esportiva. Ressalta, ainda, que a motivação é um aspecto importante das aulas. Para que a criança se interesse pelo esporte e o incorpore ao seu cotidiano.

4.2.3 Análise Inferencial das Entrevistas

Sujeito 1

Podemos verificar que a preocupação central do Sujeito 1 está relacionada ao aspecto motor de prática. Atribui importância à questão da coordenação da criança e sugere que as aulas devem proporcionar um repertório motor que possa ser transferido para outras modalidades.

É possível inferir que o professor reconhece a importância da variedade de vivências motoras na etapa da iniciação esportiva. Reconhece que as aulas não devem estar voltadas para uma especialização na modalidade em questão. No entanto, a preocupação do professor está voltada apenas para as questões motoras que envolvem a modalidade.

Sujeito 2

Podemos verificar que a preocupação central do Sujeito 2 está relacionada ao aspecto de sociabilidade que envolve o esporte. Sugere que a construção de amizades deve ser uma das principais prioridades da etapa de iniciação esportiva. Afirma que a preocupação das aulas não deve ser a de fomentar a competição, e sim de situar o esporte como um facilitador no processo de socialização da criança. O professor cita a importância dos aspectos técnicos da modalidade, mas esses não assumem uma importância central em sua fala.

Segundo o referencial teórico utilizado nesse estudo, as aulas de iniciação esportiva devem contribuir para a construção de relacionamentos interpessoais baseados no respeito ao outro. O ambiente da aula possibilita que a criança reconheça as diferenças entre as pessoas, respeitando as características do outro. Nesse sentido, corroboramos com a proposta do professor, acreditamos que a base da relação de amizade é o respeito ao outro. E essa característica deve ser cultivada nas crianças, para que as acompanhe em todos os relacionamentos de sua vida.

No entanto, acreditamos que outros aspectos deveriam ser abordados em aulas de iniciação esportiva ao Tênis de Campo. Elementos relacionados à compreensão da lógica do jogo, o incentivo à leitura das situações do jogo e tomadas de decisão de maneira rápida e eficiente são aspectos fundamentais para aulas de Tênis de Campo para crianças.

Sujeito 3

A partir da análise das respostas do Sujeito 3, verificamos que o elemento técnico é apontado como o principal conteúdo das aulas. Nesse sentido, verificamos que o processo de iniciação esportiva fica reduzido a uma etapa de ensino dos gestos técnicos visando a formação de futuros tenistas. A complexidade e as múltiplas possibilidades que este processo tem para a formação da criança são desconsiderados, e as aulas ficam limitadas ao ensino dos golpes do Tênis de Campo. Além disso, acreditamos que o aspecto lúdico não deve assumir um papel secundário diante da disciplina. Acreditamos que a criança deve ser o centro do processo de ensino-vivência-aprendizagem e isso se dá a partir do reconhecimento do lúdico, que é um aspecto central do mundo da criança. Não negamos a importância da disciplina, mas ela deve estar atrelada a outros elementos, e não ocupar sozinha o centro das aulas de iniciação ao Tênis de Campo.

Sujeito 4

A partir da análise das respostas do Sujeito 4, é possível constatar que os elementos considerados centrais no processo de iniciação esportiva são os elementos técnicos e físicos. O professor sugere que a mecânica dos golpes e o aprimoramento das capacidades físicas são os aspectos mais importantes das aulas de iniciação à modalidade. Verifica-se, portanto, que toda a complexidade que envolve o processo de ensino-vivência-aprendizagem esportiva é

reduzido aos elementos técnicos e físicos. Ou seja, não há indícios que o professor se preocupa com a formação integral dos alunos, com o desenvolvimento da inteligência, criatividade, socialização, entre inúmeros outros fatores que permeiam o processo de iniciação esportiva.

Sujeito 5

A análise das respostas apresentadas pelo professor indica a presença dos elementos técnicos e motores como elementos centrais do processo de iniciação esportiva. O professor sugere a importância da motivação e de que a aula seja divertida para a criança. No entanto, não aponta recursos que tornem a aula mais atrativa para as crianças, como, por exemplo, a utilização de jogos e brincadeiras.

4.2.4 Diário de Campo

Descrição Analítica da Aula 1:

O professor iniciou a aula com duas brincadeiras que fazem parte da cultura infantil, o pega-pega mãe da rua e pular corda. As atividades seguintes envolveram um trabalho de coordenação, visando melhorar a relação de controle da criança com a raquete e a bola. Nessas atividades a criança tinha que controlar a bola de diferentes maneiras (equilibrando na raquete, quicando a bola para baixo, para cima, deslocar-se batendo a bola no chão, entre outras). As atividades também tinham o objetivo de desenvolver o trabalho de coordenação de membros inferiores, aproximando o contato da criança com os padrões de corrida e movimentação exigidos durante o jogo. O professor utilizou a atividade do Espelho, de maneira a garantir que as crianças imitassem seus movimentos que foram de split-step e das corridas laterais da mesma maneira que o jogador desloca-se em direção à bola.

Após esse extenso trabalho de coordenação, movimentação e brincadeiras, o professor propôs atividades analíticas visando desenvolver o golpe de *forehand* e *backhand*.

Nessas atividades, as crianças apenas executaram os gestos técnicos repetidamente, e o professor faz comentários no sentido de melhorar a execução dos movimentos.

Nos 15 minutos finais o professor sugeriu que as crianças jogassem um jogo reduzido.

Análise Inferencial Aula 1

A partir da análise desta aula, é possível verificar que o professor utilizou recursos e atividades variadas durante a aula. Iniciou com brincadeiras que fazem parte do universo da criança, a seguir propôs atividades que visavam desenvolver a coordenação da criança. Utilizou atividades analíticas para desenvolver os gestos técnicos de *forehand* e *backhand* e propôs jogos reduzidos para desenvolver a leitura tática e o processo de percepção de jogo. É importante ressaltar que os jogos propostos estavam adaptados ao nível técnico das crianças. A quadra era reduzida e as bolas eram mais lentas, o que torna o jogo mais fácil e possibilita que a criança o vivencie com mais qualidade. Diante disso, os pontos eram longos, as crianças conseguiam rebater muitas bolas antes do ponto acabar. Esse contexto possibilita que o jogo das crianças aproxime-se da estrutura tática do jogo formal, o que garante que o processo de leitura do jogo e de tomada de decisão seja mais eficiente e que contribua para a formação de jogadores inteligentes e criativos. Acreditamos que a variação de atividades propostas é um elemento importante do processo de iniciação esportiva. As atividades analíticas devem ser usadas durante as aulas, mas não como o recurso principal. Os jogos e as brincadeiras tornam as aulas atrativas para a criança, a vivência de jogos reduzidos beneficia o processo de leitura de jogo e compreensão de elementos táticos.

Descrição Analítica da Aula 2

O professor iniciou a aula com duas brincadeiras que fazem parte da cultura infantil, propôs que as crianças pulassem corda e, a seguir sugeriu uma brincadeira de pega-pega na qual as crianças poderiam apenas correr sobre as linhas da quadra.

As atividades seguintes envolveram um trabalho de coordenação, visando melhorar a coordenação de pernas, e os golpes técnicos. As atividades envolviam variados padrões de deslocamento e a simulação de rebatidas.

Após esse extenso trabalho de coordenação, movimentação e brincadeiras, o professor propôs atividades analíticas visando desenvolver o golpe de *forehand* e *backhand*. Nessas atividades, as crianças apenas executaram os gestos técnicos repetidamente, e o professor faz comentários no sentido de melhorar a execução dos movimentos.

Nos 15 minutos finais o professor sugeriu que as crianças jogassem um jogo reduzido.

Análise Inferencial Aula 2

A partir da análise desta aula, é possível verificar que o professor utilizou recursos e atividades variadas durante a aula. Iniciou com brincadeiras que fazem parte do universo da criança, a seguir propôs atividades que visavam desenvolver a coordenação da criança. Utilizou atividades analíticas para desenvolver os gestos técnicos de *forehand* e *backhand* e propôs jogos reduzidos para desenvolver a leitura tática e o processo de percepção de jogo. É importante ressaltar que os jogos propostos estavam adaptados ao nível técnico das crianças. A quadra era reduzida e as bolas eram mais lentas, o que torna o jogo mais fácil e possibilita que a criança o vivencie com mais qualidade. Diante disso, os pontos eram longos, as crianças conseguiam rebater muitas bolas antes do ponto acabar. Esse contexto possibilita que o jogo das crianças aproxime-se da estrutura tática do jogo formal, o que garante que o processo de leitura do jogo e de tomada de decisão seja mais eficiente e que contribua para a formação de jogadores inteligentes e criativos.

Descrição Analítica da Aula 3

O professor iniciou a aula com uma brincadeira que faz parte da cultura infantil, propôs que as crianças pulassem corda, com variações nos tipos de saltos. As atividades seguintes envolveram um trabalho de velocidade, o professor pediu para as crianças darem piques variados na quadra.

Após esse trabalho de velocidade, o professor propôs atividades analíticas visando desenvolver o golpe de *forehand* e *backhand*. Nessas atividades, as crianças apenas executaram os gestos técnicos repetidamente, e o professor faz comentários no sentido de melhorar a execução dos movimentos. O professor também propôs uma atividade analítica visando trabalhar o saque e a devolução.

Durante a aula, o professor propôs dois jogos reduzidos, em que as crianças disputavam pontos na quadra reduzida.

Análise Inferencial Aula 3

A partir da análise desta aula, é possível verificar que o professor utilizou recursos e atividades variadas durante a aula. Iniciou com a brincadeira de pular corda, a seguir propôs uma atividade que visava desenvolver a velocidade da criança. Utilizou atividades analíticas para desenvolver os gestos técnicos de *forehand*, *backhand* e saque e propôs jogos reduzidos para desenvolver a leitura tática e o processo de percepção de jogo. É importante ressaltar que os jogos propostos estavam adaptados ao nível técnico das crianças. A quadra era reduzida e as bolas eram mais lentas, o que torna o jogo mais fácil e possibilita que a criança o vivencie com mais qualidade. Diante disso, os pontos eram longos, as crianças conseguiam rebater muitas bolas antes do ponto acabar. Esse contexto possibilita que o jogo das crianças aproxime-se da estrutura tática do jogo formal, o que garante que o processo de leitura do jogo e de tomada de decisão seja mais eficiente e contribua para a formação de jogadores inteligentes e criativos.

Descrição Analítica da Aula 4

O professor iniciou a aula com um circuito formado por 4 estações. As atividades de cada estação tinham como objetivo trabalhar a coordenação e o deslocamento da criança. A seguir, o professor estruturou uma dinâmica que visava desenvolver a capacidade de controle de bola das crianças. Dividiu a quadra formal em 3 quadras reduzidas e solicitou que os alunos trocassem bolas nessa quadra, tendo como objetivo errar o mínimo possível. Após essa dinâmica, o professor propôs um jogo reduzido, no qual as crianças disputariam pontos na quadra reduzida.

Análise Inferencial Aula 4

A partir da análise das atividades propostas nesta aula, é possível verificar que o professor preocupou-se em abordar diferentes elementos que compõem o Tênis de Campo. A coordenação e a movimentação de pernas são fatores essenciais para o jogo. Um jogador mais rápido e coordenado é capaz de alcançar as bolas com mais facilidade, o que auxilia a rebatida.

Além disso, grande parte da aula foi dedicada ao controle de bolas e disputa de pontos, que também correspondem a situações presentes no jogo. A capacidade de controlar a bola e diminuir o número de erros pode ser utilizada como uma tática de jogo. Além disso, a situação de disputa de pontos desenvolve a capacidade de percepção do jogo e ajuda a criança a desenvolver a capacidade de resolver de maneira eficiente as situações problema que ocorrem durante o jogo.

4.3 Clube Paineiras do Morumby

4.3.1 Caracterização dos Sujeitos

Sujeito 1

O Sujeito possui formação acadêmica na área de Educação Física, nunca exerceu profissões não relacionadas ao Tênis de Campo. Trabalha com a modalidade há 13 anos, ministra aulas para aproximadamente 12 crianças por aula, com idades entre 5 e 12 anos.

Sujeito 2

O Sujeito possui formação acadêmica em Educação Física, já teve diversas outras profissões antes de trabalhar com Tênis de Campo. Teve experiência como bofeiro e também foi atleta, dá aulas há 9 anos, para crianças entre 5 e 12 anos e trabalha com uma média de 12 crianças por aula.

4.3.2 Descrição Analítica das Entrevistas

Sujeito 1

A professora aponta como prioridade de conteúdos das aulas a formação da criança. Em sua resposta verificamos que a prioridade é a formação motora, ou seja, elementos que trabalham a coordenação e também os gestos técnicos específicos da modalidade. Em relação aos aspectos mais importantes de serem considerados em aulas de iniciação ao Tênis de Campo, a professora aponta alguns princípios que devem nortear a prática pedagógica: desenvolver o interesse pelo esporte, promover a socialização.

Sujeito 2

O professor ressaltou a prioridade dos aspectos técnicos nos conteúdos desenvolvidos durante as aulas. Menciona as empunhaduras e os golpes técnicos, além da importância de movimentação de pernas. Ao ser questionado sobre os aspectos importantes de serem desenvolvidos em aulas de iniciação à modalidade, o professor afirma a importância de que a aula seja divertida para as crianças. Afirma que é importante que o professor conheça e trabalhe no mundo da criança, de forma a tornar a aula atrativa para os alunos.

4.3.3 Análise Inferencial das Entrevistas

Sujeito 1

A professora acredita que a técnica é o conteúdo principal de ser desenvolvido em aulas de iniciação à modalidade. No entanto, é possível verificar que ela reconhece a importância do processo de iniciação esportiva para a formação integral da criança. Isso ocorre pois ela menciona a socialização e o aumento do interesse da criança em relação ao esporte como aspectos centrais das aulas de iniciação esportiva. Esses dois aspectos estão relacionados ao processo de formação integral da criança, e não apenas ao desenvolvimento das técnicas do futuro tenista.

Sujeito 2

O Sujeito menciona como conteúdo central das aulas o ensino da técnica, desde as empunhaduras, os golpes técnicos, até a movimentação. Ao ser questionado sobre os principais aspectos das aulas de iniciação à modalidade, ele ressalta a importância da aula ser divertida, e adequada à criança. Nesse sentido, verificamos que o professor coloca não considera apenas a técnica como elemento central das aulas de iniciação ao Tênis. Ele defende a importância do professor reconhecer o aluno como centro do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que sugere a importância do professor reconhecer o mundo da criança e estruturar as aulas a partir deste mundo.

4.3.4 Diário de Campo

Descrição Analítica da Aula 1

A professora iniciou a aula com uma atividade que tinha o objetivo de treinar o saque. As crianças iniciaram com saque próximo à rede e, à medida que acertavam, recuavam para a linha de fundo. Após este primeiro momento, as crianças treinaram o saque da linha de base. A seguir, a professora propôs uma atividade analítica que tinha como objetivo treinar os golpes de *forehand* e *backhand*. Durante esta atividade, a professora realizou intervenções no sentido de melhorar o gesto técnico e a movimentação das crianças. Depois desta atividade, a professora propôs dois jogos reduzidos que trabalhavam situações de disputa de pontos entre os alunos.

Análise Inferencial Aula 1

A partir da análise da aula, é possível verificar que a professora estruturou a aula a partir da variação das características das atividades. Utilizou atividades analíticas para desenvolver os golpes técnicos de *forehand*, *backhand* e saque. É importante ressaltar que as atividades analíticas envolveram não apenas a execução dos gestos técnicos, mas também o

trabalho de movimentação das pernas. Propôs jogos reduzidos com contexto tático similar ao jogo formal. Os jogos propostos na aula estavam adequados ao nível técnico das crianças. A quadra era reduzida, o que facilitou o jogo, garantindo que as crianças alcançassem as bolas com maior facilidade. Isto tornou os pontos mais longos, e aproximou o jogo à estrutura do jogo formal, o que garante que o processo de leitura do jogo e de tomada de decisão seja mais eficiente e que contribua para a formação de jogadores inteligentes e criativos.

Descrição Analítica da Aula 2

O professor iniciou a aula com uma atividade analítica para trabalhar o saque. As crianças estavam posicionadas na linha de base e deveriam executar o saque. A seguir, o professor estruturou uma dinâmica que visava desenvolver a capacidade de controle de bola das crianças. Estabeleceu um espaço sem rede para que duas crianças trocassem bolas, tendo como objetivo errar o mínimo possível. A terceira criança realizou uma atividade analítica que tinha como objetivo treinar os golpes de *forehand* e *backhand*. O professor realizou três rodízios de maneira que os 3 alunos passassem pelas duas atividades. Após essa dinâmica, o professor propôs um jogo reduzido, no qual as crianças disputariam pontos na quadra reduzida.

Análise Inferencial Aula 2

A partir da análise das atividades propostas nesta aula, é possível verificar que o professor preocupou-se em abordar diferentes elementos que compõem o Tênis de Campo. Sugeriu atividades analíticas que visavam o trabalho do saque e dos golpes de *forehand* e *backhand*. Além disso, grande parte da aula foi dedicada ao controle de bolas e disputa de pontos, que também correspondem a situações presentes no jogo. A capacidade de controlar a bola e diminuir o número de erros pode ser utilizada como uma tática de jogo. Além disso, a situação de disputa de pontos desenvolve a capacidade de percepção do jogo e ajuda a criança a desenvolver a capacidade de resolver de maneira eficiente as situações problema que ocorrem durante o jogo.

Descrição Analítica da Aula 3

A professora iniciou a aula com uma atividade que tinha o objetivo de treinar o saque. As crianças iniciaram com saque próximo à rede e, à medida que acertavam, recuavam

para a linha de fundo. Após este primeiro momento, as crianças treinaram o saque da linha de base. A seguir, a professora propôs uma atividade analítica que tinha como objetivo treinar os golpes de *forehand* e *backhand*. Houve preocupação da professora em chamar a atenção das crianças para a movimentação das pernas durante a atividade, solicitou que os alunos se deslocassem com velocidade, para chegar mais rápido nas bolinhas que eram lançadas. Depois desta atividade, a professora propôs dois jogos reduzidos que trabalhavam situações de disputa de pontos entre os alunos.

Análise Inferencial Aula 3

A partir da análise da aula, é possível verificar que a professora estruturou a aula a partir da variação das características das atividades. Utilizou atividades analíticas para desenvolver os golpes técnicos de *forehand*, *backhand* e saque. É importante ressaltar que as atividades analíticas envolveram não apenas a execução dos gestos técnicos, mas também o trabalho de movimentação das pernas. Além disso, foram propostos dois jogos reduzidos com contexto tático similar ao jogo formal. Os jogos propostos na aula estavam adequados ao nível técnico das crianças. A quadra era reduzida, o que facilitou o jogo, garantindo que as crianças alcançassem as bolas com maior facilidade. Isto tornou os pontos mais longos, e aproximou o jogo à estrutura do jogo formal, o que garante que o processo de leitura do jogo e de tomada de decisão seja mais eficiente e que contribua para a formação de jogadores inteligentes e criativos.

Descrição Analítica da Aula

O professor iniciou a aula com uma atividade que tinha o objetivo de treinar o saque. As crianças estavam posicionadas na linha de base e deveriam executar o saque. A seguir, o professor estruturou uma dinâmica que visava desenvolver a capacidade de controle de bola das crianças. Estabeleceu um espaço sem rede para que ele e mais um aluno trocassem bolas, tendo como objetivo errar o mínimo possível. As outras crianças deveriam formar uma fila, e esperar para que o professor chamasse outro aluno para ir realizar a atividade. A seguir, o professor estruturou outra dinâmica que visava desenvolver a capacidade de controle de bola das crianças. Dividiu a quadra formal em 4 quadras reduzidas e solicitou que os alunos trocassem bolas nessa quadra, tendo como objetivo errar o mínimo possível. Enquanto oito alunos realizavam essa atividade, uma criança deveria realizar atividades analíticas com o professor para treinar os

golpes de *forehand* e *backhand*. O professor realizou 9 rodízios dessa atividade, de forma que todos os alunos passassem pela atividade analítica..

Análise Inferencial Aula 4

A partir da análise das atividades propostas nesta aula, é possível verificar que o professor preocupou-se em abordar principalmente o controle de bola. A capacidade de controlar a bola e diminuir o número de erros pode ser utilizada como uma tática de jogo.

4.4 Esporte Clube Pinheiros

4.4.1 Caracterização dos Sujeitos

Sujeito 1

O Sujeito possui formação acadêmica na área de Educação Física, na Universidade Federal de São Carlos. Nunca exerceu profissões não relacionadas ao Tênis de Campo. Trabalha com a modalidade há 11 anos, preocupa-se com sua formação continuada, já participou de diversos cursos, inclusive workshops internacionais. É coordenador da escolinha de Tênis do clube.

Sujeito 2

O Sujeito possui o ensino Médio incompleto, já exerceu profissões não relacionadas à modalidade. Trabalha com Tênis há 31 anos, já foi atleta e boleiro, ministra aulas para até 12 crianças com idade entre 6 e 12 anos. Já realizou vários cursos relacionados à modalidade.

Sujeito 3

O Sujeito possui o ensino Médio completo, já exerceu profissões não relacionadas à modalidade. Trabalha com Tênis há 6 anos, já foi atleta e boleiro, ministra aulas para até 12 crianças com idade entre 6 e 12 anos. Já realizou vários cursos relacionados à modalidade.

Sujeito 4

O Sujeito é graduado em Educação Física na FMU, e possui pós graduação em administração e marketing esportivo. Já exerceu profissões não relacionadas à modalidade. Trabalha com Tênis há 7 anos, já foi atleta, boleiro e árbitro. Ministra aulas para turmas com 3 a 6 crianças com idade entre 8 e 12 anos. Já realizou vários cursos relacionados à modalidade.

4.4.2 Descrição Analítica das Entrevistas

Sujeito 1

O professor aponta como prioridade de conteúdos das aulas os aspectos físicos, técnicos e táticos. Em relação aos aspectos físicos, menciona as habilidades básicas de locomoção, estabilidade e manipulação, acredita na importância da formação de um repertório motor amplo e variado. Em relação aos aspectos técnicos e táticos da modalidade, cita a importância de atividades abertas e o método de ensino sugerido pela ITF, o Play and Stay. Explica que o planejamento da aula é dividido de acordo com as situações táticas do jogo: as situações de saque e devolução, golpes de fundo e a situação de rede/passador. Diante disso, ressalta a importância de possibilitar que a criança vivencie as situações de jogo. Em relação aos aspectos mais importantes de serem considerados em uma aula de iniciação à modalidade, o entrevistado ressalta a necessidade de desenvolver um amplo repertório motor. Nos aspectos técnicos, aponta a necessidade da criança desenvolver um bom ponto de contato e, nos aspectos táticos, desenvolver a regularidade e direcionamento nas trocas de bola.

Sujeito 2

O professor ressaltou a prioridade dos aspectos técnicos nos conteúdos desenvolvidos durante as aulas. Afirma que os gestos técnicos são os principais aspectos e conteúdos a serem desenvolvidos em aulas de iniciação ao Tênis de Campo.

Sujeito 3

Em relação aos conteúdos das aulas, o professor ressaltou a prioridade da técnica e a importância da criança conseguir realizar o ponto de contato da raquete com a bola na frente do corpo. Em relação aos aspectos mais importantes de serem trabalhados nas aulas de iniciação ao Tênis de Campo, o professor menciona a vivência do jogo como elemento importante de ser considerado.

Sujeito 4

Em relação aos conteúdos das aulas, o professor ressaltou a importância de desenvolver a capacidade da criança em aplicar as técnicas com objetivos táticos. Em relação aos aspectos mais importantes de serem trabalhados nas aulas de iniciação ao Tênis de Campo, o professor menciona a motivação como elemento central das aulas.

4.4.3 Análise Inferencial das Entrevistas

Sujeito 1

O professor menciona os aspectos físicos, técnicos e táticos como conteúdos a serem desenvolvidos em aulas de iniciação à modalidade. Nesse sentido, verificamos que o entrevistado tem a percepção da iniciação esportiva como um fenômeno complexo, que deve envolver a criança na sua totalidade. Além disso, verificamos que o jogo assume um papel central nas aulas. O jogo formal é dividido em situações táticas que são desenvolvidas durante as aulas.

Diante disso, a criança desenvolve uma percepção tática que é um elemento fundamental para a formação de bons jogadores.

Sujeito 2

O Sujeito coloca como conteúdo central das aulas o ensino da técnica. Ao ser questionado sobre os principais aspectos das aulas de iniciação à modalidade, ele repete a importância do ensino dos gestos técnicos da modalidade. Nesse sentido, verificamos que o professor considera apenas a técnica como elemento central das aulas de iniciação ao Tênis. Essa limitação das possibilidades das aulas de iniciação esportiva restringe a multiplicidade de elementos que permeiam este processo e que poderiam contribuir para o processo de formação integral da criança.

Sujeito 3

O Sujeito coloca como conteúdo central das aulas o ensino da técnica. Ao ser questionado sobre os principais aspectos das aulas de iniciação à modalidade, ele afirma que a vivência do jogo é um aspecto importante das aulas. Diante disso, verificamos que o professor considera tanto os aspectos técnicos como a vivência do jogo como elementos importantes de serem considerados nas aulas de iniciação esportiva. Corroboramos com a importância desses dois elementos no processo de iniciação esportiva, desde que o ensino da técnica ocorra a partir das situações de jogo.

Sujeito 4

O Sujeito coloca como conteúdo central das aulas o ensino da técnica com objetivos táticos. Acreditamos que estes dois elementos devem estar associados e que é de fundamental importância que a criança tenha um conhecimento da lógica tática do jogo para que consiga aplicar os elementos técnicos de maneira eficiente no jogo. Ao ser questionado sobre os principais aspectos das aulas de iniciação à modalidade, ele afirma que a motivação é um aspecto importante das aulas. Diante disso, verificamos que o professor percebe a importância de tornar a aula interessante para as crianças de forma que elas estejam motivadas a continuar a prática da modalidade. Nesse sentido, para conseguir tornar a aula motivante, é de fundamental importância

que o professor considere o mundo da criança, a fim de abordar os elementos que são do interesse dos alunos.

4.4.4 Diário de Campo

Descrição Analítica Aula 1

A aula foi estruturada a partir da situação tática do jogo de Tênis em que um jogador está no voleio e um jogador está no fundo da quadra. O professor referiu-se a esta situação como “voleador/passador”. Os materiais da aula eram adaptados ao nível de jogo do aluno, as bolas eram 75% mais lentas que a bola oficial, as raquete do aluno era menor que a oficial, a rede mais baixa e o espaço da quadra também era reduzido.

No início da aula, o aluno realizou uma atividade em que ele deveria ficar no gol e tentar defender as bolas com a raquete, o professor lançava as bolas com a mão, tentando marcar o gol. A seguir, o professor sugeriu uma atividade de troca de bolas, primeiro a criança no fundo e ele na rede, depois inverteram as posições. A seguir, realizaram uma troca de bolas do fundo da quadra e o professor orientou o aluno a subir para a rede sempre que julgasse um bom momento. Após o bate-bola, ambos disputaram pontos seguindo este mesmo princípio de tentar subir à rede.

Análise Inferencial Aula 1

A partir da análise da aula, é possível verificar que ela está de acordo com as propostas pedagógicas defendidas neste estudo. Isso ocorre pois a aula foi estruturada a partir de uma situação tática, que foi desenvolvida a partir de jogos reduzidos que buscaram levar a criança a construir uma compreensão sobre a lógica daquela situação. As interferências realizadas pelo professor ao longo da aula foram no sentido de questionar as decisões do aluno, porque ele agiu de uma forma e não de outra, o quê poderia ter sido diferente. Portanto, as preocupações

estavam associadas à percepção e leitura do jogo da criança, que são elementos básicos nas propostas pedagógicas adotadas neste estudo.

Descrição Analítica Aula 2

A aula foi estruturada a partir da situação tática do jogo de Tênis em que um jogador está no voleio e um jogador está no fundo da quadra. O professor referiu-se a esta situação como “voleador/passador”. Os materiais da aula eram adaptados ao nível de jogo do aluno, as bolas eram 50% mais lentas que a bola oficial, as raquete do aluno era menor que a oficial, a rede mais baixa e o espaço da quadra também era reduzido.

No início da aula, os alunos realizaram uma atividade em que uma criança deveria ficar no gol e tentar defender as bolas com a raquete, as outras crianças deveriam permanecer em uma fila e lançar bolas com a mão, tentando marcar o gol. A seguir, o professor sugeriu um jogo reduzido visando desenvolver a situação de passar a bola pelo oponente, sem que ele encoste na bola. Para encerrar a aula, o professor propôs que os alunos disputassem pontos, no jogo com a mesma estrutura do jogo formal, mas disputado com os materiais e o espaço adaptado.

Análise Inferencial Aula 2

A partir da análise da aula, é possível verificar que ela está de acordo com as propostas pedagógicas defendidas neste estudo. Isso ocorre pois a aula foi estruturada a partir de uma situação tática, que foi desenvolvida a partir de jogos reduzidos que buscaram levar a criança a construir uma compreensão sobre a lógica daquela situação. As interferências realizadas pelo professor ao longo da aula foram no sentido de questionar as decisões do aluno, porque ele agiu de uma forma e não de outra, o que poderia ter sido diferente. Portanto, as preocupações estavam associadas à percepção e leitura do jogo da criança, que são elementos básicos nas propostas pedagógicas adotadas neste estudo.

Descrição Analítica Aula 3

A aula foi estruturada para que os alunos trabalhassem os golpes de base, o *forehand* e o *backhand*, e os professores reforçaram a importância do trabalho das pernas para

ajudar na batida. As bolas eram 25% mais lentas que as bolas oficiais e a quadra e a rede tinham a medida oficial.

O professor criou diferentes situações de disputas de pontos durante a aula, inicialmente os alunos no fundo e os professores no voleio e depois propôs a situação de disputa de pontos com os dois jogadores no fundo da quadra. Para encerrar a aula, o professor propôs que os alunos jogassem um jogo de duplas sem saque.

Análise Inferencial Aula 3

A partir da análise da aula, é possível verificar que ela está de acordo com as propostas pedagógicas defendidas neste estudo. Isso ocorre pois a aula foi estruturada a partir de atividades que envolviam um contexto tático similar ao contexto de jogo. Não houve atividades analíticas, todas as dinâmicas propostas ao longo da aula continham o aspecto da imprevisibilidade e geravam situações em que a criança deveria reagir de maneira rápida, buscando soluções para as situações problema. As interferências realizadas pelo professor ao longo da aula foram no sentido de questionar as decisões do aluno, porque ele agiu de uma forma e não de outra, o que poderia ter sido diferente. Portanto, as preocupações estavam associadas à percepção e leitura do jogo da criança, que são elementos básicos nas propostas pedagógicas defendidas neste estudo.

5 Considerações Finais

A Pedagogia do Esporte envolve um amplo campo de pesquisa, com múltiplas perspectivas e possibilidades de reflexões. Nesta dissertação, abordamos o processo de iniciação esportiva a partir de sua dimensão educacional, baseando-nos na idéia de que as aulas de iniciação esportiva podem contribuir de maneira significativa com a formação integral das crianças.

Este estudo teve como objetivo verificar o contexto da iniciação ao Tênis de Campo nos quatro principais clubes do estado de São Paulo. Para atender esse objetivo, inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, visando construir um marco teórico que sustentasse as idéias defendidas neste estudo. A seguir, foi realizada uma pesquisa de campo dividida em dois momentos: realização de entrevistas com os professores envolvidos com as aulas de iniciação esportiva nos clubes, e, no segundo momento foi realizada uma observação das aulas destes profissionais.

A partir da análise dos dados obtidos com as entrevistas, verificamos algumas características sobre os profissionais envolvidos com o processo de iniciação esportiva. A maioria dos professores não é formada em Educação Física, a maioria deles afirmou preocupar-se com sua formação continuada, através da participação em cursos ou workshops da modalidade. Todos os profissionais entrevistados possuem uma vivência relacionada ao Tênis antes de terem começado a ministrar as aulas. Portanto, podemos concluir que a formação da maioria dos professores envolvidos com a iniciação ao Tênis de Campo ainda está ancorada na vivência prática que esses profissionais tiveram na modalidade. Vivência esta que estava inserida no paradigma que reduzia a modalidade em gestos técnicos, segundo o qual as aulas deveriam estruturar-se em atividades analíticas visando o ensino das técnicas.

Esse paradigma também pôde ser constatado a partir da análise das respostas dos professores. A maioria dos profissionais entrevistados ainda considera o ensino das técnicas como elemento central das aulas. Estes professores acreditam que é importante que a criança tenha um domínio da técnica antes de vivenciar o jogo.

Conforme discutido na literatura, esse é um paradigma que norteou o ensino do Tênis desde o início do século XX e que ainda está presente nas aulas de iniciação à modalidade,

embora muitos estudos apontem para outras propostas pedagógicas. Portanto, verificamos que, de maneira geral, o discurso dos professores acerca dos aspectos mais importantes de serem trabalhados em aula de iniciação esportiva ainda está ancorado na importância do ensino dos aspectos técnicos da modalidade.

É importante ressaltar que apenas um dos entrevistados apresentou respostas que estavam ancoradas no referencial teórico na qual este estudo se baseou. Este professor é coordenador de um dos clubes estudados e é responsável por orientar o planejamento de todas as aulas de todos os professores. Diante disso, as aulas deste clube seguem as propostas pedagógicas defendidas por este professor e que estão de acordo com o referencial adotado por este estudo.

Através da análise dos dados obtidos com a observação das aulas, constatamos que não existe um padrão de aulas de iniciação esportiva nos clubes visitados. Cada um dos clubes possui um método de ensino próprio e os professores estruturam as aulas a partir dos princípios seguidos pelo clube.

Em um dos clubes as aulas são estruturadas a fim de promover o desenvolvimento das técnicas das crianças. Para que isso aconteça, as aulas são baseadas em atividades analíticas, desvinculadas do contexto do jogo. Nessas atividades o papel do aluno é o de repetir diversas vezes o mesmo movimento a fim de automatizar o gesto técnico. O professor assume o papel central da aula, uma vez que é ele quem domina a maneira correta de se realizar o gesto técnico, os alunos devem copiá-lo. É o professor quem planeja as atividades e aos alunos cabe o papel de repetição e mecanização dos padrões de movimento definidos pelo professor.

Segundo esta perspectiva, a modalidade do Tênis de Campo é dividida a partir das habilidades técnicas que a compõem (forehand, backhand, saque e voleios) e as atividades das aulas estruturam-se visando o ensino dessas técnicas. As questões táticas referentes à lógica do jogo são trabalhadas posteriormente, a ideia que norteia essa proposta de ensino do Tênis de Campo é a de que o aluno deve primeiro aprender as técnicas para depois aprender a jogar.

As intervenções dos professores durante as atividades são realizadas no sentido de corrigir os gestos técnicos dos alunos. Neste clube, os materiais utilizados e o espaço da quadra são os mesmos do jogo formal. O jogo é proposto apenas no final da aula, como momento de aplicação das técnicas praticadas durante a aula.

Dois clubes visitados apresentam propostas pedagógicas semelhantes, as aulas de iniciação ao Tênis de Campo são estruturadas a partir de atividades analíticas e de jogos

reduzidos, com um equilíbrio na utilização destes dois recursos. Nestas aulas, os professores utilizam materiais adaptados para a iniciação à modalidade. Ambos utilizam quadras reduzidas para estas aulas e um deles também utiliza bolas mais lentas, a fim de facilitar o jogo. As atividades analíticas são utilizadas para desenvolver os gestos técnicos das crianças. Os jogos reduzidos são utilizados para desenvolver algumas situações táticas de jogo, como, por exemplo, a regularidade de trocas de bola no fundo da quadra. Durante os jogos, as intervenções dos professores são realizadas no sentido de questionar as ações táticas dos alunos, levando-os a uma reflexão crítica sobre suas ações, construindo um conhecimento sobre a lógica do jogo.

Em um dos clubes estudados, as aulas são baseadas apenas em jogos reduzidos. Para realizar o planejamento das aulas, os professores dividiram o jogo de Tênis em três situações táticas: o momento de saque e devolução, a situação de trocas de bolas do fundo da quadra e a situação de voleador e passador. As aulas são planejadas visando abordar uma dessas situações. É importante ressaltar que os materiais utilizados nas aulas de iniciação esportiva neste clube estão adaptadas ao nível de jogo específico de cada faixa etária. Existem quatro tipos de bola, com velocidades diferentes. As mais lentas são utilizadas com as crianças menores e as mais rápidas com as crianças maiores. Em função dessa adequação ao nível de jogo, é possível verificar que em todas as faixas etárias, os jogos reduzidos apresentam uma dinâmica semelhante a do jogo formal. As crianças conseguem realizar longas trocas de bola, são capazes de realizar uma leitura do jogo e demonstram uma inteligência tática para a execução das jogadas. Os jogos utilizados durante a aula apresentam uma progressão na sua complexidade tática. Ou seja, as primeiras atividades são mais simples e à medida que a criança domina os princípios táticos, os professores modificam a estrutura do jogo, tornando-os mais complexos.

Conseqüentemente, a criança é levada a construir uma compreensão tática sobre os princípios que determinam a lógica do jogo. Os conhecimentos das aulas não ficam restritos à questão de “como fazer” determinado movimento, mas ampliam-se às questões do “quando fazer”, “o que fazer” e por que fazer”. Este é pressuposto teórico sugerido pela proposta pedagógica na qual esse estudo se baseou, o TGFU. Segundo a proposta do TGFU, as aulas de iniciação esportiva devem estruturar-se em Jogos Reduzidos que contenham elementos táticos e lógica de jogo semelhantes ao Jogo Formal. É a partir da vivência e reflexão acerca dos diferentes elementos que compõem o contexto desses Jogos que o aluno constrói o conhecimento.

O contexto do jogo é complexo e envolve diferentes dimensões. Possibilita uma variada vivência motora, exige a aplicação de diferentes técnicas e a estruturação de táticas para solucionar as dificuldades que o jogo ocasiona. Além disso, o ambiente do jogo proporciona situações que podem gerar uma discussão sobre ética, princípios e valores, elementos que podem contribuir com a formação da criança e a acompanhá-la em diversos contextos durante toda sua vida.

Conforme discutido, o Jogo por si só não contribui no processo educacional do aluno. É de fundamental importância que o professor realize intervenções constantes durante a aula, de forma a instigar uma reflexão dos alunos sobre o contexto do Jogo. Durante essa reflexão, os alunos devem falar sobre sua atuação durante o jogo, a integração que estabeleceram com os companheiros da equipe, a relação com os adversários, a forma com que eles solucionaram as situações problema que o Jogo ocasionou. Enfim, deve haver uma reflexão sobre a prática, é nesse processo de ação-reflexão-diálogo-ação o conhecimento é construído.

É de fundamental importância que a vivência esportiva seja analisada a partir desta perspectiva. Nesse sentido, a vivência esportiva deve ser abordada como um momento em que o aluno está inserido em um contexto complexo, em uma rede de elementos que possibilitam múltiplas possibilidades de ação e reflexão. Nessa rede estão envolvidos aspectos como a inteligência, criatividade, integração com os companheiros, percepção de si mesmo, percepção do outro.

Acreditamos que esta prática pedagógica insere o aluno no centro do processo de aprendizagem e, com isso, traz inúmeros benefícios para a formação da criança. Defendemos que as aulas de Tênis de Campo devem estar inseridas neste contexto, norteadas pelas possibilidades educacionais que o processo de iniciação esportiva pode trazer à criança.

Dessa forma, as vivências proporcionadas pela iniciação ao Tênis de Campo podem contribuir com a educação integral da criança, podem trabalhar aspectos que estarão presentes em diferentes contextos da vida da criança, não apenas no contexto esportivo. Nesse sentido, é de fundamental importância que os professores envolvidos nesse processo tenham a sensibilidade de perceber essas possibilidades, tornando a aula um momento que possibilite a vivência de experiências que acompanhem as crianças em diferentes momentos e diferentes contextos em suas vidas. É dentro desta perspectiva que inserimos o processo de iniciação

esportiva, como um processo que pode contribuir de maneira significativa para a formação e educação das crianças.

Referências

- BALBINO, H. F., PAES, R. R. Processo de ensino-aprendizagem do basquetebol: perspectivas pedagógicas. In: DE ROSE JUNIOR, D.; TRICOLI, V. **Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática** Barueri: Manole, 2005.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRUSTOLIN, M. **Tênis no Brasil: história, ensino e idéias**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- BUNKER; THORPE. The curriculum model. **Rethinking Games Teaching**, Loughborough University Of Technology, p.7-10, outubro 1986. Disponível em: <<http://www.educ.uvic.ca/Faculty/thopper/index.htm>>. Acesso em: 25 maio 2008.
- CRESPO, M. Metodología de la enseñanza del tenis. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 19, p. 3-4, maio 1999 Disponível em: <<http://www.itf.com>>. Acesso em: 11 de jun. 2009.
- UNIERZYSKI, P.; CRESPO, M. Review of modern teaching methods for tennis. **Revista Internacional de Ciencias del Deporte**. v. 7, n. 3, p.1-10. mai. 2007. Disponível em: <<http://www.cafyd.com/REVISTA/00701.pdf>> Acesso em: 11 de jun. 2009.
- FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2003.
- GALATTI, L. R. et al. Pedagogia do esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. **Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v.6, n. esp., p. 404-415, 2008
- GEORGAKIS, S., LIGHT, R. Can Game Sense make a difference? Australian pre-service primary school teachers' responses to Game Sense pedagogy in teacher education programs. In P. L. Jeffery (Ed.), **AARE 2005 International Education Research Conference**. Creative Dissent: Constructive Solutions. Melbourne, Australia: AARE (2006). Disponível em: <http://www.aare.edu.au/05pap/geo05240.pdf> Acesso em: 29 de jul. de 2008
- GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. RAE, São Paulo, v. 35, n.3, p.20-29, 1995.
- GRABB, J. Fully Prepared. **Tennis** v. 5, n. 2, p.70-71, 2003.
- GRAÇA, A., MESQUITA, I. A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto**. Lisboa, v.7, n.3, p.401-421. dez. 2007. Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-05232007000300014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 de jun. de 2009.

HOBBSAWM, E. J. **A era dos impérios: 1875-1914**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

HOPPER, T. DARREN, K. **Teaching Games for Understanding: What does it look like and how does it influence student skill learning and game performance?** 2002. Disponível em: <http://www.readyrugby.com.au/LiteratureRetrieve.aspx?ID=20625>. Acesso em: 28 jul. 2008.

HOPPER, T. (1998). **Teaching games for understanding using progressive principles of play**. 1998. Disponível em: <http://www.educ.uvic.ca/Faculty/thopper/WEB/Cahperd/principle.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2009.

_____ **Teaching games for understanding: the importance of student emphasis over content emphasis**. 2002. Disponível em: <http://www.questia.com/googleScholar.qst;jsessionid=KLYTG2x5JMmPC6zh7h7hFrCQJNCdr tjBNMN2JJ7qw4n1QXnpXdY0!-1665413921!497993468?docId=5002491939>. Acesso em: 28 jun. 2009.

_____ Four R's for tactical awareness: Applying game performance assessment in net/wall games. **Journal Of Teaching Elementary Physical Education**, v. 4, n. 2, p.16-21, 2003. Disponível em: <http://www.educ.uvic.ca/Faculty/thopper/index.htm>. Acesso em: 25 maio 2008.

_____ **Teaching tennis with assessment 'for' and 'as' learning: A TGfU net/wall example**. 2007. Disponível em: <http://www.educ.uvic.ca/Faculty/thopper/index.htm>. Acesso em: 25 maio 2008.

KIRK D., BROOKER R., BRAIUKA S. **Teaching Games for Understanding: A Situated Perspective on Student Learning**. 2000. Disponível em: http://eric.ed.gov/ERICDocs/data/ericdocs2sql/content_storage_01/0000019b/80/16/48/28.pdf. Acesso em: 26 maio 2008.

LIGHT, R., FAWNS, R. **The embodied mind: blending speech and action in games teaching through TGfU**. 2003. Disponível em <http://www.educ.uvic.ca/Faculty/thopper/index.htm>. Acesso em: 25 de maio 2008.

LUDKE, M.; ANDRE, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANDIGO, J., HOLT, N. Putting cognitive theory into practice: how cognitive evaluation theory can help us motivate children in physical activity environments. **Journal of Physical Education, Recreation and Dance** v. 71 n. 1, p. 44 – 49, 2000.

MARCONI, E. V.; LAKATOS, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, M. C. S. (Org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

PAES, R. R. **Educação física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. Canoas:Ed. da Ulbra, 2001

_____. Pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: De ROSE Jr., D. **Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 89-98.

PAES, R.R.; SILVA, Y. **Pedagogia do esporte: um estudo da interdependência entre esporte profissional e a iniciação esportiva**. In: Fórum Olímpico “Ética e Compromisso Social”, 5., 2004, São Paulo. Anais. São Paulo: USP, 2004.

PEARSON, P.; WEBB, P. **Developing effective questioning in teaching games for understanding (TGfU)**. 2008. Disponível em: <<http://ro.uow.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=1054&context=edupapers>> Acesso em: 28 jun. 2009.

POPE, C. C. Once more with feeling: affect and playing with the TGfU model. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 10, n. 3, November 2005, p. 271–286.

SANTANA, W. C. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, p.1-22.

SILVA, C. R.; GOBBI, B. C.; SIMÃO, A. A. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para pesquisa qualitativa: descrição e ampliação do método. Disponível em: <http://netuno.lcc.ufmg.br/~michel/docs/TextosDidaticos/ciencia_e_metodologia/analise%20de%20conteudo.pdf> Acesso em: 02 maio 2009.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista com os professores

1. Qual a sua formação escolar?
2. Você já exerceu alguma profissão não relacionada ao Tênis de Campo?
3. Quais foram suas vivências no Tênis de Campo? Você foi atleta, boleiro, árbitro, dirigente, entre outros?
4. Você já participou de cursos, oficinas, palestras relacionados à modalidade?
5. Há quanto tempo você trabalha com Tênis de Campo?
6. Em qual instituição você trabalha?
7. Quando você vai dar aula para crianças, com quantas crianças você trabalha por aula?
8. Qual que é a faixa etária dessas crianças que você trabalha?
9. Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?
10. Na sua opinião, quais são os aspectos mais importantes a serem considerados em uma aula de iniciação ao Tênis de Campo?

APÊNDICE B - Transcrição dos dados da Sociedade Hípica de Campinas

ENTREVISTA 1

1. Qual a sua formação escolar?

Eu parei no segundo colegial na época...

2. Você já exerceu alguma profissão não relacionada ao Tênis de Campo?

Não

3. Quais foram suas vivências no Tênis de Campo? Você foi atleta, boleiro, juiz, dirigente, entre outros?

Eu já fui atleta, já fui boleiro e já fui juiz também.

4. Você já participou de cursos, oficinas, palestras relacionados à modalidade?

Várias, procuro sempre fazer.

5. Em qual instituição você trabalha?

Na Sociedade hípica de Campinas

6. Há quanto tempo você trabalha nesses locais?

31 anos.

7. Quando você vai dar aula para crianças, com quantas crianças você trabalha por aula?

Geralmente são 8 crianças

8. Qual que é a faixa etária dessas crianças que você trabalha?

De 7 a 16 anos

9. Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?

É, além dos movimentos que nós colocamos para as crianças, são o equilíbrio para ela bater na bola e o posicionamento dela.

10. Na sua opinião, quais são os aspectos mais importantes a serem considerados em uma aula de iniciação ao Tênis de Campo?

Ela precisa ser atrativa, além de você formalizar a aula, ela tem que ser uma aula atrativa que a criança goste. Você tem que dar um pouquinho de tudo pra que ela possa gostar da aula, se não ela vai acabar não participando.

ENTREVISTA 2:

1. Qual a sua formação escolar?

Segundo Grau

2. Você já exerceu alguma profissão não relacionada ao Tênis de Campo?

Não

3. Quais foram suas vivências no Tênis de Campo? Você foi atleta, boleiro, juiz, dirigente, entre outros?

Eu já fui boleiro e atleta.

4. Você já participou de cursos, oficinas, palestras relacionados à modalidade?

Sim, fiz um da ITF junto com a CBT e estágio num clube de Santos e em uma academia em Serra Negra

5. Em qual instituição você trabalha?

Na Sociedade hípica de Campinas

6. Há quanto tempo você trabalha nesses locais?

Há 5 anos.

7. Quando você vai dar aula para crianças, com quantas crianças você trabalha por aula?

Cinco

8. Qual é a faixa etária dessas crianças que você trabalha?

De 7 a 12 anos

9. Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?

Primeiro os fundamentos. Primeiro são trabalhados individualmente os fundamentos principais, que são a direita e a esquerda do fundo. Depois de um tempo nós acrescentamos os alunos a grupos de escolinha, e aí a gente vai trabalhando os outros fundamentos, voleios, saque e depois ensinar o jogo para eles.

10. Na sua opinião, quais são os aspectos mais importantes a serem considerados em uma aula de iniciação ao Tênis de Campo?

O mais importante é que a criança saia da aula entendendo o que é o jogo de Tênis. Porque tem criança que vem aqui só pra brincar e se divertir e se distrair e não aprender o jogo de Tênis. E a nossa preocupação é a de fazer com que ela aprenda principalmente os fundamentos, que ele saia daqui sabendo jogar Tênis.

Diário de Campo 1

Duração da aula: 1 hora

Número de alunos: 8

Idade da turma: 9 a 12 anos

Data da aula: 1/12/2008

DIÁRIO DE CAMPO AULA 1

O cenário da pesquisa foi o clube [...], a quadra era de saibro, com as medidas oficiais das quadras de Tênis de Campo. A aula foi ministrada por um professor e um estagiário, teve início às 14 horas.

Atividade 1 (14:00):

Na primeira atividade, a turma foi dividida em dois grupos de quatro crianças, cada grupo foi para uma quadra. Os alunos formaram duplas, cada um da dupla de um lado da quadra, sobre a linha de saque, a fim de trocarem bolas. O objetivo era o de trocar bolas com regularidade, errando o mínimo possível. Enquanto os alunos executavam a atividade, os professores estavam conversando.

Atividade 2 (14:09):

Na segunda atividade, os professores reuniram todas as crianças e pediram que os alunos dessem duas voltas correndo ao redor da quadra. As meninas deveriam correr no sentido horário, e os meninos, no sentido anti-horário. Em seguida, um dos professores orientou um alongamento, durante o qual chegou um menino que também iriam participar da aula.

Atividade 3 (14:16):

Na atividade seguinte, as crianças foram divididas em dois grupos, cada grupo ficou com um professor, em quadras diferentes. A aula observada foi a do grupo que permaneceu com o professor principal. A atividade proposta pelo professor foi a seguinte: foram formadas duas filas, localizadas no fundo da quadra e próximas à marcação central da quadra, uma fila estava à esquerda dessa marcação e a outra, à direita. O primeiro aluno da fila da direita deveria rebater uma bola utilizando o golpe de direita e trocar de fila, a seguir, era a vez do primeiro aluno da fila da esquerda, que deveria rebater a bola utilizando o golpe de esquerda.

Após explicar a atividade, o professor foi para o outro lado da quadra e começou a lançar as bolas. Durante a atividade, o professor realizou comentários constantemente para corrigir o gesto técnico do aluno.

As correções feitas tinham como objetivo corrigir elementos técnicos dos movimentos dos alunos. Por exemplo: melhorar as fases do movimento (tanto a antecipação do golpe, o momento do contato com a bola e a terminação do golpe), corrigir a posição da cabeça da raquete antes de rebater a bola e no momento do contato com a bola.

Na maioria das vezes, as correções foram feitas verbalmente pelo professor durante a atividade. No entanto, por duas vezes, o professor interrompeu a atividade, imitou o gesto do aluno, mostrando as etapas do movimento que estavam incorretas e demonstrou o movimento do gesto técnico correto.

Ao finalizar a atividade, o professor pediu para que cada aluno pegasse dez bolas do chão e as coloque no balde.

Atividade 4 (14:28):

A seguir, o professor pediu para que os alunos formassem uma fila no fundo da quadra, sobre a marcação central, para que pudesse explicar a atividade. A proposta era de que cada criança rebatesse três bolas: uma seria lançada do lado esquerdo do aluno e ele deveria “fugir da esquerda” e rebatê-la utilizando o golpe de direita; a outra seria lançada no canto direito da quadra, forçando um deslocamento do aluno, que deveria rebater a segunda bola também com o golpe de direita, depois disso, a terceira bola seria lançada do lado esquerdo da quadra, e os alunos deveriam rebatê-la com o golpe de esquerda.

Após explicar a atividade, o professor foi até o outro lado da quadra e começou a lançar bolas. Durante a atividade o professor corrige os gestos técnicos realizados pelas crianças, as intervenções são constantes e sempre orientando a execução do movimento: rotação do ombro esquerdo, movimentos de baixo para cima, movimento de quebra do punho, entre outras correções.

Ao término dessa atividade, não havia mais bolas no balde. Os alunos e o professor recolheram todas.

Atividade 5 (14:41):

Novamente, o professor solicitou que os alunos fizessem uma fila no fundo da quadra. A proposta dessa atividade era a de que cada aluno rebatesse duas bolas, uma direita que seria lançada no fundo e no canto direito da quadra e uma esquerda, que seria lançada também no fundo, no canto esquerdo da quadra. O professor solicitou que as crianças direcionassem as bolas na paralela.

Durante o decorrer da atividade, os alunos não estavam conseguindo direcionar as bolas para a paralela. O professor realizou correções no gesto técnico dos alunos, explicando como direcionar melhor as bolas na paralela. Explicou que era necessário realizar uma rotação maior do tronco para que o contato com a bola fosse um pouco mais atrasado. Os alunos tentaram seguir as correções do professor e conseguiram executar de maneira mais eficiente a proposta da atividade.

Atividade 6 (14:49):

Nesse momento, as crianças que estavam na quadra ao lado, fazendo aula com o outro professor, se juntaram ao grupo de crianças cuja aula estava sendo observada. O professor explicou que as crianças iriam jogar o jogo de duplas chamado “winner”, as crianças já conheciam o jogo e o professor dividiu as duplas para iniciar a atividade. Como havia número ímpar de crianças (9), o outro professor também participou.

O jogo foi realizado da seguinte maneira: em um dos lados da quadra, uma dupla ficou próxima à rede para disputar os pontos rebatendo as bolas de voleio. Do outro lado da quadra, as duplas formaram uma fila, sendo que a primeira dupla disputaria um “melhor de três pontos” com a dupla que estava no voleio. O ponto se iniciava com bolas lançadas pelo professor para a dupla que não estava no voleio.

Caso a dupla do voleio ganhasse dois pontos, a dupla que perdeu iria para o fim da fila e a próxima dupla disputaria os pontos. Caso contrário, a dupla vencedora deveria sair correndo para o outro lado da quadra para assumir o local da dupla que estava no voleio que, por sua vez, vai para o fim da fila.

O nome do jogo é uma palavra em inglês que significa “bola vencedora”, ou seja, uma bola que o adversário não consegue alcançar. Caso a dupla que está no fundo dê um “winner”, ela ganha a posição da dupla de voleio. Caso a dupla que estava no voleio dê um “winner”, ela ganha um ponto especial, ganha o jogo a dupla que tiver o maior número desses pontos.

Os alunos mostraram-se motivados durante toda a atividade, correndo e se divertindo muito. Às 15 horas o professor encerrou o jogo e pediu para que os alunos recolhessem as bolas, os alunos pediram para jogar mais um pouco mas o professor explicou que já estava no horário da turma seguinte.

Diário de Campo 2

Duração da aula: 1 hora

Número de alunos: 6

Idade da turma: 9 a 12 anos

Data da aula: 1/12/2008

O cenário da pesquisa foi o clube [...], a quadra era aberta, de saibro e com as medidas oficiais das quadras de Tênis de Campo. A aula foi ministrada por um professor e um estagiário, e teve início às 16 horas.

Atividade 1 (16:02):

Os alunos formaram três duplas, duas duplas ficaram em uma quadra e a outra dupla ficou na quadra ao lado. Durante a primeira atividade, as duplas permaneceram na linha de saque, um de cada lado da quadra. O objetivo era o de trocar bolas com regularidade, errando o mínimo possível. Os alunos não estavam conseguindo realizar a atividade conforme havia sido proposto, uma vez que o alto número de erros dificultava o controle da bola.

Atividade 2 (16:09)

Na segunda atividade, o professor principal pediu que os alunos dessem três voltas correndo em volta da quadra. As meninas deveriam correr no sentido horário, e o menino, no sentido anti-horário. Em seguida, o professor orientou um alongamento.

Atividade 3 (16:15)

Na atividade seguinte, o professor principal fez duas marcações na linha de fundo de um dos lados da quadra, uma no canto esquerdo e uma no canto direito. Em seguida, dividiu os alunos em duas filas, cada uma atrás das marcações feitas.

O professor principal permaneceu próximo à rede, do lado oposto em que estavam os alunos. A proposta da atividade era a de que os alunos rebatessem duas bolas e depois

trocassem de fila. A primeira bola seria lançada funda e a segunda, mais curta e do outro lado da quadra, obrigando o aluno a movimentar-se em diagonal para frente.

Nessa atividade, os alunos da fila da direita rebatiam a primeira bola utilizando o golpe de direita e a segunda, utilizando o golpe de esquerda. Os alunos da fila da esquerda rebatiam a primeira bola utilizando o golpe de esquerda e a segunda bola utilizando o golpe de direita. Os alunos deveriam direcionar as bolas que rebatiam para alguns cones posicionados no fundo da quadra.

O estagiário permaneceu no fundo da quadra em que estavam os alunos, sua função era a de corrigir o gesto técnico realizado pelos alunos. Ou seja, estava constantemente chamando a atenção dos alunos, apontando erros e demonstrando o movimento correto.

Atividade 4 (16:34)

A seguir, o professor pediu para que os alunos pegassem oito bolas cada um, colocassem no balde de bolas e fossem para o outro lado da quadra. Nessa atividade, os alunos iriam treinar o saque. O professor principal fez cinco marcas na linha de fundo, demarcando o local de onde cada aluno deveria sacar. Durante a atividade, ambos os professores permaneceram próximos aos alunos, corrigindo seus gestos técnicos, demonstrando a melhor maneira de segurar a raquete e lançar a bola.

No final dessa atividade, não havia mais bolas no balde. Os alunos e professores recolheram todas e foram beber água.

Atividade 5 (16:45)

O professor auxiliar reuniu os seis alunos e explicou que eles iriam “jogar dupla”. Disse que, como o jogo é disputado por quatro jogadores, uma dupla ficaria de fora, esperando deles ficaria esperando. Ficou combinado que a dupla que perdesse o game iria ceder lugar para a dupla que estava esperando. As regras desse jogo foram as mesmas do jogo formal.

Ao todo, os alunos disputaram dez games, em todos eles os pontos foram curtos, com poucas trocas de bolas. Isso ocorreu em função da presença de muitos erros nas primeiras bolas do ponto. Com isso, os pontos disputados eram muito rápidos, não havia troca de bolas e as crianças praticamente não vivenciaram o jogo.

Os professores observaram o jogo, mas não realizaram intervenções sobre questões táticas que poderiam contribuir para uma melhora na qualidade do jogo.

Às 17 horas o professor encerrou a aula e os alunos foram embora.

Diário de Campo 3

Duração da aula: 1 hora

Número de alunos: 8

Idade da turma: 8 a 12 anos

Data da aula: 2/12/2008

O cenário da pesquisa foi o clube [...], a quadra era de saibro, com as medidas oficiais das quadras de Tênis de Campo. A aula foi ministrada por dois professores, teve início às 14 horas.

Atividade 1 (14:00):

Na primeira atividade, a turma foi dividida em dois grupos de quatro crianças, cada grupo foi para uma quadra. Os alunos formaram duplas, cada um da dupla de um lado da quadra, sobre a linha de saque, a fim de trocarem bolas. O objetivo era o de trocar bolas com regularidade, errando o mínimo possível.

Atividade 2 (14:09):

Na segunda atividade, as crianças foram divididas em dois grupos de 4, cada grupo ficou em uma quadra com um professor. As atividades nas duas quadras foram as mesmas. A proposta dessa atividade foi a de treinar os golpes de base de direita e de esquerda. Foram formadas duas filas, localizadas no fundo da quadra e próximas à linha de dupla. Uma fila no canto esquerdo da quadra e outra no canto direito. O primeiro aluno da fila da direita deveria rebater duas bolas utilizando o golpe de esquerda e trocar de fila. A primeira bola era lançada no centro da quadra e a segunda era mais abeta, obrigando o aluno a se deslocar até o canto esquerdo da quadra para rebatê-la. Ao rebater as duas bolas, o aluno deveria mudar de fila. A seguir, era a vez do primeiro aluno da fila da esquerda, que deveria rebater as bola utilizando o golpe de direita.

Após explicar a atividade, o professor foi para o outro lado da quadra e começou a lançar as bolas. Durante a atividade, o professor realizou comentários constantemente para corrigir o gesto técnico dos alunos.

Atividade 3 (14:23):

Nessa atividade, os quatro alunos formaram uma fila no centro da quadra, sobre a linha central de saque. A proposta da atividade era a de treinar voleios e smash. O professor iria lançar 3 bolas para cada aluno: primeiro um voleio de direita, depois um voleio de esquerda seguido pelo smash. Ao rebater as 3 bolas, o aluno deveria ir para o final da fila. .

Após explicar a atividade, o professor foi para o outro lado da quadra e começou a lançar as bolas. Durante a atividade, novamente o professor realizou comentários para corrigir os gestos técnicos dos alunos.

Ao finalizar a atividade, o professor pediu para que cada aluno pegasse vinte bolas do chão e as colocassem no balde.

Atividade 4 (14:35):

A seguir, o professor pediu para que os alunos formassem duas filas no fundo da quadra para que os alunos treinassem saque. Cada aluno deveria sacar duas bolas e trocar de lado. O professor permaneceu ao lado dos alunos a fim de corrigir o movimento do saque.

Ao término dessa atividade, não havia mais bolas no balde. Os alunos e o professor recolheram todas.

Atividade 5 (14:48):

Para finalizar a aula, o professor pediu para que os alunos jogassem o jogo de duplas. Foi realizado um sorteio para definir quem seriam os parceiros.

O jogo foi caracterizado por muitos erros logo nas primeiras bolas. Isso ocorreu em função do mau posicionamento dos jogadores durante os pontos, o que dificultava a rebatida da bola. Nesses momentos, o professor explicava o melhor posicionamento para os alunos.

Em função do alto número de erros e poucas trocas de bolas, os alunos se mostraram desmotivados durante a atividade. Foram disputados 4 games, o jogo terminou empatado em 2 a 2. As 15 horas, o professor encerrou a aula.

Diário de Campo Aula 4

Duração da aula: 1 hora

Número de alunos: 5

Idade da turma: 9 a 12 anos

Data da aula: 2/12/2008

O cenário da pesquisa foi o clube [...], a quadra era de saibro, com as medidas oficiais das quadras de Tênis de Campo. A aula foi ministrada por um professor, teve início às 15 horas.

O professor iniciou pedindo para que os alunos dessem duas voltas correndo na quadra para aquecer e, a seguir, passou um alongamento.

Atividade 1 (15:06):

Na primeira atividade, a turma foi dividida em dois grupos. Duas crianças ficaram em uma quadra (uma de cada lado da quadra) e três foram para a quadra ao lado (duas ficaram no mesmo lado e a outra ficou sozinha). As crianças permaneceram sobre a linha de saque, a fim de trocarem bolas. O objetivo era o de trocar bolas com regularidade, errando o mínimo possível.

Atividade 2 (15:11):

Na segunda atividade, o professor pediu para que os cinco alunos ficassem na mesma quadra pois ele iria fazer drills (exercícios analíticos) com todos juntos. As crianças foram divididas em dois grupos, um com 2 e outro com 3. A proposta dessa atividade foi a de treinar os golpes de base de direita e de esquerda. Foram formadas duas filas, localizadas no fundo da quadra e próximas à linha de dupla. Uma fila no canto esquerdo da quadra e outra no canto direito. O primeiro aluno da fila da direita deveria rebater duas bolas utilizando o golpe de esquerda e trocar de fila. A primeira bola era lançada no centro da quadra e a segunda era mais abeta, obrigando o aluno a se deslocar até o canto esquerdo da quadra para rebatê-la. Ao rebater as duas bolas, o aluno deveria mudar de fila. A seguir, era a vez do primeiro aluno da fila da esquerda, que deveria rebater as bola utilizando o golpe de direita.

Após explicar a atividade, o professor foi para o outro lado da quadra e começou a lançar as bolas. Durante a atividade, o professor realizou comentários constantemente para corrigir o gesto técnico dos alunos.

Atividade 3 (15:27):

Nessa atividade, os cinco alunos formaram uma fila no centro da quadra, na linha de base. O professor explicou que cada aluno iria rebater quatro bolas: um ataque, depois deveria subir à rede e fazer dois voleios e um smash. Depois disso deveria ir para o final da fila e esperar que sua vez chegasse novamente.

Após explicar a atividade, o professor foi para o outro lado da quadra e começou a lançar as bolas. Durante a atividade, novamente o professor realizou comentários para corrigir os gestos técnicos dos alunos.

Ao finalizar a atividade, o professor pediu para que os alunos recolhessem as bolas.

Atividade 4 (15:40):

A seguir, o professor pediu para que os alunos formassem duas filas no fundo da quadra para que os alunos treinassem saque. Cada aluno deveria sacar duas bolas e trocar de lado. O professor permaneceu ao lado dos alunos a fim de corrigir o movimento do saque.

Ao término dessa atividade, não havia mais bolas no balde. Os alunos e o professor recolheram todas.

Atividade 5 (15:48):

Para finalizar a aula, o professor pediu para que ficassem dois jogadores em uma quadra, dois na quadra ao lado e um esperasse. A proposta da atividade era a de que os alunos jogassem um tie-break até sete pontos. A criança que perdesse primeiro deveria sair e a que estivesse esperando entrava em seu lugar.

O jogo foi caracterizado por muitos erros logo nas primeiras bolas. Isso ocorreu em função do mau posicionamento dos jogadores durante os pontos, o que dificultava a rebatida da bola. Nesses momentos, o professor explicava o melhor posicionamento para os alunos.

Às 16 horas o professor finalizou a aula.

APÊNDICE C - Transcrição dos dados do Clube Atlético Paulistano

Entrevistas com os professores

ENTREVISTA 1

1. Qual a sua formação escolar?

Sou formado em Educação Física e tenho pós em Psicomotricidade

Em qual Universidade você se formou?

Universidade Ibirapuera, a Educação Física. E a Pós na UNIFAE.

2. Você já exerceu alguma profissão não relacionada ao Tênis de Campo?

Variadas, desde motoboy até trabalhos em escritório.

3. Quais foram suas vivências no Tênis de Campo? Você foi atleta, boleiro, árbitro, dirigente, entre outros?

Boleiro e árbitro não, mas já trabalhei na parte de auxiliar técnico, ajudando a organizar campeonatos de Tênis. Isso há 1º anos atrás.

4. Você já participou de cursos, oficinas, palestras relacionados à modalidade?

Todo ano nós participamos de algum workshop da escola de esportes aqui do clube. Todo ano temos uma reciclagem de conhecimento dos professores, e que nós participamos.

5. Há quanto tempo você trabalha com Tênis de Campo?

Dando aula de tênis para crianças de 7 a 12 anos há aproximadamente de 8, 9 anos. E há 10 anos atrás dos bastidores do Tênis, ajudando na organização de campeonatos.

6. Em qual instituição você trabalha?

Clube Atlético Paulistano, há 20 anos.

7. Quando você vai dar aula para crianças, com quantas crianças você trabalha por aula?

Aproximadamente de 7 a 8 crianças, no máximo.

8. Qual que é a faixa etária dessas crianças que você trabalha?

A partir dos 7, até 12 anos.

9. Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?

A minha prioridade, o principal são as coordenações e movimentação de braços e de pernas e condicionamento. Preparando a criança não só para o Tênis, mas para outros esportes.

10. Na sua opinião, quais são os aspectos mais importantes a serem considerados em uma aula de iniciação ao Tênis de Campo?

A parte motora, a relação entre a raquete e o movimento da criança, em relação à quadra, ao espaço, o ambiente em que ela se encontra.

ENTREVISTA 2

1. Qual a sua formação escolar?

Sou formado em Educação Física. Em 2004 eu me formei, sou formado na Universidade Bandeirante de São Paulo.

2. Você já exerceu alguma profissão não relacionada ao Tênis de Campo?

Não, meu intuito sempre foi o tênis. Comecei como pegador de bola no Paulistano e ao longo dos anos eu fui estudando, pra sempre envolver o tênis.

3. Quais foram suas vivências no Tênis de Campo? Você foi atleta, boleiro, árbitro, dirigente, entre outros?

4. Você já participou de cursos, oficinas, palestras relacionados à modalidade?

Isso é fundamental. Eu acho que não pode um profissional hoje em dia que não se preocupa, não se atualiza, não faz curso, workshop. Eu procuro todo ano fazer uma reciclagem.

5. Há quanto tempo você trabalha com Tênis de Campo?

Há 19 anos.

6. Em qual instituição você trabalha?

Clube Atlético Paulistano.

7. Quando você vai dar aula para crianças, com quantas crianças você trabalha por aula?

Por aula, eu trabalho com 8, em grupo.

8. Qual que é a faixa etária dessas crianças que você trabalha?

7 a 12 anos.

9. Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?

Bom, como eu trabalho com iniciação de crianças de 7 a 12 anos, eu acho que o principal de uma aula é a sociabilização entre elas. Porque quando elas chegam nas nossas mãos, chegam com muitas diferenças, querem uma ganhar da outra. Mas esse não é o objetivo da escola do Paulistano. O objetivo da nossa escola é o de que as crianças saiam das aulas satisfeitas e com uma qualidade de vida, que elas possam jogar Tênis, só que sem uma competitividade nessa faixa etária.

10. Na sua opinião, quais são os aspectos mais importantes a serem considerados em uma aula de iniciação ao Tênis de Campo?

Bom, na iniciação seria mais o aprendizado de sociabilização, como eu já disse anteriormente. A parte técnica que eu também acho que deve ser considerada. Mas o principal é a amizade entre eles, eu acho que é muito importante a amizade entre eles, porque nós estamos falando em um clube, não na parte competitiva, nós estamos falando de iniciação.

ENTREVISTA 3

1. Qual a sua formação escolar?

Superior incompleto...

Qual curso você fez?

Eu fiz Educação Física 3 anos, nos Estados Unidos.

2. Você já exerceu alguma profissão não relacionada ao Tênis de Campo?

Não, só Tênis, desde o começo.

3. Quais foram suas vivências no Tênis de Campo? Você foi atleta, boleiro, árbitro, dirigente, entre outros?

Comecei como boleiro, depois fui atleta, joguei alguns torneio profissionais, joguei tênis universitário nos Estados Unidos durante três anos e torneios de primeira classe aqui no Brasil. Eu já fui atleta, já fui boleiro e já fui juiz também.

4. Você já participou de cursos, oficinas, palestras relacionados à modalidade?

Já, todos esses cursos que têm aqui, já fiz vários. Do Bollitieri, Cris Everts, da Cbt, agora fizemos um GTC da Argentina. Tudo que tem de curso nós estamos sempre fazendo para estar atualizado, para ajudar as crianças e formar jogadores de qualidade.

5. Em qual instituição você trabalha?

No Clube Atlético Paulistano

6. Há quanto tempo você trabalha com Tênis?

29 anos.

7. Quando você vai dar aula para crianças, com quantas crianças você trabalha por aula?

Nós trabalhamos, a aula em grupo com 4 crianças por hora.

8. Qual que é a faixa etária dessas crianças que você trabalha?

De 9 a 12 anos, que é a faixa etária em que as crianças participam do pré-treinamento.

9. Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?

As prioridades são a parte de perna, a criança tem que ter um bom trabalho de pernas. Quando ela tem dificuldade a gente junta o preparador físico. E o básico, que é a mecânica dos golpes. Então o importante pra gente nesse começo é trabalhar a mecânica do aluno para ele evoluir bem.

10. Na sua opinião, quais são os aspectos mais importantes a serem considerados em uma aula de iniciação ao Tênis de Campo?

Eu acho que o aluno ele tem que ter disciplina, e tem que estar interessado. Esses são fatores bem importantes. Também tem que ter brincadeira e o lado lúdico, mas o aluno tem que estar interessado em melhorar.

ENTREVISTA 4

1. Qual a sua formação escolar?

Bom, eu não tive essa chance, gostaria de ter feito faculdade nos Estados Unidos, fui convidado várias vezes. Vim de uma família muito humilde, então não tinha dinheiro, tinha que ir trabalhar. Então, logo aos 20 e poucos anos, fui jogar torneio profissional. Não terminei nem o terceiro colegial, infelizmente tive que parar de estudar, não era o que eu gostaria de ter feito. Mas infelizmente tive que parar para poder ganhar um dinheirinho jogando tênis.

2. Você já exerceu alguma profissão não relacionada ao Tênis de Campo?

Nunca, desde os 7 anos, até agora só tênis.

3. Quais foram suas vivências no Tênis de Campo? Você foi atleta, bolei, árbitro, dirigente, entre outros?

Comecei como boleiro, fui pegador de bola. Aprendi a jogar tênis olhando, assistindo as aulas. Aí foi a vida toda jogando tênis, joguei profissional desde os 20 anos. Joguei os maiores torneios do mundo, Grand Slam joguei todos. Fui número 70 do mundo, então é isso aí, minha vida foi dentro de uma quadra de tênis.

4. Você já participou de cursos, oficinas, palestras relacionados à modalidade?

Muitos, eu fiz vários cursos, palestras, tudo que é tipo de coisa relacionada ao tênis, tudo que você pode imaginar.

5. Em qual instituição você trabalha?

No Clube Atlético Paulistano

6. Há quanto tempo você trabalha com Tênis?

Desde que eu me conheço por gente, eu tinha 7, vou fazer 54. São 47 anos.

7. Quando você vai dar aula para crianças, com quantas crianças você trabalha por aula?

A gente tem trabalhado com 4 crianças por aula.

8. Qual que é a faixa etária dessas crianças que você trabalha?

Nós pegamos os menores, que vão de 8 a 12 anos, mais ou menos.

9. Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?

As prioridades a gente tem um coordenador aqui que é um argentino, nós seguimos o método dele. A prioridade é a formação do tenista para ele poder passar para a equipe competitiva.

10. Na sua opinião, quais são os aspectos mais importantes a serem considerados em uma aula de iniciação ao Tênis de Campo?

É biomecânica e movimentação, aprimoramento dos movimentos. Melhorar a base dos golpes, movimentos técnicos e mecânica. Até a parte física, hoje o Tênis mudou muito, virou um esporte mais completo.

ENTREVISTA 5

1. Qual a sua formação escolar?

Eu terminei o Ensino Médio.

2. Você já exerceu alguma profissão não relacionada ao Tênis de Campo?

Não.

3. Quais foram suas vivências no Tênis de Campo? Você foi atleta, boleiro, árbitro, dirigente, entre outros?

Eu joguei tênis profissional, em 2002 me aposentei e desde então trabalho com Tênis.

4. Você já participou de cursos, oficinas, palestras relacionados à modalidade?
Constantemente.

5. Em qual instituição você trabalha?

Clube Atlético Paulistano.

6. Há quanto tempo você trabalha com Tênis?

Desde 2002.

7. Quando você vai dar aula para crianças, com quantas crianças você trabalha por aula?

No máximo 6 crianças.

8. Qual que é a faixa etária dessas crianças que você trabalha?

Aqui no clube, trabalho com crianças desde 7 até 18 anos.

9. Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?

Depende muito de qual nível o aluno se encontra.

Na escolinha, de 7 a 12 anos?

Muito trabalho de coordenação, muito trabalho de recepção de envio de bolas, trabalhar o manuseio da raquete, as noções básicas dos movimentos do Tênis.

10. Na sua opinião, quais são os aspectos mais importantes a serem considerados em uma aula de iniciação ao Tênis de Campo?

A motivação, que os alunos consigam atingir os objetivos das aulas para não perderem o entusiasmo. É importante que as crianças sintam que o Tênis é um esporte divertido, que não seja maçante, que ele sinta vontade de voltar nas próximas aulas. A motivação é importantíssima, depois vem todo o lado técnico de coordenação, de bola-mão, raquete-mão-bola, de controle de altura, distância. Mas eu acho que o mais importante para a criança é que ela comece a se interessar pelo esporte, que queiram voltar na próxima aula para deixar ela dentro do Tênis, dentro do esporte.

Diário de Campo Aula 1

Duração da aula: 1 hora

Número de alunos: 6

Idade da turma: 7 a 10 anos

Data da aula: 26/08/2009

O cenário da pesquisa foi o clube [...], a quadra era de lisonda, com medidas adaptadas da quadra de Tênis de Campo. A aula foi ministrada por um professor, teve início às 14 horas.

O professor iniciou pedindo para que os alunos sentassem em círculo para que pudessem alongar. O professor orientou o alongamento, durante a atividade, ficou conversando e interagindo com as crianças.

Atividade 1 (14:09):

A primeira atividade foi um pega-pega “mãe da rua”. As crianças se mostraram animadas e todas participaram da atividade. O professor variou a criança que seria a pegadora até que todos tivessem sido.

Atividade 2 (14:18):

Na segunda atividade, o professor pediu para que os alunos formassem uma fila pois eles iriam pular corda. O professor amarrou uma ponta da corda no poste da rede e ficou na outra ponta rodando a corda. As crianças se mostraram animadas. Ao longo da atividade, o professor solicitou que as crianças variassem a maneira com que estavam saltando (os dois pés juntos, um pé só, dando voltas, encostando a mão no chão).

Atividade 3 (14:25)

A terceira atividade envolveu diversos exercícios de coordenação. O professor espalhou diversos bambolês pela quadra, próximos uns aos outros. As crianças estavam segurando a raquete e uma bola. A proposta da atividade era que as crianças pisassem nos bambolês e rebatessem a bola no chão, de forma que pingasse uma vez no chão e, a seguir deveriam segurar a bola.

O professor também posicionou diversos cones na quadra, próximos uns aos outros. Após passar pelos bambolês, as crianças deveriam andar em zig-zag pelos cones, rebatendo a bola no chão com a raquete, tentando controlar a bola.

Essas atividades se mostraram desafiadoras para as crianças. No começo elas tiveram muita dificuldade em cumprir a proposta. Mas, durante a atividade, demonstraram uma melhora no desempenho.

Atividade 4 (14:30)

O professor explicou que a proposta dessa atividade era a de trabalhar a relação da criança com a raquete e a bola. Cada criança estava segurando a sua raquete e uma bola. Primeiramente, os alunos deveriam tentar controlar a bola, rebatendo-a no chão utilizando o cabo da raquete. A seguir, os alunos deveriam tentar equilibrar a bola na raquete.

Atividade 5 (14:35)

O professor explicou que essa seria a atividade de “espelho”. As crianças deveriam imitar todos os movimentos que o professor realizasse.

O professor agrupou as crianças no fundo da quadra e ficou próximo à rede, de costas para as crianças. Os movimentos realizados por ele correspondiam aos movimentos realizados por tenistas no momento em que não estão em contato com a bola. A movimentação de pernas realizada é chamada de split-step e corresponde a um momento de preparação antes do deslocamento em direção à bola. Além disso, o professor realizou os gestos técnicos de direita e de esquerda para que as crianças também o imitassem. A seguir, o professor chamou alguns dos alunos para ocuparem o seu lugar e comandassem os movimentos.

Atividade 6 (14:42)

Nessa atividade, os cinco alunos formaram uma fila no centro da quadra, na linha de base. O professor explicou que cada aluno iria rebater três bolas, utilizando o movimento de *forehand*. O professor permaneceu do mesmo lado da quadra em que as crianças estavam e lançou as bolas para as crianças com as mãos. Durante a atividade, o professor realizou intervenções para corrigir o gesto técnico das crianças. As crianças da fila estavam dispersas e conversando, Por isso, o professor as dividiu em duas filas. Uma fila deveria rebater utilizando o golpe de *forehand* e outra, realizando o *backhand*.

Atividade 7 (14:47)

O professor comunicou que as crianças iriam jogar o jogo do “pit-stop”. Em um dos lados da quadra, os alunos deveriam permanecer em fila. No outro lado, um aluno

permaneceu sozinho. A área de jogo era apenas a área de saque. O professor lançava uma bola para o primeiro da fila, que deveria disputar o ponto com a criança que estava sozinha. Se a criança que estava sozinha perdesse o ponto, deveria ir para o final da fila e a criança que venceu o ponto ocuparia o lugar da criança que estava sozinha.

Durante a atividade, as crianças se mostraram animadas. Os pontos disputados foram longos, com muita troca de bola.

Após 8 minutos de atividade, o professor sugeriu uma variação no jogo, que deveria ser disputado em duplas.

Quando chegou próximo ao horário do término da aula, o professor encerrou a atividade e pediu para que os alunos recolhessem as bolas e as colocassem dentro do carrinho de bolas.

DIÁRIO DE CAMPO AULA 2

Duração da aula: 1 hora

Número de alunos: 4

Idade da turma: 7 a 10 anos

Data da aula: 26/08/2009

O cenário da pesquisa foi o clube [...], a quadra era de saibro, com as medidas oficiais das quadras de Tênis de Campo. A aula foi ministrada por um professor, teve início às 15 horas.

O professor iniciou pedindo para que os alunos formassem em círculo para que pudessem alongar. O professor orientou o alongamento, durante a atividade, ficou conversando e interagindo com as crianças.

Atividade 1 (15:07):

Na primeira atividade, o professor pediu para que os alunos formassem uma fila pois eles iriam pular corda. O professor amarrou uma ponta da corda no poste da rede e ficou na outra ponta rodando a corda. As crianças se mostraram animadas. Ao longo da atividade, o professor solicitou que as crianças variassem a maneira com que estavam saltando (os dois pés juntos, um pé só, dando voltas, encostando a mão no chão).

Atividade 2 (15:17):

A segunda atividade, foi uma brincadeira de pega-pega no qual as crianças só poderiam correr sobre as linhas da quadra. Quem fosse pego também se tornaria pegador. As crianças se mostraram animadas e todas participaram da atividade. O professor variou a criança que seria a pegadora até que todos tivessem sido

Atividade 3 (15:24)

A terceira atividade envolveu um circuito formado por quatro estações. A primeira estação visava melhorar a movimentação de pernas das crianças. O professor posicionou cones próximos uns aos outros e as crianças deveriam se deslocar em zig-zag. A segunda estação era similar à primeira, mas a movimentação deveria ser lateral. A terceira estação visava melhorar o saque. O professor posicionou um bambolê na cerca de fundo da quadra, que seria o alvo dos alunos. A criança deveria posicionar-se na linha de base e tentar acertar o alvo realizando o movimento de saque. Na quarta estação, a criança deveria executar o deslocamento para chegar em uma bola de *forehand* e simular a rebatida.

Cada aluno ficou em uma estação, que tinha duração de 1 minuto. Após o tempo, os alunos deveriam trocar de estação e isso se repetiu até que todos os alunos tivessem vivenciado todas as estações. Depois da atividade, o professor liberou os alunos para irem beber água.

Atividade 4 (15:32)

Nessa atividade, os quatro alunos formaram uma fila no centro da quadra, na linha de base. O professor explicou que cada aluno iria rebater uma bola, utilizando o movimento de *forehand*. O professor permaneceu do mesmo lado da quadra em que as crianças estavam e lançou as bolas para as crianças com as mãos. Durante a atividade, o professor realizou intervenções para corrigir o gesto técnico e a movimentação de pernas das crianças.

Após 5 minutos de atividade, o professor inverteu o lado para o qual estava lançando as bolas e as crianças deveriam agora realizar o *backhand* para rebater as bolas.

Atividade 5 (15:44)

O professor comunicou que as crianças iriam jogar o “jogo das vidas”. Em um dos lados da quadra, os alunos deveriam permanecer em fila. No outro lado, um aluno permaneceu sozinho. A área de jogo era apenas a área de saque. O professor lançava uma bola para o primeiro da fila, que deveria disputar o ponto com a criança que estava sozinha. A criança que estava sozinha poderia acumular ou perder vidas. Cada ponto vencido somaria uma vida, cada ponto perdido, tiraria uma vida. O objetivo das crianças da fila era impedir que a criança sozinha somasse vidas, e o objetivo da criança que estava sozinha era chegar em 10 vidas.

O professor determinou um tempo de 3 minutos de jogo, após esse tempo, ele trocava a criança que estava sozinha, para cada criança ficar sozinha uma vez. Durante a atividade, as crianças se mostraram animadas. Os pontos disputados foram longos, com muita troca de bola.

Após todas as crianças terem ficado sozinhas uma vez, o professor encerrou a atividade. Pediu para as crianças recolherem e guardarem as bolas para encerrar a aula.

DIÁRIO DE CAMPO AULA 3

Duração da aula: 1 hora

Número de alunos: 4

Idade da turma: 9 a 12 anos

Data da aula: 26/08/2009

O cenário da pesquisa foi o clube [...], a quadra era de saibro, com as medidas oficiais das quadras de Tênis de Campo. A aula foi ministrada por um professor, teve início às 16 horas.

O professor iniciou pedindo para que os alunos dessem 3 voltas correndo na quadra para aquecer. A seguir, pediu para que formassem em círculo para que pudessem alongar. O professor orientou o alongamento, durante a atividade, ficou conversando e interagindo com as crianças.

Atividade 1 (16:05):

Na primeira atividade, o professor pediu para que os alunos formassem uma fila, pois eles iriam pular corda. O professor amarrou uma ponta da corda no poste da rede e ficou

na outra ponta rodando a corda. As crianças se mostraram animadas. As crianças estavam segurando a raquete e deveriam simular o gesto técnico do *forehand* enquanto pulavam corda.

Atividade 2 (16:10):

A segunda atividade foi uma seqüência de piques. As crianças deveriam começar na linha de fundo, realizar um pique até a rede e voltar correndo de costas até a linha. Após a ida e volta, o professor dava um intervalo para as crianças descansarem. Essa seqüência foi repetida 4 vezes, depois disso, o professor deixou os alunos beberem água.

Atividade 3 (16:24)

Nessa atividade, os quatro alunos formaram uma fila no centro da quadra, na linha de base. O professor explicou que cada aluno iria rebater uma bola, utilizando o movimento de *forehand*. À frente da fila havia 4 cones, as crianças deveriam deslocar-se em zig-zag pelos cones antes de realizar a rebatida. O professor permaneceu do mesmo lado da quadra em que as crianças estavam e lançou as bolas para as crianças com as mãos. Durante a atividade, o professor realizou intervenções para corrigir o gesto técnico e a movimentação de pernas das crianças.

Após 5 minutos de atividade, o professor inverteu o lado para o qual estava lançando as bolas e as crianças deveriam agora realizar o *backhand* para rebater as bolas.

Atividade 4 (16:26)

O professor comunicou que as crianças iriam jogar o “jogo das vidas”. Em um dos lados da quadra, os alunos deveriam permanecer em fila. No outro lado, um aluno permaneceu sozinho. A área de jogo era apenas a área de saque. O professor lançava uma bola para o primeiro da fila, que deveria disputar o ponto com a criança que estava sozinha. A criança que estava sozinha poderia acumular ou perder vidas. Cada ponto vencido somaria uma vida, cada ponto perdido, tiraria uma vida. O objetivo das crianças da fila era impedir que a criança sozinha somasse vidas, e o objetivo da criança que estava sozinha era chegar em 10 vidas.

O professor determinou um tempo de 3 minutos de jogo, após esse tempo, ele trocava a criança que estava sozinha, para cada criança ficar sozinha uma vez. Durante a atividade, as crianças se mostraram animadas. Os pontos disputados foram longos, com muita troca de bola.

Após todas as crianças terem ficado sozinhas uma vez, o professor mudou a área de jogo. Agora os pontos seriam disputados na quadra inteira.

Atividade 5 (16:45)

O objetivo dessa atividade era o de treinar o saque e a devolução. Dois alunos deveriam ficar no fundo da quadra, realizando o saque. Os outros dois alunos estavam do outro lado da quadra e deveriam devolver o saque. O professor explicou que não seriam disputados pontos, o objetivo da atividade era apenas o de treinar o saque e a devolução. Após 3 minutos, o professor inverteu, os alunos que estavam sacando foram para a devolução e os alunos que estavam devolvendo foram para o saque.

Atividade 6 (16:50)

Para encerrar a aula, o professor propôs o jogo do “pit stop”. Em um dos lados da quadra, os alunos deveriam permanecer em fila. Do outro lado, um aluno permaneceu sozinho. A área de jogo era apenas a área de saque. O professor lançava uma bola para o primeiro da fila, que deveria disputar o ponto com a criança que estava sozinha. Se a criança que estava sozinha perdesse o ponto, deveria ir para o final da fila e a criança que venceu o ponto ocuparia o lugar da criança que estava sozinha.

Durante a atividade, as crianças se mostraram animadas. Os pontos disputados foram longos, com muita troca de bola.

Às 17 horas, o professor encerrou a aula e solicitou que os alunos recolhessem as bolas e as colocassem dentro do carrinho de bolas.

DIÁRIO DE CAMPO AULA 4

Duração da aula: 1 hora

Número de alunos: 4

Idade da turma: 8 a 12 anos

Data da aula: 26/08/2009

O cenário da pesquisa foi o clube [...], a quadra era de saibro, com as medidas oficiais das quadras de Tênis de Campo. A aula foi ministrada por um professor, teve início às 17 horas.

O professor iniciou pedindo para que os alunos formassem em círculo para que pudessem alongar. O professor orientou o alongamento, durante a atividade, ficou conversando e interagindo com as crianças.

Atividade 1 (17:06)

A primeira atividade foi um circuito formado por quatro estações. A primeira estação visava melhorar a movimentação de pernas das crianças. O professor posicionou cones próximos uns aos outros e as crianças deveriam se deslocar em zig-zag. A segunda estação era similar à primeira, mas a movimentação deveria ser lateral. A terceira estação visava melhorar a coordenação de pernas. Havia uma seqüência de bambolês no chão, o aluno deveria pisar duas vezes dentro e duas vezes fora de cada bambolê, e realizar isso da maneira mais rápida que conseguisse. Na quarta estação, a criança deveria executar o deslocamento para chegar em uma bola de *forehand* e simular a rebatida de *forehand*.

Cada aluno ficou em uma estação, que tinha duração de 1 minuto. Após o tempo, os alunos deveriam trocar de estação e isso se repetiu até que todos os alunos tivessem vivenciado todas as estações. Depois da atividade, o professor liberou os alunos para irem beber água. Enquanto os alunos estavam bebendo água, uma criança chegou para a aula e desculpou-se pelo atraso. O professor deixou que ela entrasse na aula.

Atividade 2 (17:12)

Nessa atividade, os cinco alunos formaram uma fila no centro da quadra, na linha de base. O professor explicou que cada aluno iria rebater uma bola, utilizando o movimento de *forehand*. O professor permaneceu do mesmo lado da quadra em que as crianças estavam e lançou as bolas para as crianças com as mãos. Durante a atividade, o professor realizou intervenções para corrigir o gesto técnico e a movimentação de pernas das crianças.

Após 5 minutos de atividade, o professor inverteu o lado para o qual estava lançando as bolas e as crianças deveriam agora realizar o *backhand* para rebater as bolas.

Atividade 3 (17:24)

O professor dividiu o espaço da quadra em 3 áreas: a área de saque do lado direito, a área de saque do lado esquerdo e o espaço do fundo de um dos lados da quadra, que foi dividido ao meio por uma cadeira. Quatro alunos permaneceram cada um em um quadrado de saque, e deveriam trocar bolas na paralela. Outro aluno ficou na área do fundo e deveria trocar bola com o professor. O objetivo da atividade era o de controlar a troca de bola, realizando o menor número de erros que conseguissem. A cada 2 minutos, os alunos deveriam rodar a posição em que estavam. Dessa forma, ao final da atividade todos os alunos tinham formado pares juntos.

Atividade 4 (17:38)

O professor repetiu a dinâmica da atividade anterior, mas agora as bolas deveriam ser controladas na cruzada.

Atividade 5 (17:52)

O professor explicou que a atividade seria uma disputa de pontos na área de saque. Quatro alunos permaneceram cada um em um quadrado de saque, e deveriam disputar um ponto na paralela, o aluno que estava de fora iria ocupar o lugar de quem perdesse o primeiro ponto. Quem perdesse o ponto sairia e entraria no lugar da pessoa que perdesse o próximo ponto, e assim sucessivamente.

APÊNDICE D - Transcrição dos dados do Clube Paineiras do Morumby

Entrevistas com os professores

ENTREVISTADO 1

1. Qual a sua formação escolar?

Sou formado em Educação Física pela Universidade Bandeirante de São Paulo.

2. Você já exerceu alguma profissão não relacionada ao Tênis de Campo?

Já, já trabalhei muito em restaurante, em escritório, de motoboy, várias outras profissões.

3. Quais foram suas vivências no Tênis de Campo? Você foi atleta, boleiro, árbitro, dirigente, entre outros?

Eu fui boleiro, competi durante um tempo, tenho curso de árbitro.

4. Você já participou de cursos, oficinas, palestras relacionados à modalidade?

Sempre que possível a gente participa sim.

5. Em qual instituição você trabalha?

No Clube Paineiras do Morumby.

6. Há quanto tempo você trabalha com Tênis?

Já trabalhava antes de ter minha formação acadêmica, por volta de uns 9 anos.

7. Quando você vai dar aula para crianças, com quantas crianças você trabalha por aula?

Aqui no clube até 12 crianças na quadra.

8. Qual que é a faixa etária dessas crianças que você trabalha?

É dividida em 5 e 6, 7 e 8, 9 e 10, 11 e 12.

9. Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?

Aqui a gente cobra muito a técnica, são as empunhaduras, o golpe em si, toda a parte mecânica do movimento e, por final, a movimentação.

10. Na sua opinião, quais são os aspectos mais importantes a serem considerados em uma aula de iniciação ao Tênis de Campo?

Tem que ser divertida, né? Uma aula parada, quieta a criança desestimula. Então, além da parte técnica, a gente tem que entrar no mundo da criança para poder estimular, né.

Clube Paineiras do Morumby

Entrevistas com os professores

ENTREVISTADO 2

1. Qual a sua formação escolar?

Sou formada em Educação Física, na UMEC.

2. Você já exerceu alguma profissão não relacionada ao Tênis de Campo?

Não, nunca.

3. Quais foram suas vivências no Tênis de Campo? Você foi atleta, boleiro, árbitro, dirigente, entre outros?

Prendi a jogar tênis aos 17 anos, quando ainda fazia faculdade. Eu fazia estágio aqui na Paineiras e um dos professores me ensinou a jogar.

4. Você já participou de cursos, oficinas, palestras relacionados à modalidade?

Sim, sempre que possível, participo de congressos, simpósios e cursos.

5. Em qual instituição você trabalha?

No Clube Paineiras do Morumby.

6. Há quanto tempo você trabalha com Tênis?

Há 13 anos.

7. Quando você vai dar aula para crianças, com quantas crianças você trabalha por aula?

Geralmente 12 crianças na quadra.

8. Qual que é a faixa etária dessas crianças que você trabalha?

De 5 a 12 anos.

9. Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?

A prioridade é a formação da criança. Desde a base motora, desenvolver uma boa coordenação geral, até o desenvolvimento dos golpes específicos do Tênis.

10. Na sua opinião, quais são os aspectos mais importantes a serem considerados em uma aula de iniciação ao Tênis de Campo?

Eu acho que uma aula de iniciação deve trabalhar aspectos básicos como desenvolver o interesse pelo esporte, promover a socialização entre as crianças. Precisa também desenvolver as habilidades motoras e promover uma melhora nos golpes técnicos do tênis.

Diário de Campo Aula 1:

Duração da aula: 45 minutos

Número de alunos: 4

Idade da turma: 7 a 10 anos

Data da aula: 05/09/2009

O cenário da pesquisa foi o clube [...], a quadra era de lisonda, com medidas adaptadas da quadra de Tênis de Campo. A aula foi ministrada por uma professora, teve início às 14 horas.

Atividade 1 (14:03)

Para iniciar a aula, a professora pediu para que os alunos dessem 3 voltas correndo na quadra. A seguir, solicitou que os alunos realizassem exercícios coordenativos, que envolviam variações na corrida, tais como: correr elevando os joelhos, elevando os calcanhares, realizar corridas laterais.

Atividade 2 (14:10)

Na segunda atividade, a professora pediu que cada aluno pegasse 5 bolinhas e as enfileirasse ao longo da quadra. A primeira bolinha deveria estar posicionada próxima à rede, a última, próxima à linha de base. Depois de posicionarem as bolas, cada aluno deveria permanecer próximo à primeira bola da fila.

A professora explicou que o objetivo da atividade era o de treinar o saque. A dificuldade iria aumentar à medida que os alunos se afastassem da rede e sacassem as bolas posicionadas próximas ao fundo da quadra. A seguir, a professora chamou um aluno de cada vez

para que realizasse o primeiro saque. A cada execução a professora realizava um comentário, seja um elogio ou uma correção.

Após todos os alunos terem sacado as 5 bolas, a professora pediu que eles ficassem na linha de fundo da quadra adaptada e treinassem o saque. Havia um balde no fundo da quadra, cada aluno deveria pegar uma bola de cada vez para sacar. Aqueles que não estavam sacando formaram uma fila para aguardar sua vez.

Atividade 3 (14:20)

A professora explicou que nessa atividade os alunos iriam treinar o golpe de *forehand*. Os alunos deveriam posicionar-se sobre a linha de saque, um aluno em cada quadrado, o restante deveria posicionar-se em fila. Dessa forma havia duas filas, uma do lado direito, uma do lado esquerdo da quadra. A professora permaneceu do outro lado da quadra e explicou que iria lançar 3 bolas para cada aluno, e eles deveriam rebater-las utilizando o *forehand*. Após rebater 3 bolas, o aluno deveria ir para o final da fila.

Atividade 4 (14:26)

Essa atividade manteve a mesma estrutura da atividade anterior. No entanto, a professora explicou que gostaria que os alunos treinassem o deslocamento para frente e para trás. Assim, iria lançar 4 bolas para cada um, uma bola mais à frente, para que o aluno avançasse para rebater e uma bola mais atrás, para que o aluno afastasse para rebater. Isso se repetiria mais uma vez. Os alunos deveriam rebater as 4 bolas alternadamente, uma utilizando o golpe de *forehand* e a outra utilizando o *backhand*.

Atividade 5 (14:30)

A professora explicou que nessa atividade os alunos iriam disputar 5 pontos. Dois jogariam e dois esperariam. Ao término dos 5 pontos, um dos alunos que estava jogando iria sair e outro iria entrar. Cada aluno jogaria no máximo 2 partidas seguidas. A área de jogo correspondia à quadra adaptada, demarcada com giz. Não haveria saque na disputa dos pontos, era a professora que lançava a bola para dar início ao ponto. Durante os pontos a professora realizou intervenções, questionando os alunos sobre questões táticas como o posicionamento durante os pontos.

Atividade 6 (14:40)

Para encerrar a aula, a professora propôs um outro jogo. Em um dos lados da quadra, os alunos deveriam permanecer em fila. Do outro lado, um aluno permaneceu sozinho. A área de jogo era a quadra adaptada. A professora lançava uma bola para o primeiro da fila, que deveria disputar o ponto com a criança que estava sozinha. Se a criança que estava sozinha perdesse o ponto, o aluno do outro lado deveria avançar para a rede e disputar um ponto posicionado no voleio. Se ganhasse esse ponto, deveria ocupar o lugar da criança que estava sozinha que, por sua vez, deveria ir para o final da fila.

Às 14:45 a professora encerrou a aula.

Diário de Campo Aula 2:

Duração da aula: 45 minutos

Número de alunos: 3

Idade da turma: 7 a 10 anos

Data da aula: 05/09/2009

Atividade 1 (14:48)

Para iniciar a aula, o professor pediu para que os alunos dessem 3 voltas correndo na quadra. A seguir, solicitou que os alunos realizassem exercícios coordenativos, que envolviam variações na corrida, tais como: correr elevando os joelhos, elevando os calcanhares, realizar corridas laterais.

Atividade 2 (14:53)

O professor pediu para que os alunos pegassem suas raquetes e realizassem o movimento de saque sem bola. A seguir, pediu que cada aluno pegasse uma bola e fizesse o movimento do saque, mas sem rebater a bola. Solicitou que as crianças prestassem atenção no movimento e no lançamento da bola. Depois disso, os alunos deveriam posicionar-se na linha de base e treinar o saque.

Atividade 3 (15:00)

O professor explicou que nessa atividade os alunos iriam treinar o controle de bola. Dois alunos deveriam posicionar-se no canto direito da quadra, a 2 metros de distância um do outro e tentar rebater a bola controlando o máximo possível a troca de bolas.

O outro aluno iria realizar uma atividade com o professor. Ele explicou que o objetivo da atividade era o de treinar o golpe de *forehand*. O aluno deveria posicionar-se sobre a linha de saque, o golpe de *forehand*. Após rebater a bola, o aluno deveria reposicionar-se no centro da quadra. Após 3 minutos de atividade, o professor inverteu o lado e pediu para que o aluno rebatesse as bolas utilizando o golpe de *backhand*.

O professor realizou 3 rodízios nessa atividade, de forma que os 3 alunos passassem pelas duas atividades. Às 15:17 o professor deixou as alunas irem beber água centro da quadra.

Atividade 4 (15:20)

Nessa atividade as alunas iriam disputar pontos. Dois alunos disputariam 3 pontos e um esperaria. Quem perdesse a disputa deveria sair e o que estava esperando deveria entrar no seu lugar. Às 15:30 o professor encerrou a aula.

Diário de Campo Aula 3:

Duração da aula: 45 minutos

Número de alunos: 4

Idade da turma: 7 a 10 anos

Data da aula: 05/09/2009

Atividade 1 (15:32)

Para iniciar a aula, a professora pediu para que os alunos dessem 3 voltas correndo na quadra. A seguir, solicitou que os alunos realizassem exercícios coordenativos, que envolviam variações na corrida, tais como: correr elevando os joelhos, elevando os calcanhares, realizar corridas laterais.

Atividade 2 (15:38)

Na segunda atividade, a professora pediu que cada aluno pegasse 7 bolinhas e as enfileirasse ao longo da quadra. A primeira bolinha deveria estar posicionada próxima à rede, a última, próxima à linha de base. Depois de posicionarem as bolas, cada aluno deveria permanecer próximo à primeira bola da fila.

A professora explicou que o objetivo da atividade era o de treinar o saque. A dificuldade iria aumentar à medida que os alunos se afastassem da rede e sacassem as bolas posicionadas próximas ao fundo da quadra. A seguir, a professora chamou um aluno de cada vez para que realizasse o primeiro saque. A cada execução a professora realizava um comentário, seja um elogio ou uma correção.

Após todos os alunos terem sacado as 7 bolas, a professora pediu que eles ficassem na linha de fundo da quadra adaptada e treinassem o saque. Havia um balde no fundo da quadra, cada aluno deveria pegar uma bola de cada vez para sacar. Aqueles que não estavam sacando formaram uma fila para aguardar sua vez.

Atividade 3 (15:47)

A professora explicou que nessa atividade os alunos iriam treinar o golpe de *forehand*. Os alunos deveriam posicionar-se sobre a linha de saque, a professora permaneceu do outro lado da quadra e explicou que iria lançar 4 bolas para cada aluno, e eles deveriam rebatê-las utilizando o *forehand*. Uma bola seria lançada próxima ao aluno e a outra longe, depois o aluno deveria reposicionar-se no centro da quadra e repetir a atividade. Os outros alunos deveriam permanecer em fila. O primeiro da fila deveria realizar um “espelho”, ou seja, imitar os movimentos das rebatidas.

Atividade 4 (15:56)

Essa atividade manteve a mesma estrutura da atividade anterior. No entanto, a professora explicou que gostaria que os alunos treinassem o deslocamento para frente e para trás. Assim, iria lançar 4 bolas para cada um, uma bola mais à frente, para que o aluno avançasse para rebater e uma bola mais atrás, para que o aluno afastasse para rebater. Isso se repetiria mais uma vez. Os alunos deveriam rebater as 4 bolas alternadamente, uma utilizando o golpe de *forehand* e a outra utilizando o *backhand*.

Atividade 5 (16:00)

A professora explicou que nessa atividade os alunos iriam disputar 5 pontos. Dois jogariam e dois esperariam. Ao término dos 5 pontos, um dos alunos que estava jogando iria sair e outro iria entrar. Cada aluno jogaria no máximo 2 partidas seguidas. A área de jogo correspondia à quadra adaptada, demarcada com giz. Não haveria saque na disputa dos pontos, era a professora que lançava a bola para dar início ao ponto. Durante os pontos a professora realizou intervenções, questionando os alunos sobre questões táticas como o posicionamento durante os pontos.

Atividade 6 (16:10)

Para encerrar a aula, a professora propôs um outro jogo. Em um dos lados da quadra, os alunos deveriam permanecer em fila. Do outro lado, um aluno permaneceu sozinho. A área de jogo era a quadra adaptada. A professora lançava uma bola para o primeiro da fila, que deveria disputar o ponto com a criança que estava sozinha. Se a criança que estava sozinha perdesse o ponto, o aluno do outro lado deveria avançar para a rede e disputar um ponto posicionado no voleio. Se ganhasse esse ponto, deveria ocupar o lugar da criança que estava sozinha que, por sua vez, deveria ir para o final da fila.

Às 16:15 a professora encerrou a aula.

Diário de Campo Aula 4:

Duração da aula: 45 minutos

Número de alunos: 9

Idade da turma: 7 a 12 anos

Data da aula: 05/09/2009

Atividade 1 (16:16)

Para iniciar a aula, o professor pediu para que os alunos dessem 3 voltas correndo na quadra. A seguir, solicitou que os alunos realizassem exercícios coordenativos, que envolviam variações na corrida, tais como: correr elevando os joelhos, elevando os calcanhares, realizar corridas laterais.

Atividade 2 (16:20)

O professor pediu para que os alunos pegassem suas raquetes e realizassem o movimento de saque sem bola. A seguir, pediu que cada aluno pegasse uma bola e fizesse o movimento do saque, mas sem rebater a bola. Solicitou que as crianças prestassem atenção no movimento e no lançamento da bola. Depois disso, os alunos deveriam posicionar-se na linha de base e treinassem o saque.

Atividade 3 (16:26)

O professor explicou que nessa atividade os alunos iriam treinar o controle de bola. Pediu para os alunos formarem uma fila e pediu que o primeiro da fila treinasse o controle de bola com o professor. A distância entre o professor e o aluno era de aproximadamente 3 metros. O professor fez essa dinâmica de controle com os 9 alunos. Depois disso deixou que todos fossem beber água.

Enquanto os alunos estavam bebendo água, o professor montou mini-quadras, a rede era formada por dois cones amarrados por um barbante. Foram montadas 4 mini-quadras.

Atividade 4 (16:35)

Nessa atividade, 8 alunos deveriam fazer controle de bola nas mini-quadras e um aluno fez atividades com o professor. Esta atividade tinha como objetivo treinar o golpe de *forehand* e *backhand*. O professor explicou que iria lançar duas bolas para o aluno rebater utilizando o *forehand* e outras duas, o *backhand*. Ao longo da atividade, o professor realizou intervenções para corrigir o gesto técnico do aluno. A cada 3 minutos, o professor realizava um rodízio nas mini-quadras e do aluno que estava realizando a outra atividade. Isso se repetiu 9 vezes, até que todos os alunos tivessem passado pela estação com o professor. Às 17:00 o professor encerrou a aula.

APÊNDICE E - Transcrição dos dados do Esporte Clube Pinheiros

Entrevistas com os professores

ENTREVISTADO 1

1. Qual a sua formação escolar?

Sou formado em Educação Física pela Universidade Federal de São Carlos, por enquanto não fiz nenhuma pós graduação.

2. Você já exerceu alguma profissão não relacionada ao Tênis de Campo?

Não, eu sempre, desde os 16 anos, trabalhei com a modalidade.

3. Quais foram suas vivências no Tênis de Campo? Você foi atleta, boleiro, árbitro, dirigente, entre outros?

Eu fui atleta não profissional, joguei tênis juvenil durante vários anos. Mas, como disse não atingi o nível profissional.

4. Você já participou de cursos, oficinas, palestras relacionados à modalidade?

Bom, eu fiz diversos cursos e palestrar. Fiz todos os cursos da Confederação Brasileira de Tênis, tive oportunidade de fazer alguns workshops fora do Brasil, Colômbia, Paraguai, fiz cursos da ITF no Chile. Em relação aos cursos, eu estou com um currículo bem amplo.

5. Há quanto tempo você trabalha com Tênis de Campo?

Desde os 16 anos de idade, eu estou com 27, então há 11 anos eu trabalho com Tênis.

6. Em qual instituição você trabalha?

Hoje em dia eu trabalho no Esporte Clube Pinheiros.

7. Quando você vai dar aula para crianças, com quantas crianças você trabalha por aula?

Bom, na escolinha de Tênis do Esporte Clube Pinheiros o número de crianças varia dependendo do nível da turma. A gente inicia com turmas de iniciação com até 12 crianças por quadra. Nessa estrutura, a gente têm um professor e dois estagiários para auxiliar. E a gente utiliza uma metodologia bem diferente para tornar a aula dinâmica. Então a gente passa para o nível intermediário onde jogam até 8 crianças por quadra. E no último estágio que seria o estágio mais avançado jogam até 6 crianças por quadra..

8. Qual que é a faixa etária dessas crianças que você trabalha?

A faixa etária varia de 6 a 12 anos de idade.

9. Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?

Bom, nosso planejamento é dividido em duas partes, nos aspectos físicos e nos aspectos relacionados ao Tênis. Em relação aos aspectos físicos, a gente procura desenvolver, na primeira parte da aula, as habilidades motoras fundamentais que são divididas em locomoção, estabilização e manipulação, segundo o autor que a gente usa, Gallahue. Na parte de Tênis, a gente utiliza uma metodologia aberta, a gente costuma trabalhar um pouco do que a ITF prega que seria o método Play and Stay. Então, nossa metodologia ela tem uma base do Play and Stay mas a gente já evolui para uma metodologia própria. Nosso planejamento a gente costuma dividir também de acordo com as situações de jogo, que seriam as situações de saque e devolução, golpes de fundo e a situação de rede/passador. Cada situação a gente costuma trabalhar durante três semanas. Então, nosso objetivo geral com o planejamento é de oferecer para as crianças a oportunidade de praticar de maneira igual todas as situações de jogo. Nossa proposta é a de formar jogadores completos.

10. Na sua opinião, quais são os aspectos mais importantes a serem considerados em uma aula de iniciação ao Tênis de Campo?

Bom, eu estou cada vez mais convicto que o ideal para crianças na parte de iniciação é você desenvolver o repertório motor dela. A aprendizagem do Tênis acaba sendo até um pouco secundária eu diria. A gente se preocupa muito mais em desenvolver habilidades como a rebatida, o correr, o saltar. E a parte técnica e tática do Tênis acaba acompanhando o desenvolvimento motor da criança. Agora em relação à parte técnica, eu não tenho dúvida que nessa fase de iniciação o importante é desenvolver um bom ponto de contato. Quando a criança desenvolve um bom ponto de contato, ela vai ter uma boa base para desenvolver bons golpes, etc. Na parte tática, a gente costuma desenvolver muito essa questão da regularidade e consistência nessa primeira fase, introduzindo um pouco de direções.

ENTREVISTADO 2

1. Qual a sua formação escolar?

Até o segundo colegial.

2. Você já exerceu alguma profissão não relacionada ao Tênis de Campo?

Já, eu fui estoquista.

3. Quais foram suas vivências no Tênis de Campo? Você foi atleta, boleiro, árbitro, dirigente, entre outros?

Já fui boleiro e agora eu dou aula.

4. Você já participou de cursos, oficinas, palestras relacionados à modalidade?

Sim, vários.

5. Em qual instituição você trabalha?

No Esporte Clube Pinheiros.

6. Há quanto tempo você trabalha com Tênis?

Há 31 anos.

7. Quando você vai dar aula para crianças, com quantas crianças você trabalha por aula?

Aqui no clube, 8.

8. Qual que é a faixa etária dessas crianças que você trabalha?

Varia muito, às vezes não é pela idade, é mais pelo nível. As crianças são de 7 a 12 anos, mas eu tenho aluno de 6.

9. Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?

Ensinar a base, os golpes de direita, esquerda, os voleios, smash e o saque.

10. Na sua opinião, quais são os aspectos mais importantes a serem considerados em uma aula de iniciação ao Tênis de Campo?

Ensinar os golpes básicos que vão ensinar a ele a ser um jogador.

ENTREVISTADO 3

1. Qual a sua formação escolar?

Ensino Médio completo.

2. Você já exerceu alguma profissão não relacionada ao Tênis de Campo?

Já, eu fui motoboy,

3. Quais foram suas vivências no Tênis de Campo? Você foi atleta, boleiro, árbitro, dirigente, entre outros?

Já fui boleiro.

4. Você já participou de cursos, oficinas, palestras relacionados à modalidade?

Sim.

5. Em qual instituição você trabalha?

No Esporte Clube Pinheiros.

6. Há quanto tempo você trabalha com Tênis?

Há 6 anos.

7. Quando você vai dar aula para crianças, com quantas crianças você trabalha por aula?

Doze crianças

8. Qual que é a faixa etária dessas crianças que você trabalha?

De 6 a 12 anos.

9. Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?

Minha prioridade é ensinar a criança a fazer o movimento dos golpes pegando a bola sempre na frente do corpo.

10. Na sua opinião, quais são os aspectos mais importantes a serem considerados em uma aula de iniciação ao Tênis de Campo?

A criança saber a direita e a esquerda, mas o mais importante é a crianças estar vivenciando o jogo.

ENTREVISTADO 4

1. Qual a sua formação escolar?

Sou pós-graduado em administração e marketing esportivo, graduado em Educação Física na FMU.

2. Você já exerceu alguma profissão não relacionada ao Tênis de Campo?

Sim, trabalhei junto com meu pai em um restaurante.

3. Quais foram suas vivências no Tênis de Campo? Você foi atleta, boleiro, árbitro, dirigente, entre outros?

Todas essas, já fui atleta, fui boleiro, fui árbitro, fui coordenador de uma academia.

4. Você já participou de cursos, oficinas, palestras relacionados à modalidade?

Sim, vários.

5. Em qual instituição você trabalha?

No Esporte Clube Pinheiros.

6. Há quanto tempo você trabalha com Tênis?

Há 7 anos.

7. Quando você vai dar aula para crianças, com quantas crianças você trabalha por aula?

Entre 3 e 6 crianças.

8. Qual que é a faixa etária dessas crianças que você trabalha?

Entre 8 até no máximo 12 anos.

9. Em relação aos conteúdos das aulas, quais as suas prioridades?

É a aplicação da técnica com objetivos táticos.

10. Na sua opinião, quais são os aspectos mais importantes a serem considerados em uma aula de iniciação ao Tênis de Campo?

A motivação das crianças.

Diário de Campo Aula 1:

Duração da aula: 40 minutos

Número de alunos: 1

Idade da turma: 7 anos

Data da aula: 24/09/2009

Atividade 1 (08:00)

Nessa atividade, a criança deveria ficar no gol, como se fosse um goleiro. O professor lançava a bola tentando marcar o gol, o goleiro deveria realizar a defesa com a raquete.

Atividade 2 (08:10)

Na segunda atividade, o professor propôs que ele e a criança trocassem bolas na quadra reduzida. As bolas utilizadas eram de espuma, a troca de bolas foi realizada, inicialmente com o professor na rede realizando voleios, e a criança no fundo da quadra devolvendo a bola. Após 5 minutos, o professor inverteu as posições, a criança deveria volear e ele ficaria no fundo da quadra. Após mais cinco minutos, ambos ficaram no fundo da quadra e o bate bola foi

realizado de maneira livre, mas o professor pediu para que a criança subisse para a rede sempre que achasse possível, para treinar o voleio.

Atividade 3 (08:28)

Nessa atividade, o professor sugeriu que ele e a criança disputassem pontos. A criança deveria sacar e o professor insistiu na orientação de que a criança tentasse subir à rede sempre que avaliasse ser uma boa situação para voar. Durante o jogo, o professor realizou intervenções questionando as decisões do aluno em algumas jogadas, criando uma discussão sobre as percepções de jogo do aluno.

Diário de Campo Aula 2:

Duração da aula: 40 minutos

Número de alunos: 4

Idade da turma: 7 anos

Data da aula: 24/09/2009

Atividade 1 (08:45)

Nessa atividade, uma criança deveria ficar no gol, como se fosse um goleiro. As outras crianças deveriam lançar a bola tentando marcar o gol, o goleiro deveria realizar a defesa com a raquete. Após 3 minutos o professor inverteu as posições, quem estava no gol deveria arremessar e quem estava no arremessando deveria ir defender no gol.

Atividade 2 (09:00)

Na segunda atividade, as crianças formaram duplas. Uma dupla deveria permanecer no fundo da quadra, cada criança de um lado. A outra dupla deveria permanecer na rede, as crianças deveriam ficar de costas para a rede, olhando para a criança que estava no fundo da sua quadra. O objetivo das crianças que estavam no fundo da quadra era lançar a bola uma para a outra, evitando que as crianças da rede conseguissem encostar na bola. As crianças que estavam na rede deveriam tentar encostar na bola, quando isso acontecia, invertiam-se as posições: quem estava na rede iria para o fundo e vice-versa. Ao longo da atividade, os professores realizavam intervenções explicando que o esta atividade se aproximava da situação

de jogo de voleio. O objetivo do voleador é o de encostar na bola e o objetivo do jogador do fundo é o de realizar a passada.

Atividade 3 (09:15)

Nessa atividade as crianças foram divididas em duas mini-quadras e realizaram um jogo de simples nas quadras reduzidas. As regras do jogo eram as mesmas do jogo formal. No entanto, a quadra era reduzida, a rede era mais baixa e as bolas eram de espuma. Os professores explicaram que o jogo era livre, mas pediram que as crianças tentassem subir à rede sempre que achassem possível, a fim de criar a situação de jogo trabalhada durante a aula, que era a de voleador-passador. Durante o jogo, os professores realizaram intervenções questionando as decisões dos alunos em algumas jogadas, criando uma discussão sobre as percepções de jogo do aluno.

Às 9:30 o professor encerrou a aula.

Diário de Campo Aula 3:

Duração da aula: 40 minutos

Número de alunos: 3

Idade da turma: 11 anos

Data da aula: 24/09/2009

Atividade 1 (10:20)

Nessa atividade, as crianças ficaram sobre a linha de saque e deveriam trocar bolas na paralela. O professor fez dupla com um dos alunos. A cada 3 minutos o professor pediu para que as crianças mudassem a posição de forma que todos trocassem bolas com todos. Ao longo do exercício, o professor explicou que o tema da aula seria o posicionamento das pernas durante as rebatidas, a “base das pernas”.

Atividade 2 (10:30)

Um professor auxiliar entrou para esta atividade. Ambos os professores ficaram na rede realizando voleios na paralela. Os 3 alunos deveriam ficar no fundo da quadra, dois rebatendo bola na paralela com os professores e um esperando. O aluno que errasse sairia e o

aluno que estava esperando entraria em seu lugar. Durante essa dinâmica, os professores cobraram uma boa movimentação das crianças e insistiram na base durante as batidas, exigindo constantemente que os alunos flexionassem os joelhos no momento das rebatidas.

Atividade 3 (10:41)

Nesta atividade, uma criança permaneceu sozinha de um lado da quadra e os outros dois alunos ficaram do outro lado, um deles jogaria um ponto e o outro esperaria. O professor lançava as bolas para o lado em que estavam as duas crianças. A orientação era a de que o aluno rebatesse a primeira bola no fundo da quadra adversária, a bola deveria pingar para trás da linha de saque. Caso a bola pingasse dentro da área de saque, o jogador já perderia o ponto. Essa dinâmica durou 5 minutos, depois o professor trocou o aluno que estava sozinho

Atividade 4 (10:55)

O professor sugeriu que eles jogassem um jogo até 10 pontos para encerrar a aula. Não haveria saque, e o professor participou do jogo, formando um jogo de duplas.

Às 11:00 o professor encerrou a aula.

APÊNDICE F

TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO

PROJETO DE PESQUISA: PEDAGOGIA DO ESPORTE E A INICIAÇÃO
AO

TÊNIS DE CAMPO: UM ESTUDO NO ESTADO DE SÃO PAULO

RESPONSÁVEL PELO PROJETO: Sabine Zink Bolonhini

ORIENTADOR: Prof. Ld. Roberto Rodrigues Paes.

Eu, _____, _____ anos
de idade, RG _____, residente (rua, Av., bairro, CEP,
cidade) _____

_____, *voluntariamente concordo em participar do
projeto de pesquisa acima mencionado, o qual adotará os seguintes objetivos e procedimentos:*

O objetivo das entrevistas é verificar o nível de escolaridade do professor, como ele compreende o processo de iniciação esportiva e quais aspectos ele julga importantes para sua atuação como professor de aulas de Tênis de Campo para crianças.

- O estudo será realizado nos principais clubes do estado de São Paulo
- As entrevistas serão realizadas em locais escolhidos pelos sujeitos, nas datas e locais de sua preferência.
- Os procedimentos aos quais os sujeitos serão submetidos consistem em entrevistas semi-estruturadas, cujas perguntas poderão ser respondidas de acordo com as preferências dos sujeitos.
- As entrevistas semi estruturadas serão gravadas, analisadas e posteriormente transcritas na íntegra no trabalho final.
- Os sujeitos terão acesso ao trabalho final e seus resultados.

- O pesquisador se responsabiliza pelo desenvolvimento da pesquisa e estará disponível para esclarecimentos sobre a mesma antes, durante e depois dos procedimentos aplicados.
- É garantido aos sujeitos da pesquisa o direito de recusa em continuar sua participação em qualquer momento sem prejuízos para o mesmo.
- A pesquisadora se compromete em manter sigilo das informações confidenciais obtidas. É objetivo da pesquisadora manter sigilo da identidade de seus sujeitos.
- Não haverá nenhuma forma de reembolso de dinheiro, já que com a participação na pesquisa não haverá qualquer tipo de gasto.
- Todos os sujeitos ou seus responsáveis receberão uma cópia do Termo de Consentimento Livre e esclarecido (TCLE).

Li e entendi as informações acima, e dúvidas futuras, que possam ocorrer, serão prontamente esclarecidas, bem como o acompanhamento dos resultados obtidos durante a coleta de dados, ou seja, a transcrição das entrevistas e os dados registrados no diário de campo.

Declaro concordar em fornecer as informações solicitadas, sabendo estarem garantidos os esclarecimentos que eu julgar necessários, bem como a liberdade de me recusar a participar ou retirar o consentimento, em qualquer momento, sem qualquer penalidade e/ou prejuízo.

Campinas, _____ de _____ de 2008.

Assinatura Sabine Zink Bolognini
Pesquisadora Responsável

Prof. Ld. Roberto Rodrigues Paes

Orientador

Agradecemos a colaboração

Pesquisadora: Sabine Zink Bolonhini

Email: sabolonhini@hotmail.com

Possui Currículo Lates

Prof. Ld. Roberto Rodrigues Paes

TEL: 3521.6620 (Departamento de Ciência do Esporte)

E-mail: robertopaes@fef.unicamp.br

Comitê de Ética:

TEL: 3521-8936